Universidade Federal do Rio de Janeiro

PAISAGENS OCULTAS:
CARTOGRAFANDO NARRATIVAS NOS VESTÍGIOS DO RIO CARIOCA

Domitila Gomes Almenteiro

2023

PAISAGENS OCULTAS:
CARTOGRAFANDO NARRATIVAS NOS VESTÍGIOS DO RIO CARIOCA

Domitila Gomes Almenteiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte integrante dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Arquitetura na área de concentração Qualidade, Ambiente e Paisagem.

Orientadora: Profª. Drª. Vera Regina Tângari

Rio de Janeiro

Agosto, 2023.

PAISAGENS OCULTAS:
CARTOGRAFANDO NARRATIVAS NOS VESTÍGIOS DO RIO CARIOCA

DOMITILA GOMES ALMENTEIRO

Orientadora: Profª. Drª. Vera Regina Tângari

Aprovada por:

_____
Presidente, Profª. Drª. Vera Regina Tângari (Orientadora)
| PROARQ / FAU / UFRJ |

_____
Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz
| PROARQ / FAU / UFRJ |

_____
Prof. Dr. Alex Assunção Lamounier
| EAU / UFF |

Rio de Janeiro

Agosto, 2023.

ALMENTEIRO, Domitila.

Paisagens ocultas: cartografando narrativas nos vestígios do Rio Carioca 126 p., 21 x 29,7cm

Orientadora: Prof. Dr. Vera Regina Tângari

Dissertação de Mestrado - UFRJ/PROARQ - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - 2023

Referências Bibliográficas: p. 113 a 116.

Palavras-Chave: 1- Espaços Livres Públicos, 2- Morfologia Urbana, 3- Subjetividade, 4- Rio Carioca, 5- Rio de Janeiro.

Resumo: Se abríssemos as pessoas, encontraríamos paisagens. E se abríssemos a cidade? A pesquisa proposta tem por objetivo cartografar os aspectos intangíveis da paisagem, como afetividade, disputas e conflitos, no recorte da Bacia Hidrográfica do Rio Carioca. Com isso, intenciona interpretar as diferentes formas de percepção do ambiente na escala do cotidiano e jogar luz às narrativas invisibilizadas. Através da exploração dos vestígios do abastecimento da Cidade do Rio de Janeiro, o trabalho entrelaça as águas, as pessoas e as minhas próprias vivências, assim como passado e presente. Os fundamentos e estratégias metodológicas exploram a relação entre corpo, subjetividade e cidade no contexto do direito à água e dos direitos da Natureza. São discutidos conceitos-chave, como paisagem, territorialidade, atmosferas de preferência e pracialidades, que estabelecem conexões entre arquitetura, morfologia urbana e percepção ambiental. Assim, utilizando a cartografia como método do corpo presente, busca descortinar as paisagens ocultas nos caminhos do Rio Carioca destacando as diversas formas de interação com as águas públicas.

Palavras chave: espaços livres públicos; morfologia urbana; subjetividade; Rio Carioca; Rio de Janeiro.

Abstract: If we were to open people, we would find landscapes. What if we opened the city? This research aims to map the intangible aspects of the landscape, such as emotions, disputes, and conflicts, within the context of the watershed of the Carioca River. With this, it intends to interpret the different ways of perceiving the environment at the everyday scale and shed light on hidden narratives. Through exploration the traces of water supply in the city of Rio de Janeiro, this work intertwines waters, people, and my own experiences, as well as past and present. The theoretical and methodological foundations address the relationship between body, subjectivity, and city in the context of the right to water and rights of Nature. Key concepts such as landscape, territoriality, preferences, and “squarability” are discussed, establishing connections between architecture, urban morphology, and environmental psychology. Thus, using cartography as a method of the present body, it seeks to unveil the hidden landscapes along the paths of the Carioca River, highlighting the various ways of interacting with public waters.

Keywords: public open Spaces; urban morphology; subjectivity; Carioca River, Rio de Janeiro.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof. Vera Tângari, por confiar na pesquisa e me guiar desde o início da minha formação.

Ao grupo SEL-RJ pelos debates, inspirações e acolhimento.

À banca de avaliação, pelas sugestões dadas em minha qualificação, que foram fundamentais para a conclusão do trabalho.

A CAPES, pela bolsa de fomento que me permitiu realizar a pesquisa de mestrado.

Aos meus pais, Andrea e Ronald, por terem plantado na nossa família a semente da inquietação, que alimenta o espírito do *flanear* e a paixão pelo Rio.

Aos meus sócios e grandes amigos, Fabs, Guiga e Pablo, que seguraram as pontas durante esse tempo e seguiram tocando nosso barco.

Ao Téo, pela parceria de vida. Por traduzir meus gestos em palavras. Ler, reler e reler, todos os meus textos, e me ensinar que a escrita era uma ferramenta dominável.

Obrigada pela compreensão das ausências e pelo apoio!

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa com a definição recorte de estudos. 6
Figura 02: Fachada da Casa de Estudos Urbanos 10
Figura 03: Foto da intervenção “Cine Mureta 10
Figura 04: Mapa de localização da Casa de Estudos Urbanos 10
Figura 05: Ação-manifesto “as águas vão rolar” 12
Figura 06: Banho sobre o banheiro público desativado na Glória 12
Figura 07: Diagrama síntese dos fundamentos e estratégias. 25
Figura 08: Mapa geológico da Baía de Guanabara de 1500. 28
Figura 09: Distribuição das tabas da Guanabara. 30
Figura 10: Composição de São Sebastião flechado por um Tamoio. 32
Figura 11: Aquarela dois irmãos na Estrada do Aqueduto do Silvestre 34
Figura 12: Aquarela do Aqueduto da Carioca visto do mar. 34
Figura 13: Aquarela com vista do morro de Santa Teresa para o Aqueduto com água 35
Figura 14: Aproximação na aquarela com foco na mulher trabalhando e no Aqueduto. 35
Figura 15: Ilustração do Chafariz da Carioca 36
Figura 16: Ilustração do reservatório Mãe D'água 37
Figura 17: Ilustração do Chafariz da Glória 1772. 38
Figura 18: Ilustração do Chafariz da Glória 1906. 38
Figura 19: Ilustração Fonte dos amores 38
Figura 20: Ilustração Fonte do Menino 38
Figura 21: Ilustração Chafariz das Marrecas 38
Figura 22: Ilustração Bica da Rainha 38
Figura 23: Ilustração de um aguadeiro vendedor de água 39
Figura 24: Ilustração do conflito entre aguadeiros e guardas. 39
Figura 25: Ilustração das lavadeiras na beira do rio 41
Figura 26: Pintura da ponte do Catete primeira metade do século XIX 42
Figura 27: Foto ponte do Catete 1905 42
Figura 28: Mapa do recorte de estudo. 43
Figura 29: Perfil longitudinal da Bacia do Rio Carioca. 43
Figura 30:Identificação das Unidades de Paisagem. 46
Figura 31: Unidade de Paisagem 1. 47
Figura 32: Unidade de Paisagem 2. 47
Figura 33:Unidade de Paisagem 3. 48

Figura 34:Unidade de Paisagem 4. 48
Figura 35: Unidade de Paisagem 5. 49
Figura 36: Unidade de Paisagem 6. 50
Figura 37: Unidade de Paisagem 7 e 8. 51
Figura 38: Mapa de matriz, fragmento e corredor. 52
Figura 39: Mapa dos percursos. 54
Figura 40: Croqui da Caixa Mãe D'água 55
Figura 41: Croqui do poço 56
Figura 42: Croqui do rio no bairro do Cosme Velho 57
Figura 43: Croqui da placa sobre o Rio Carioca 57
Figura 44: Croqui da Bica da Rainha 58
Figura 45: Croqui da Estação de Tratamento no Parque do Flamengo 59
Figura 46: Croqui do Chafariz da Glória 59
Figura 47: Croqui Reservatório do França 60
Figura 48: Croqui Aqueduto da Carioca ao fundo 60
Figura 49: Croqui do Aqueduto da Carioca 61
Figura 50: Croqui da Fonte dos Jacarés. 61
Figura 51: Mapa de localização dos vestígios 63
Figura 52: Composição de fotos dos vestígios do percurso 64
Figura 53: Síntese da aplicação dos critérios de seleção. 65
Figura 54: Mapa localizando os vestígios selecionados. 66
Figura 55: Mapa localizando Largo da Carioca e Largo do Machado. 68
Figura 56: Aproximação do vestígio Piscininha do Silvestre..... 70
Figura 57: Corte da Piscininha do Silvestre em dia de semana. 71
Figura 58: Corte da Piscininha do Silvestre no fim de semana. 73
Figura 59: Conjunto de fotos da Piscininha do Silvestre. 74
Figura 60: Aproximação do vestígio Canal do Cosme Velho 76
Figura 61: Foto de turistas observando o Rio Carioca no Largo do Boticário 77
Figura 62: Foto do canal com casarão antigo e prédios de classe média ao fundo 77
Figura 63: Corte do Canal do Cosme Velho. 78
Figura 64: Foto do banheiro químico e entregadores de aplicativo ao fundo 79
Figura 65: Foto de motorista fazendo uma refeição no banco do terminal de ônibus 79
Figura 66: Foto das motos estacionadas, ao fundo ônibus, altos prédios e a encosta do morro 80
Figura 67: Aproximação do vestígio Chafariz da Glória. 81

Figura 68: Perfil do afastamento do Chafariz da Glória das águas da Baía de Guanabara 82
Figura 69: Foto de trabalhadora do shopping chão organizando lona de exposição de produtos. 83
Figura 70: Foto de trabalhadora do shopping chão cozinhando na mureta da Glória. 83
Figura 71: Foto da parte superior da mureta da Glória..... 84
Figura 72: Foto da parte inferior da mureta da Glória 84
Figura 73 Cortes do chafariz da Glória no período diurno e noturno..... 85
Figura 74: Montagem com registros do Chafariz da Glória ao longo dos séculos. 86
Figura 75: Aproximação do vestígio Passeio Público 87
Figura 76: Montagem com imagens históricas da região do Passeio Público 89
Figura 77: Perfil do afastamento do Passeio Público das águas da Baía de Guanabara..... 90
Figura 78: Foto do portão principal fechado. 91
Figura 79:Foto dos arredores do Passeio Público. 91
Figura 80: Cortes do Passeio Público na hora do almoço e no fim da tarde 92
Figura 81: Foto trabalhadores dormindo no Passeio Público 93
Figura 82: Foto de pessoa tomando banho no lado do Passeio Público. 93
Figura 83: Foto do Babu na Piscininha do Silvestre. 97
Figura 84: Foto da barraca improvisada para venda de balas e bebidas. 97
Figura 85: Foto da bica improvisada na Piscininha do Silvestre. 98
Figura 86: Foto da parede de contenção com recados de preservação nas estruturas. 98
Figura 87: Foto do Babu varrendo o pocinho. 99
Figura 88: Foto do rio limpo próximo as casas. 99
Figura 89: Foto do Babu com sua vassoura. 100
Figura 90: Foto do encontro com o Babu. 100
Figura 91: Foto de Elias e sua a moto no final do trajeto. 101
Figura 92: Foto da placa da rua Travessa dos Tamoios 102
Figura 93: Foto no final do percurso com Elias 102
Figura 94: Cartaz do filme “Shopping Chão: garimpo urbano e resistência” 103
Figura 95: Foto de Carmem na porta da Casa de Estudos Urbanos 104
Figura 96: Foto da Carmem com as roupas do brechó ao fundo 105
Figura 97: Foto da guarita no acesso ao parque. 106
Figura 98: Foto das pirâmides com a ponte fundo. 106
Figura 99: Foto dos jardins do Passeio Público com o coreto ao fundo. 108
Figura 100: Foto do Davi na sua bicicleta de trabalho. 108
Figura 101: Foto do encontro com o Davi. 110

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **11**
1. INTRODUÇÃO **13**
1.1. Problema 13
1.2. Recorte 15
1.3. Objetivos 17
1.4 Estrutura da dissertação 18
2. FUNDAMENTOS E ESTRATÉGIAS **20**
2.1. Corpo, subjetividade e cidade 20
1.1.1 Abordagens 27
2.2. Procedimentos metodológicos 31
3. MAPEANDO VESTÍGIOS **37**
3.1. Cartografia histórica 38
3.2. Compartimentação 55
3.3. Exploração 64
3.4. Identificação 72
4. CARTOGRAFANDO NARRATIVAS **78**
4.1. Aproximações 79
3.1.1 Piscininha do Silvestre 79
3.1.2 Canal no Cosme Velho 85
3.1.3 Chafariz da Glória 90
3.1.4 Passeio Público 96
4.2. Provocações 104
4.2.1. Babu 106
4.2.2. Elias 110
4.2.3. Carmem 112
4.2.4. Davi 115
CONSIDERAÇÕES FINAIS **120**
REFERÊNCIAS **123**

APRESENTAÇÃO

“as experiências urbanas são corporais”
(PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2012)

Nesta pesquisa dirijo minha atenção aos aspectos intangíveis da paisagem, colocando as narrativas humanas e não humanas no centro do tema do acesso à água nos espaços livres públicos. Apresento como fio condutor as águas ocultas do Rio Carioca, em uma investigação que perpassa os poucos vestígios históricos e pontos de contato ainda existentes. Atravessam esse fio, autores dos campos da arquitetura, morfologia urbana e percepção ambiental, bem como as minhas próprias vivências. Utilizando a cartografia como método de experienciação do espaço, busco visibilizar as narrativas dos grupos sociais que passam a maior parte do tempo na rua e que fazem desses espaços seus territórios cotidianos, ressaltando as diferentes formas de relações com as águas públicas.

A cidade, o corpo e a subjetividade só podem ser experimentados para serem conhecidos (ROMERO, 2018) e a priorização da experiência na investigação da paisagem traz implicações imediatas neste texto, que se manifesta em trechos de análise com relatos em primeira pessoa. Rheingantz et al (2009, p. 104) afirmam que “o observador não pode pretender ter acesso a uma realidade independente dele próprio”, e, portanto, o entendimento dos lugares que ocupo e das forças que me atravessam são uma parte imprescindível da formação de um corpo-pesquisadora. Para traçar os caminhos a serem percorridos na pesquisa, é necessário olhar para os caminhos que percorri ao longo da minha vida.

Nasci na Floresta da Tijuca, a segunda maior floresta urbana do mundo[1]. Com isso, tive a oportunidade de viver na Cidade do Rio Janeiro tendo a mata e os rios do Parque Nacional da Tijuca como parte do meu quintal de brincadeiras. Lá, cresci com o privilégio de um corpo livre, em movimento. Ao mesmo tempo, ao longo da minha infância e parte da adolescência, pratiquei ballet clássico profissional na escola do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Os oito anos de dedicação às técnicas de dança me fizeram aprender a me entender como um corpo disciplinado.

[1] Duas das três maiores florestas urbanas do planeta estão localizadas no município do Rio de Janeiro. A maior delas, o Parque Estadual da Pedra Branca, com 125km², e o Parque Nacional da Tijuca, com 42km². Somados ao Parque Municipal de Gericinó, com 11km², totalizam aproximadamente 15% da área do município. Fonte: ARBILLA, G.; SILVA, C. M. Floresta da Tijuca: Uma Floresta Urbana no Antropoceno. Revista Virtual Química, 2018.

A escola de dança se localizava na Lapa, bairro boêmio na região do centro, reforçando ainda mais esses contrastes entre esses dois mundos. De um lado a floresta, o frio e o ar bucólico. Do outro, a efervescência, a diversidade e as desigualdades da cidade. Neste período, a Estrada das Paineiras, que liga o bairro do Alto da Boa Vista a Santa Tereza e Centro, foi o trajeto sinuoso que me conectava com esses universos diversos. Sem saber, atravessava o percurso do Rio Carioca e nossas histórias já se entrelaçaram naqueles momentos. Esse movimento me fez experenciar as muitas cidades dentro dessa mesma cidade através de um corpo cada vez mais consciente.

As múltiplas formas de arte sempre fizeram parte de mim. Sou de uma família de ativistas, artistas e produtores culturais e essa criação me abriu os olhos e a alma para as ruas e espaços públicos, me proporcionando contato com o cinema, a produção audiovisual, as artes cênicas e as intervenções urbanas.

Ao longo de minha formação acadêmica e trajetória profissional como arquiteta urbanista, sempre me envolvi com ações e projetos que acreditava serem paralelos a essas atividades. Com o passar do tempo, passei a compreender que esses “outros campos” complementavam e alimentavam minha formação e universo profissional, sendo indissociáveis de quem eu sou.

INTRODUÇÃO

1.1. Problema

O invisível e os invisibilizados

As ruas, largos e praças se fundamentam como os principais espaços da esfera de vida pública de quem habita a cidade. Para muitos grupos marginalizados, no entanto, estes espaços não são apenas públicos, mas englobam também suas vidas privadas, gerando uma complexa mistura entre o que é comum e o que é particular. A mera presença destes grupos nestes espaços – que configuram seu cotidiano – explicita conflitos e provoca dissensos. Para Guattari (2012, p. 26), são o equivalente aos "peixes mortos da ecologia ambiental", alvos das políticas de ordem e higienização que compõem a atual lógica das cidades.

Embora sejam grupos diversificados na sua origem e formulação, no enfoque desta pesquisa têm em comum a necessidade de acesso à água potável e a instalações sanitárias fora dos domicílios. Alguns autores, como Ermínia Maricato (2020), afirmam que o Covid-19 e a *coronacrise*[2] que se desenvolveram no país jogaram luz a essa parcela invisibilizada pela sociedade, porém considero que esses processos não se deram exatamente dessa forma, pois o medo de contaminação colaborou por afastar, isolar e, de certa maneira, invisibilizar ainda mais esses grupos, encorpando ainda mais os arquétipos definidos pelo "capital do medo" (BAUMAN, 2009).

Entretanto, mesmo que apenas por instinto de proteção individual, o entendimento da necessidade de higiene coletiva para conter a contaminação do vírus levantou questões desafiadoras para o poder público. Onde a população em situação de rua pode lavar as mãos, tomar banho, cozinhar e lavar roupa de forma segura? Onde os entregadores, ambulantes, feirantes, guardas e garis podem descansar e beber água? Onde os motoristas de aplicativo, táxi, caminhão, van e ônibus podem se higienizar antes de fazer uma refeição? Afinal, como "se viram" aqueles que passam seus dias (e noites) nas ruas?

É importante ressaltar também que o direito à água é um dos direitos fundamentais do ser humano (IFRAH, 1992), e garantir seu acesso é um dever do Estado. É reconhecido como um

[2] Termo utilizado para se retratar a crise econômica e humanitária aprofundados com a propagação do Covid-19

direito individual, por ser indispensável para a própria vida, e um direito social por ser essencial para a saúde em geral (MORLIN; EUZÉBIO, 2018).

> "A água, a essência da vida é um direito humano básico, encontra-se no cerne de uma crise diária que afeta vários milhões das pessoas mais vulneráveis do mundo – uma crise que ameaça a vida e destrói os meios de subsistência a uma escala arrasadora" (ONU, 2006)

A restrição de acesso à água se transforma em mais um fator gerador de desigualdade. Instituições de defesa dos Direitos Humanos consideram que a sua inacessibilidade acarreta em um grave desrespeito ao conceito de dignidade e, por isso, políticas públicas que garantam sua disponibilidade podem afetar o próprio direito fundamental à vida e à saúde.

Para além da água potável, há ainda a questão da higiene. O Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas publicou um relatório completo abordando os direitos humanos à água e ao esgotamento sanitário em esferas de vida além do domicílio, com ênfase em espaços públicos. O Relator especial destacou que parques, praças, ruas, mercados e centros de transporte devem receber a devida atenção nas políticas públicas voltadas para o acesso à água e ao esgotamento sanitário por serem, em princípio, zonas acessíveis a todos. Mesmo com essa relevância, esse acesso é frequentemente negligenciado nesses locais, acarretando em uma série de violações de direitos humanos, impactando principalmente as populações mais vulneráveis e marginalizadas.

> "A legislação nacional e a política em matéria de água e esgotamento sanitário são, mais frequentemente do que não, centradas apenas na melhoria do acesso a nível doméstico, enquanto as esferas para além do domicílio raramente se encontram no radar de governos nacionais ou locais, prestadores de serviços ou reguladores, cujo papel é garantir que a prestação desses serviços básicos cumpre as normas dos direitos humanos" (HELLER, 2019).

A partir dessas questões apontadas, nesta pesquisa coloco as narrativas humanas e não humanas no centro do tema do acesso à água nos espaços livres públicos e busco estudar os aspectos intangíveis da paisagem no que se refere ao elemento água e sua rede de relações como um potente agente de conexão ou fragmentação. Nesse contexto, e intencionando valorizar múltiplas narrativas, a pesquisa teve como questão: Como as paisagens ocultas nos percursos do Rio Carioca podem ser reveladas, e de que maneira se manifestam as diversas formas de interação com as águas públicas?

1.2. Recorte

O recorte de estudo desta pesquisa se define pelos limites da Bacia do Rio Carioca, inseridos na Área de Planejamento 1 e 2 (Figura 01), que engloba Centro e Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro. Nelas, também se concentra a maior parte do grupo social de interesse do trabalho[3] e algumas das minhas experiências com intervenções urbanas. É também a região onde se iniciou a ocupação da cidade e contém os primeiros exemplares de equipamentos e espaços para o uso da água de forma pública.

Ao resgatar a história dessas águas e valorizar o patrimônio arquitetônico, bem como atender a uma demanda negligenciada, a presente pesquisa pode servir como um trabalho modelo para posterior aplicação em outras áreas da cidade, fornecendo subsídios para a formulação de possíveis políticas públicas. O uso do Rio Carioca, um símbolo da cidade, reforça ainda mais o caráter de projeto piloto deste trabalho.

[3] Cerca de 70% da população em situação de rua se localiza na zona sul e centro do Rio de Janeiro (OLERJ, 2019) e incluindo motoristas de aplicativo, trabalhadores etc.

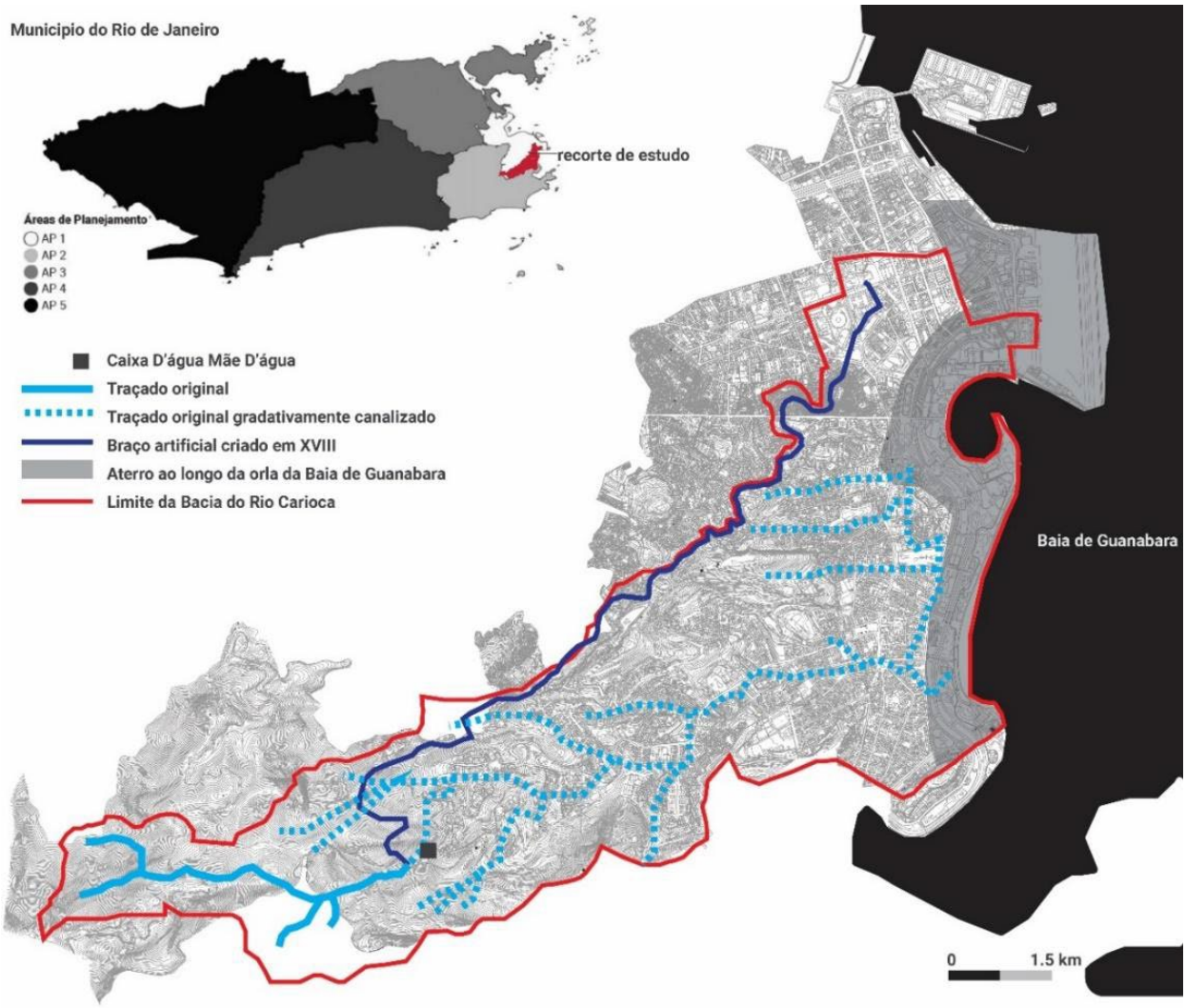


Figura 01: Mapa com a definição recorte de estudos.
Fonte: Elaborado pela autora com base na tese de Monica Schlee, 2011.

1.3. Objetivos

Na pesquisa proposta, busco cartografar os aspectos intangíveis da paisagem — afetividade, territorialidade, disputas e conflitos — e assim interpretar diferentes formas de percepção do ambiente na escala do cotidiano. A partir da exploração dos vestígios do abastecimento da Cidade do Rio de Janeiro, pretendi entrelaçar as águas, as pessoas, minhas vivências, bem como passado e presente, buscando jogar luz às narrativas daqueles que passam a maior parte do tempo na rua – os "invisíveis" – e as águas ocultas do Rio Carioca.

O presente trabalho se aporta nos conceitos de "Territorialidade" (SCHLEE et al., 2009), "Atmosferas de Preferência" (LAMOUNIER et al., 2019) e "Pracialidades" (MENDONÇA, 2018; QUEIROGA, 2001), para tratar da relação corpo, subjetividade e cidade. Busca assim, vincular as visões entre os campos da arquitetura, morfologia urbana e psicologia ambiental, nas quais se consideram indissociáveis as relações pessoa-ambiente.

Em termos metodológicos esperei, por um lado, **identificar** as características que fazem com que esses **vestígios** se tornem elementos estruturais da paisagem, pelo viés da análise morfológica (TÂNGARI, 1999). Por outro, objetivei **mapear narrativas** que relacionam os comportamentos sociais a esses ambientes, a partir da aplicação de instrumentos de análise cognitiva, como abordagem experiencial e observação incorporada, fundamentados nos princípios de interdisciplinaridade entre arquitetura e percepção ambiental (RHEINGANTZ et al., 2009).

Sendo assim, o **objetivo principal** foi centrado em:

Cartografar os aspectos intangíveis da paisagem e interpretar diferentes formas de percepção do ambiente na escala do cotidiano, nos caminhos do Rio Carioca.

Este se divide nos objetivos específicos relacionados abaixo:

1º Objetivo específico:

Apresentar um panorama histórico do Rio Carioca, destacando os principais marcos temporais e transformações da paisagem com enfoque nas diferentes relações entre sociedade e os rios urbanos ao longo dos anos, e nas relações específicas de distintos grupos sociais com as águas;

2º Objetivo específico:

Explorar os aspectos morfológicos da Bacia do Rio Carioca analisando sua condição atual na cidade;

3º Objetivo específico:

Identificar vestígios (pontos em que a população tem contato – direto ou indireto – com a água ao longo dos caminhos do Rio Carioca), analisando o tipo, operação, manutenção, continuidade e acesso, entre outros aspectos;

4º Objetivo específico:

Mapear narrativas invisibilizadas, estudando as dinâmicas, usos e apropriações que se estabelecem nos espaços livres públicos identificados no objetivo anterior.

A partir do mapeamento dos pontos de contato com as águas do Rio Carioca e de uma pesquisa sobre as percepções e apropriações dos espaços, busquei traçar um paralelo trans temporal, tecendo uma narrativa histórica e atual.

Jogando luz as diversas relações que se estabelecem ao redor dos vestígios do Rio Carioca, acredito ser possível confrontar demanda e oferta para subsidiar o planejamento intervenções requalificadoras dos equipamentos existentes e muitas vezes abandonados pelo poder público, que poderiam servir a essa população que vive, trabalha e transita pelas ruas.

1.4 Estrutura da dissertação

Os capítulos foram organizados em quatro partes. No **Capítulo 1 - Introdução,** apresento o problema a ser a ser tratado na pesquisa, a justificativa que embasa a escolha do recorte específico a ser investigado, e os objetivos do trabalho.

No **Capítulo 2,** busco explicitar as fundamentações da pesquisa. No embasamento conceitual, traço um debate abrangente sobre a relação corpo, subjetividade e cidade através do tema do direito à água e dos direitos da Natureza. Em seguida são abordados os conceitos norteadores do estudo – paisagem, territorialidade (SCHLEE et al., 2009), atmosferas de preferência (LAMOUNIER et al., 2019) e pracialidades (MENDONÇA, 2018; QUEIROGA, 2001). Por fim, enuncio as estratégias metodológicas de análise para alcançar os objetivos dispostos na pesquisa, vinculando as visões entre os campos da arquitetura, morfologia urbana e psicologia.

A contextualização da área de estudo e a identificação dos vestígios analisados, são apresentados no **Capítulo 3 - Mapeando Vestígios**. Inicialmente, foi realizada uma cartografia histórica, destacando os marcos temporais e as mudanças da paisagem da Bacia do Rio Carioca ao longo do tempo, com ênfase nas diferentes relações entre sociedade e rios urbanos, bem como nas relações específicas de distintos grupos sociais com as águas. Em seguida, para compreensão do contexto atual do rio na cidade, foi feita uma análise dos aspectos morfológicos por meio da compartimentação da paisagem (BRASIL/MMA, 2002; SILVA, TÂNGARI, MANETTI, 2013). Nas duas últimas seções do capítulo, foram explorados e identificados os vestígios – definidos como locais e equipamentos que evidenciam a presença do Rio Carioca – com o objetivo de observar os atributos físicos e imateriais (TÂNGARI, 1999) dos pontos de interesse. Por fim, apresento os critérios de seleção dos vestígios que foram aprofundados no capítulo seguinte.

No último capítulo aprofundo o estudo das dinâmicas, usos e apropriações nos vestígios selecionados, aproximando-me da escala do cotidiano. Dividido em duas seções, o **Capítulo 4** coloca os espaços e as pessoas como protagonistas. Através da aplicação de instrumentos de análise cognitiva, estabeleço relações entre os comportamentos sociais e os ambientes observados (RHEINGANTZ et al., 2009). Assim, **cartografando narrativas**, abordei os aspectos intangíveis da paisagem, interpretando as diferentes formas de percepção do ambiente. Através do mapeamento das distintas narrativas, jogo luz às histórias daqueles que passam a maior parte do tempo na rua e descortino algumas das Paisagens Ocultas do Rio Carioca.

Por fim, nas **Considerações Finais**, faço uma retrospectiva de minha jornada no mestrado acadêmico, marcada pelos desafios enfrentados durante os anos da pandemia de COVID-19. Destaco também as descobertas e reflexões que atravessaram a dissertação, utilizando o Rio Carioca como um símbolo da história e sociedade do Rio de Janeiro e do Brasil, para questionar complexas relações de poder, desigualdade e exploração que moldaram não apenas a cidade, mas o país como um todo. Concluo destacando a importância de continuar desvendando Paisagens Ocultas como uma representação das múltiplas camadas da história e sociedade brasileiras.

FUNDAMENTOS E ESTRATÉGIAS

2.1. Corpo, subjetividade e cidade

A Casa e a Rua

A inquietação que motiva essa pesquisa se intensificou em um processo iniciado em 2017, quando fundei o Coletivo Casa de Estudos Urbanos[4] junto com outros parceiros e parceiras, arquitetos e arquitetas, artistas e sociólogos, no bairro da Glória, na cidade do Rio de Janeiro. O coletivo realizou uma série de atividades[5] propondo uma troca efetiva e afetiva com a rua, com o objetivo de debater a cidade. Nesse período, tive a oportunidade de aprofundar minhas experiências com intervenções urbanas e a relação com os trabalhadores de rua, muito presentes no bairro (Figura 02, Figura 03 e Figura 04).

Figura 02: Fachada da Casa de Estudos Urbanos
Figura 03: Foto da intervenção "Cine Mureta
Figura 04: Mapa de localização da Casa de Estudos Urbanos
Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Antes de ser ocupada pelo coletivo, a casa sediava um escritório de arquitetura e urbanismo[6] que funcionou desde 1995 com portas fechadas. Um dos objetivos do coletivo era mudar essa situação de relação com a rua que lhe dava acesso. Entendendo a fachada como uma limitação física do espaço – que separa o "lado de dentro" e o "lado de fora" –, realizamos uma série de

[4] Integrantes do Coletivo Casa de Estudos Urbanos: Aydam de Paula, Bia Petrus, Bia Salomão Camila Vianna, Daniel Lopes, Domitila Almenteiro, Fabiano Pires, Fernanda Petrus, Fernando Minto, Ingrid Malta, Jéssica Mendes, Luciana Lago, Luiz Carlos Toledo, Marcela Kanitz, Pablo De Las Cuevas, Sylvia Bomtempo e Thomas Burtsche

[5] "Provoca.Ações", "Cine Mureta", "Mostra o Seu", "Café da manhã" "Lanchonete"<>Lanchonete" e outras.

[6] Mayerhoffer & Toledo Arquitetura, Planejamento e Consultoria Ltda.

eventos que buscavam tencionar essa relação entre dentro e fora, rua e casa, público e privado, individual e coletivo, comum e particular. Inquietações que já se faziam muito presentes em mim e nos demais integrantes.

Inúmeras formas de aproximação trouxeram o público para dentro e levaram a Casa para a Rua[7], e o estreitamento dessas relações tornou ainda mais evidente as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que passavam a maior parte do tempo na rua. Nos cafés da manhã, era possível perceber o valor dado ao acesso livre ao banheiro para lavar as mãos e usar o sanitário, assim como ao bebedouro. A partir desse elo criado entre a Rua e a Casa, criamos o hábito de deixar garrafas com água potável no peitoril da janela do térreo.

Para intensificar e ampliar o debate sobre a questão do acesso à água, realizamos o evento de encerramento das atividades anuais com o tema "Abertura do Verão: As Águas Vão Rolar" (Figura 05 e Figura 06). A programação era composta por intervenções, instalações, performances, debates e exposições. Estudamos o entorno para ressaltar que no Bairro da Glória havia uma fonte de água e um banheiro público desativados localizados próximos à Casa.

A fim de atrair atenção para os equipamentos e "devolver" a água para rua, agendamos um caminhão pipa para fornecer 10.000 litros de água potável e montamos o cenário no calçadão que fica sobre o banheiro fechado e próximo à fonte de água. Com as piscinas cheias, o público foi se aproximando, e após poucos minutos já havia crianças, moradores e curiosos usufruindo da água limpa. O evento terminou com a interrupção abrupta promovida pelo Aterro Presente[8] e por outros agentes do Estado, solicitando o desmonte da ação sob a alegação de que a população de rua fazia um protesto na calçada.

[7] Utilizo da letra maiúscula como forma de reconhecer a Rua e a Casa como sujeitos, objetos com "subjetividades parciais" (GUATTARI, 2012, p.143)

[8] A Operação Segurança Presente é um modelo de abordagem de proximidade que suplementa a atuação da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. "Aterro Presente" é o nome dado ao patrulhamento feito nas regiões próximas ao Parque do Flamengo.

Figura 05: Ação-manifesto “as águas vão rolar”
Figura 06: Banho sobre o banheiro público desativado na Glória
Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Desde então, o olhar para a rua e o tema da água se uniram nas minhas experiências. Várias outras ações, projetos e estudos descendem desse universo, sempre com um caráter prático muito relevante. Esse movimento gerou uma marca (ROLNIK, 1989) que passou a permear minhas vivências na cidade e inspiraram este texto. Segundo a psicanalista Suely Rolnik, as marcas são apresentadas em nossa experiência como diferença, desassossego, devir-outro.

> Faz tremer nossos contornos e nos separa de nós mesmos, em proveito do outro que estamos em vias de nos tornar. Perdem sentido nossas cartografias, depaupera-se nossa consistência, nos fragilizam - tudo isso ao mesmo tempo. São quebras, rupturas, demolições, que podem variar em ritmo e intensidade, mas que acontecem forçosa e repetidamente ao longo de nossa existência (ROLNIK, 1989, p.2)

Através dessas rupturas, esta pesquisa se baseia em uma narrativa experiencial pautada nas trocas derivadas em anos de contato direto com as pessoas e com as ruas. Em especial com os grupos sociais “esquecidos” pela sociedade – “os desconhecidos que conhecemos bem, por mais que não olhemos os seus rostos, estão nas ruas e praças das capitais” (ROMERO, 2018, p.35) –, que incluem trabalhadores e pessoas em situação de rua, e que fazem de sua presença uma forma de existência e resistência (TÂNGARI; SCHLEE; ANDRADE, 2009).

Paisagens ocultas

"Se abríssemos as pessoas, encontraríamos paisagens"[9].
Mas e se abríssemos a cidade?

Johann Michel, dentre outros autores, acredita na construção de uma narrativa coletiva feita pelos poderes públicos como pilar central no modo de ação pública vigente (MICHEL, 2010). Entretanto, afirma que essas narrativas supostamente se orientam a unir membros de uma sociedade ao redor de uma história comum, mas acabam dizendo mais sobre a maneira pela qual o poder se coloca em cena e sobre seus valores do que propriamente sobre a memória coletiva na qual supostamente se apoiaria.

As cidades não são feitas só de ferro e concreto, mas de pessoas, rios, montanhas, animais... O apagamento das histórias que compõem a formação das cidades – desde os povos originários, passando pelas populações escravizadas e então pelos desalojados – se refletem em diversas formas de esquecimento nos dias de hoje.

A busca por diferentes narrativas, histórias e perspectivas não hegemônicas passa, portanto, por ouvir os seres humanos que têm muito a dizer, mas nunca foram escutados. Para além disso, deve passar também por escutar outros agentes, também invisibilizados por não terem propriamente uma voz. A natureza, os animais, os rios e as águas também são parte integral da complexa rede de vida que sustenta a nossa sociedade.

Não existe "lado de fora"

Vivemos um momento crítico do nosso modelo de sociedade, seja na escala global – com a ameaça iminente de uma tragédia ambiental irreversível – ou na escala local – com modelos de cidade que não comportam, não cuidam e não criam espaços de acolhimento. Não existe "lado de fora". Estamos todos navegando juntos numa turva jornada. Portanto, não existe a separação artificialmente imposta entre "nós" e "eles". Este é um verdadeiro ponto de inflexão no nosso modo compartilhado de vida e apenas a adoção de uma perspectiva mais complexa, inclusiva e consciente parece oferecer alternativas aos desafios que o futuro oferece.

O pesquisador uruguaio Eduardo Gudynas acredita que essa alternativa será possível através de uma outra visão da Natureza que incorpore uma ética ambiental (GUDYNAS, 2019). O

[9] Luiza Leite, na palestra "Se abríssemos as pessoas, encontraríamos paisagens" durante o 12º COLÓQUIO PROARQ 2021.

autor propõe outras formas de valoração da Natureza, que não mais a enxerguem através das lentes utilitaristas e funcionais, mas a partir de uma postura biocêntrica, onde a Natureza com "N" maiúsculo é um sujeito passível de direitos próprios.

Essa "outra lógica"[10] enxerga o humano não mais como o centro ou o topo de um sistema, mas como parte integrante. Uma mudança que compreende as propriedades holísticas da Natureza focando na qualidade de vida, e nos compele a tomar medidas de proteção para todos os seres vivos, "mesmo aqueles chamados de 'feios' e que não mostram 'importância'" (GUDYNAS, 2019)

Reconheço nesses seres os agentes urbanos "esquecidos" e "invisíveis" – as águas, os rios, os patrimônios, as histórias, as pessoas, os pobres, as mulheres –, sujeitos periféricos na construção das cidades até então.

Em "As três ecologias", o francês Félix Guattari também discorre sobre um desequilíbrio ecológico, uma deterioração social e um comprometimento da subjetividade, e propõe uma articulação ético-política ampla, que denomina de "ecosofia" (GUATTARI, 1989). Uma junção dos três registros ecológicos: o meio ambiente, social e mental, que busca ser abrangente e engajada politicamente. Dessa maneira, ambos os autores não buscam negar o desenvolvimento, mas almejam um papel estratégico frente a ele.

A construção da "nova ética ambiental" e da "ecosofia" passaria por perceber práticas e reflexões com base no diálogo entre culturas e que exigem outras sensibilidades. Consistem em desenvolver ações específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de Ser, e alteram os alicerces das práxis humanas (GUDYNAS, 2019). Seria então este um momento de exploração e construção de outras alternativas.

Para além de importantes, ambos os autores consideram que essas alternativas se fazem urgentes, já que vivemos um momento crucial para a definição do nosso futuro enquanto espécie e da nossa coexistência no planeta – entre humanos e também com outras formas de vida. Assim, as reflexões apresentam um contexto de ruptura que se aplica em algumas

[10] Utilizo a expressão "outra lógica" entre aspas, pois a novidade se aplica à lógica da sociedade capitalista ocidental. Os povos originários, do Brasil, por exemplo, habitam seus territórios sem hierarquização com outros seres e com a natureza.

respostas, mas principalmente em perguntas, na escala planetária. Entretanto, como ressalta Guattari, também devem levar em consideração as singularidades territoriais e locais.

Temas desta natureza não permitem que o pesquisador se compreenda como um elemento absolutamente separado do objeto, incapaz de afetar e ser afetado por ele. O debate a ser colocado nesta pesquisa busca desvelar Paisagens Ocultas, tratando da exploração de perspectivas distintas. Para tanto, se faz importante que o próprio pesquisador tenha consciência do seu lugar e dos paradigmas que guiam sua visão. Aqui, compreendo a concepção de paradigma a partir da definição de Bernardo Toro[11], que afirma que paradigmas são como óculos que não são usados sobre os olhos, mas sobre o cérebro, moldando a nossa forma de enxergar o mundo.

Os estudos aqui apresentados tentam jogar luz nos espaços e, principalmente, às pessoas e práticas cotidianas que nele se manifestam, ressaltando a importância de diferentes apropriações sobre espaços livres públicos, que nem sempre são reconhecidas pelas narrativas dominantes. Essa reflexão se faz importante para que o planejamento e intervenções neste tipo de espaços passem a ser pensados levando em consideração também essas perspectivas múltiplas.

As bases conceituais trazidas pelos autores escolhidos buscam valorizar todas as formas de vida e horizontalizar os atores que formam uma complexa rede de relações. Para isto, é necessária uma abertura sensível, e a construção de uma outra ética passa por aí (GUDYNAS, 2019). Partindo dessas reflexões iniciais, o reconhecimento das dimensões intangíveis da paisagem será aprofundado na escala local a partir da utilização da metodologia de cartografias múltiplas, que valorizam as subjetividades do corpo no espaço, colaborando para destacar o debate dos conflitos e contradições estudados, incluindo o ponto de vista particular da autora.

[11] Citação do filósofo e educador colombiano, Bernardo Toro, durante a palestra *"Paradigma del cuidado"* na série TEDxAmazônia disponível em: (https://www.youtube.com/watch?v=odhUju6Acak)

Um modelo que separa o “eles” do “nós” acaba por aprofundar preconceitos estruturantes e gerar um distanciamento, em especial das chamadas minorias sociais, que no Brasil incluem as populações negras, as pessoas LGBTQIA+, mulheres, indígenas e pessoas com deficiências (BETONI, 2020). A dicotomia estabelecida pela ilusão do dentro e fora objetiva uma hegemonia colaborando com a ideia do desconhecido que assusta e provoca medo.

Na Cidade do Rio de Janeiro, a lógica de planejamento – feita por poucos e para poucos – produz uma tensão social através de um padrão desigual de urbanização que vem se reproduzindo desde a formação da cidade (MARICATO, 2001) A legislação urbanística vigente reforça um modelo segregacionista que exclui grupos sociais inteiros.

A estruturação urbana carioca e clima tropical do sítio no qual a cidade se fundou também coexistem em um tensionamento de forças desde sua colonização. A manutenção das águas públicas é de extrema importância para as cidades, mais intensamente para áreas com alta densidade populacional, baixos rendimentos e um grande número de pessoas que vivem, trabalham e transitam nas ruas e espaços públicos, como no caso do Rio de Janeiro. Poluição, aterros e assoreamentos guiaram a relação da cidade com suas águas. Em consequência, a reação da população é de medo e desconexão com as baías, os rios, demais corpos hídricos e os equipamentos públicos. Para além de pensar soluções emergenciais e provisórias, é necessário repensar a relação da cidade com suas águas e suas gentes.

Experimentar a cidade a partir de diferentes linhas de horizonte (MOSTAFAVI; DOHERTY, 2004, p.28), repensando as relações, tanto visíveis quanto invisíveis, pode ser um meio de diminuir a lacuna criada entre diferentes sujeitos e romper com o ideário que separa o humano e a natureza.

1.1.1 Abordagens

Para fundamentar as análises dos espaços, fundamentei esta pesquisa em temas trabalhados por pesquisadores do grupo de SEL-RJ, ProLUGAR e GAE, do PROARQ-UFRJ. Suas abordagens e definições serão tratados nesta subseção.

A paisagem urbana, dada a sua complexa composição por elementos morfológicos (LAMAS, 1993) e elementos simbólicos - frutos de manifestações socioculturais (RIBEIRO, 2007), pode ser investigada em camadas por meio da análise e costura das diferentes fontes e documentos. Através da combinação destes, é possível compreender, ao menos em parte, os principais elementos estruturantes da paisagem, estabelecendo relações entre os agentes urbanos que o ocupam e suas implicações nas dinâmicas e usos dos espaços.

O conceito de paisagem admite múltiplas significações, apropriados e referenciados por diversas disciplinas. Para esta pesquisa adota-se a definição de Silvio Macedo:

> A paisagem pode ser considerada como um produto e como um sistema. Como um produto porque resulta de um processo social de ocupação e de gestão de determinado território. Como um sistema, na medida em que a partir de qualquer ação sobre ela impressa, com certeza haverá reação correspondente, que equivale ao surgimento de uma alteração morfológica parcial ou total (MACEDO, 1999).

A partir desta definição, paisagem pode ser entendida enquanto essência física, material, objetiva, categorizável, mas também enquanto dimensão simbólica, experimental e de criação, tanto individual quanto coletiva. Assim, é possível enunciá-la como dinâmica, processual e em transformação (SCHLEE et al., 2009).

Para esta pesquisa, o conteúdo desenvolvido pelo campo da ecologia da paisagem se mostra relevante, uma vez que propõe uma abordagem integradora de análise espacial. A conexão entre espaços não urbanizados, que são específicos para agentes não humanos, e os centros urbanos densos que compõem nossas cidades, é fundamental para um planejamento e desenvolvimento urbano holístico que respeite essas relações (McHARG, 1969; FORMAN, 2008).

A partir da conceituação de Forman, podemos compreender que a dissecação da paisagem nos permite observar sua forma, estrutura e características básicas. A análise dos mosaicos compositores da paisagem pode evidenciar como a ocupação humana e os espaços se relacionam em diversas escalas.

Forman (2008), em sua conceituação, define **fragmentos, corredores e matrizes** como elementos-chave que compõem a estrutura da paisagem. Esses termos são usados para descrever diferentes padrões de ocupação do solo e sua relação na paisagem em diferentes escalas, onde:

- Fragmentos: São áreas de ocupação natural ou urbana que podem ser identificadas em diferentes escalas, desde a escada metropolitana até a escada de uma área residencial de uma cidade. São caracterizados por sua forma e tamanho, sendo áreas separadas e distintas que podem apresentar diferentes tipos de uso do solo e densidades.
- Corredores: São áreas lineares, naturais ou construídas, que conectam fragmentos e possibilitam a integração de fluxos ou habitats em uma região. Podem ser, por exemplo, rios, estradas, trilhas, trilhas de vegetação, entre outros elementos que servem como conexões entre fragmentos, permitindo o deslocamento de espécies e a manutenção da conectividade ecológica na paisagem.
- Matrizes: São os ecossistemas base da paisagem, caracterizados por uma cobertura extensa e alta capacidade de conectividade. São áreas que compõem a maior parte da paisagem e que, geralmente, são menos fragmentadas. São essenciais para a manutenção da biodiversidade e do funcionamento dos ecossistemas.

Com base nesses elementos, é possível realizar comparações e análises de paisagens em diferentes escalas, com foco nos aspectos morfológicos, como apontado por Forman (2005, p. 39). A aplicação dessa abordagem na leitura da paisagem é fundamental para compreender as dinâmicas que ocorrem no contexto atual do recorte de estudo, levando em consideração a complexidade específica da escala da bacia hidrográfica.

Em complementaridade, buscando focar nos aspectos mais intangíveis da paisagem, e com isso interpretar diferentes formas de percepção do ambiente na escala do cotidiano, neste trabalho procurei enveredar nas camadas mais subjetivas, utilizando como aporte os conceitos de ‘Territorialidade’, ‘Atmosferas de Preferência’ e ‘Pracialidades’.

Em artigo desenvolvido pelo Grupo SEL-RJ (TÂNGARI; SCHLEE; ANDRADE, 2009), os autores traçam um panorama dos conceitos agregados ao Sistema de Espaços Livres (SEL) a partir da definição proposta por Miranda Magnoli, que define os **espaços livres urbanos** como “espaços livres de edificação: quintais, jardins públicos ou privados, ruas, avenidas, praças,

parques, rios, florestas, mangues e praias urbanas, ou simples vazios urbanos" (MAGNOLI, 1982, p. 243).

Esses mesmos autores definem **território** enquanto vinculação de poder sobre um espaço (com enfoque espacial, geopolítico ou socioeconômico) e construção social que incorpora processos econômicos e produtivos, que se manifesta sobre base física, delimitando marcas e marcos de identidade cultural (Shclee et al, in Tangari, Schlee, Andrade, 2009). Na área da psicologia, o termo **territorialidade** envolve comportamento e cognição relacionados a um lugar. Através dessa abordagem, Lamounier e Yamaki compreendem que "territorialidade é um padrão de comportamento e atitudes mantido por um indivíduo ou grupo, baseado no controle de determinado espaço físico, que possa envolver ocupação habitual, defesa, personalização e demarcação" (LAMOUNIER; YAMAKI, 2005, p. 15).

Buscando o entendimento da cidade através das vivências cotidianas, utilizei como fundamentação as reflexões abordadas em texto, onde os autores argumentam que o conceito de **atmosferas** contempla os aspectos intangíveis da paisagem**,** sendo a ideia de **atmosferas de preferência** entendida como atmosferas memoráveis do cotidiano, e que se relacionam à vivência na cidade na escala da vida mais íntima e compõe o imaginário coletivo (LAMOUNIER et al., 2019).

Para auxiliar na compreensão das apropriações espontâneas, me aporto no conceito de **pracialidade.** O termo, cunhado pelo pesquisador Eugênio Queiroga, é definidor de formas de apropriação pública, participativa e espontânea dos espaços livres. O autor compreende que espaços dotados de pracialidade se apresentam como elementos de identificação do lugar, sendo, inicialmente, solução compensatória à deficiência de espaços livres qualificados. Ressalta ainda que os espaços dotados de pracialidade**,** mesmo que adaptados ou improvisados, por vezes se estruturam como os principais espaços da esfera de vida pública, voltado ao ócio, convívio e lazer nos locais onde se inserem:

> Em boa parte, não são áreas oficialmente destinadas ao ócio, revelando o descaso entre a produção oficial da cidade e a demanda de equipamentos públicos para os pobres, que mais necessitam locais gratuitos para o ócio. A ação do Estado é pífia na constituição de áreas livres nos bairros de periferia e nos conjuntos habitacionais. São raras as praças efetivamente implantadas e mantidas pelo Poder Público nos bairros pobres, mas são fundamentais os "espaços livres" informalmente constituídos pela própria população (QUEIROGA, 2001, p. 220).

As abordagens elencadas atuam como chaves de leitura da paisagem experienciada através das cartografias, que exploram múltiplas versões de experiências e diferentes pontos de vista, e embasam as análises realizadas nos caminhos do Rio Carioca que apresento nos próximos capítulos. As ideias de atmosfera de preferência e territorialidade tratam das distintas formas de percepção e apropriação do espaço, enquanto pracialidades se aplicam ao tipo de espaço livre a ser estudado se relacionando com o sentido de afetividade.

Desta forma, a Paisagem, em especial suas dimensões mais subjetivas e intangíveis, funciona como uma abordagem "guarda-chuva" que engloba e se desdobra nos demais debates que aporto nesta pesquisa. Permite uma compreensão mais ampla e complexa das dinâmicas e usos dos espaços estudados.

2.2. Procedimentos metodológicos

Cartografia como método do corpo presente

> A cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem.
> (ROLNIK, 1989, p.15)

Segundo KASTRUP (2012), o método da cartografia urbana se propõe a acompanhar os processos, não há antecipações de respostas, mas sim uma abertura ao desconhecido que provoca a desarticulação do pesquisador ao mesmo tempo que ativa sua subjetividade. É um método da inquietação e da experiência que rompe com estruturas pré-estabelecidas e se abre para apreensão do inesperado, buscando o protagonismo de múltiplos atores.

De forma geral, a pesquisa científica tem objetivos, metas e hipóteses claras, ao contrário da cartografia que muitas vezes não os possui, mas isso não significa falta de direcionamento metodológico, pois a escrita cartográfica é flexível e aberta a intervenções inesperadas. As modificações fazem parte do processo. O método da cartografia propõe acompanhar os processos antes de buscar respostas e construir questionamentos a partir disso. A cartografia reverte o sentido original da palavra metodologia, sendo um método para ser experimentado e não aplicado.

Através dessa abordagem, os autores de "Pista do método da cartografia" cunham a ideia da pesquisa-intervenção, argumentando que as experiências urbanas só podem ser corporais e produzidas dentro de uma experiência processual encarnada e afetiva (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2012). Compreendem assim este método como dinâmico, constituído de infinitas linhas que se cruzam, de dobras, desdobras, de territórios, desterritórios e reterritórios.

À vista disso, encontro na cartografia um método para percorrer as diferenças e percepções não mapeadas, tendo como essência a experiência do corpo no espaço. Compreendo que revisitar os lugares e pessoas para estudar os aspectos intangíveis da paisagem me exige um corpo preparado para capturar e interpretar essas experienciações. Luiza Leite, na palestra "Se abríssemos as pessoas, encontraríamos paisagens" (PROARQ, 2021), relata suas experiências sobre o corpo que caminha e ressalta a necessidade de o/a pesquisador/a acionar sua presença de corpo no território.

O corpo presente do pesquisador também é tratado na Abordagem Experencial (AE) através da Observação Incorporada (OI). Trata-se de uma contribuição dos pesquisadores que

trabalham com Avaliação Pós Ocupação (APO) no grupo de pesquisa ProLUGAR[12], a partir da contribuição das psicólogas Rosa Pedro e Vera Vasconcellos em parceria com arquitetos Vicente Del Rio e Cristiane Rose Duarte. A OI tem como objetivo possibilitar que o pesquisador direcione suas capacidades "percepção, pensamento, sentimento e sensação" (TULKU, 2007). É fundamentalmente uma mudança de atitude do observador, e um desdobramento prático da Abordagem Experiencial.

> A abordagem experiencial implica em (1) uma visão crítica não dualista, mas somativa; em uma postura aberta e atenta ao ambiente ou "coletivo" (Latour 2001) composto de homens, coisas e técnicas cujo movimento "apaga" as fronteiras entre sujeito e objeto (Pedro 1998); (2) aceitar a indissociável e interdependente relação pessoa-ambiente; (3) reconhecer a impossibilidade de representação de um ambiente que é independente e pré-existente e do entendimento de "uma mente lá dentro" observar "um mundo lá fora" (Latour 2001: 338); (4) atentar para a inadequação do distanciamento crítico e sua pretensa neutralidade.
>
> Ela também baseia-se no pressuposto da cognição atuacionista de que a "cognição não é formada por representações, mas por ações incorporadas. [E que] ... o conhecimento é sempre um saber-fazer modelado sobre as bases do concreto" (Varela 1992: 27)1. Não é possível ter acesso a uma realidade independente do observador, uma vez que ela não é algo pré-determinado, estático e imutável, mas o resultado de uma explicação que também não é independente do observador.
>
> (RHEINGANTZ et al., 2009, p. 12)

A partir dessa atitude, acredito alcançar as camadas mais subjetivas relacionadas ao espaço, compreendendo que o ambiente não deve ser entendido como algo pré-definido, mas como algo a ser apreendido a partir da experiência e da interação. Esse caráter participativo deseja atenuar a hierarquia e verticalização do saber, dando voz — ou os ouvidos e demais sentidos — ao próprio objeto (pessoas e espaços).

Assim sendo, esta pesquisa-intervenção busca ser "ao mesmo tempo processo e produto, instrumento-e-resultado" (NEWMAN; HOLZMAN, 2002). Não se pretende ser neutra de forma alguma, porém intenciona ser mais inclusiva e a reforçar a horizontalidade, capturando afetos, sensações e percepções.

A abordagem que adotei tem caráter qualitativo e se dedica a um estudo de fatos contemporâneos, pautado na observação do momento presente que, embasada na interpretação de processos históricos, busca se direcionar para possíveis futuras ações.

---

[12] ProLUGAR (Qualidade do Lugar e Paisagem) é a antiga designação do atual grupo Lugares e Paisagens.

A pesquisa incluiu meios de investigação combinados, a partir da integração entre análises morfológicas e avaliações cognitivas, pautados nos conceitos e instrumentos desenvolvidos pelos grupos de pesquisa ProLUGAR, SEL-RJ e GAE, do PROARQ-UFRJ, tomando-se por base os materiais de pesquisa, acervos, publicações conjuntas e dados cartográficos e bibliográficos disponíveis no Laboratório Lugar, onde os grupos de pesquisa citados atuam. A apreensão da paisagem urbana foi obtida pela leitura e realização de análises através de instrumentos de avaliação relacionados abaixo:

I. Estudos em literatura e referências

Incluiu levantamentos e consultas em arquivos disponíveis nos órgãos institucionais, vídeos, documentários e redes sociais, assim como em teses, dissertações e artigos relacionados ao tema estudado.

II. Levantamento físico e mapeamento analítico

A partir da obtenção das plantas aerofotogramétricas cadastrais e imagens de satélite, foram realizadas análises e observações em campo nos caminhos do Rio Carioca, tendo como base a metodologia de análise de sistemas de espaços livres desenvolvida pela rede interdisciplinar de pesquisadores do grupo QUAPÁ-SEL e pelo grupo SEL-RJ.

III. Compartimentação da paisagem

Por meio da estratégia de Compartimentação da Paisagem, uma análise multiescalar sobre a caracterização física e morfológica da Bacia Hidrográfica, onde busquei compreender o contexto atual desse rio na cidade. O procedimento teve fundamentação teórica e prática na aplicabilidade do Projeto Orla (BRASIL/MMA, 2002) e nos trabalhos de pesquisa da rede QUAPÁ-SEL (MACEDO, 1997); (MAGALHÃES; MANETTI; TÂNGARI, 2013). Um dos procedimentos consiste na divisão e subdivisão em unidades espaciais diversas, propiciando o aprofundamento da análise em múltiplas escalas. O termo Unidade de Paisagem (UP) já expressa em seu nome o entendimento de agrupamento por alguns aspectos em comum, no caso, determinando um recorte territorial que apresenta homogeneidade em sua configuração (BRASIL/MMA, 2002, p. 36).

IV. Percursos comentados

Para iniciar a exploração dos vestígios realizei percursos através dos caminhos do Rio Carioca. A finalidade desta ferramenta foi observar os atributos físicos e imateriais dos pontos de interesses estudados na análise histórica e morfológica. O procedimento consistiu numa caminhada com trajeto pré-definido realizado apenas por mim com paradas nos pontos previamente levantados. Combinei simultaneamente uma observação atenta aos detalhes construídos, mas também aos aspectos mais subjetivos, buscando uma abordagem focada nas emoções e interações com o ambiente.

Obtive como resultado anotações em texto, complementadas por croquis, fotografias, áudios e vídeos. A aplicação deste procedimento foi dividida em etapas:

- Levantamento dos trajetos existentes;
- Delineação dos percursos;
- Realização dos percursos em momentos variados;
- Síntese através de relatos ilustrados.

V. Vestígios comentados

Realizei conversa informal nos locais de estudos, situados nos vestígios previamente selecionados, seguindo um roteiro livre sujeito a alterações no local. Consistiu em um relato verbal voltado para o esclarecimento de um objetivo pré-estipulado e garantiu a captação de informações a respeito das pessoas, de suas emoções, crenças e valores (RHEINGANTZ et al., 2009). Esta proposta buscou uma conversa informal e se demonstrou adequada para interação com parte do público alvo da pesquisa. Através da informalidade, foi possível alcançar uma maior aproximação com as pessoas, e obter verdades mais íntimas do usuário do espaço.

Antes de utilizar essa ferramenta, foi essencial definir o público-alvo que pretendi abordar, reconhecendo que a aplicação prática pode enfrentar imprevistos durante as idas a campo. Considerando que a pesquisa incorporou um grupo social abrangente, a pré-seleção dos participantes levou em consideração critérios como acessibilidade, disponibilidade, confiança e a facilidade proporcionada por contatos estabelecidos em anos anteriores. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo com a definição prévia dos perfis desejados, foi necessário estar aberta e preparada para possíveis alterações durante o processo. Com relação a este

dispositivo, o público potencial foi delimitado em categorias que incluíram pessoas em situação de rua, trabalhadores em trânsito, como entregadores e motoristas de aplicativo, e trabalhadores de rua, como vendedores, ambulantes e prestadores de serviços urbanos (garis, policiais, entre outros).

A aplicação desses instrumentos não ocorre de forma linear, e, portanto, as idas a campo foram feitas em diferentes momentos da leitura dos textos e referências, o que permitiu diferentes análises e percepções do espaço, assim como algumas adaptações e ajustes nas ferramentas ao longo do processo (Figura 07).

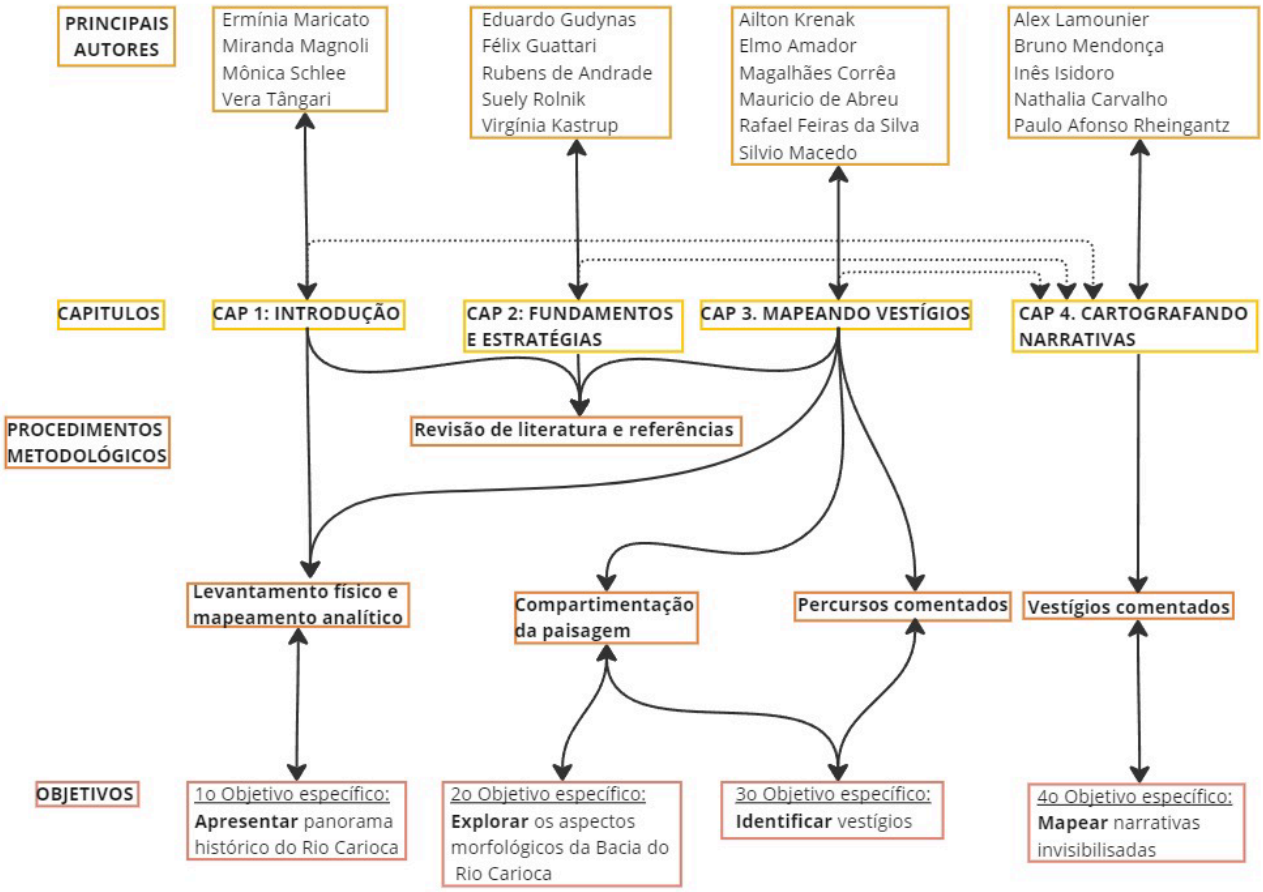


Figura 07: Diagrama síntese dos fundamentos e estratégias.
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Através das análises, nesta pesquisa objetivei promover múltiplas narrativas, resgatando a história das águas, valorizando o patrimônio arquitetônico e atendendo a uma demanda que vem sendo negligenciada. Como afirma Santos, é necessário estudar e intervir na cidade levando em conta a realidade local, evitando modelos generalistas e inadequados (SANTOS, 2002). Como resultado final, busquei entrelaçar os espaços e equipamentos públicos com as

personagens identificadas ao longo dos caminhos do Rio Carioca, propiciando uma interpretação da realidade, e dando pistas sobre as possíveis potencialidades e conflitos envolvidos.

2. MAPEANDO VESTÍGIOS

Neste capítulo, apresento a contextualização da área de estudo e a identificação dos vestígios a serem estudados. Na primeira seção faço uma cartografia histórica, destacando os principais marcos temporais e as transformações da paisagem da Bacia do Carioca com enfoque nas diferentes relações com os rios urbanos ao longo dos anos, e nas relações específicas de distintos grupos com as águas.

Em seguida, com o intuito de compreender o contexto atual da Bacia do Rio Carioca e sua situação na cidade, analiso os aspectos morfológicos por meio da estratégia de Compartimentação da Paisagem. Nesta parte, avalio o desenho da paisagem através da análise dos elementos geobiofísicos, representados pelo relevo, hidrografia e vegetação, e os elementos urbanísticos como padrão construtivo, usos e ocupação do solo, tecido urbano, sistema viário e espaços livres de edificação.

Esses mapeamentos iniciais são fundamentais para compreensão do território e para a exploração e identificação dos vestígios, apresentados nas seções seguintes.

Defino como "vestígios" os locais e equipamentos onde ainda há algum indício da presença do Rio Carioca. Esses são caracterizados por algum tipo de contato imediato com o rio, seja ele visual, auditivo, olfativo, ou ainda mais diretamente, onde é possível efetivamente tocar a água. Ou, mais remoto, através do reconhecimento dos equipamentos de infraestrutura de abastecimento (reservatórios, chafarizes e aqueduto), que mesmo desativados, são indícios da relação do rio com a população.

Na seção *exploração*, trago um relato pessoal dos percursos realizados através dos caminhos do Rio Carioca, com o objetivo de observar os atributos físicos e imateriais dos pontos de interesses estudados na análise histórica e morfológica. Por fim, em *identificação,* são assinalados e caracterizados os vestígios encontrados, em seguida apresento uma seleção dos vestígios que serão investigados em maior profundidade na escala do cotidiano no capítulo seguinte.

3.1. Cartografia histórica

A Bacia do Rio Carioca está inserida no ecossistema da Baía de Guanabara e apresentava formação geológica bastante distinta da atual. No mapa elaborado por Elmo Amador (Figura 08) pode-se notar que os charcos e alagados dominavam a planície costeira.

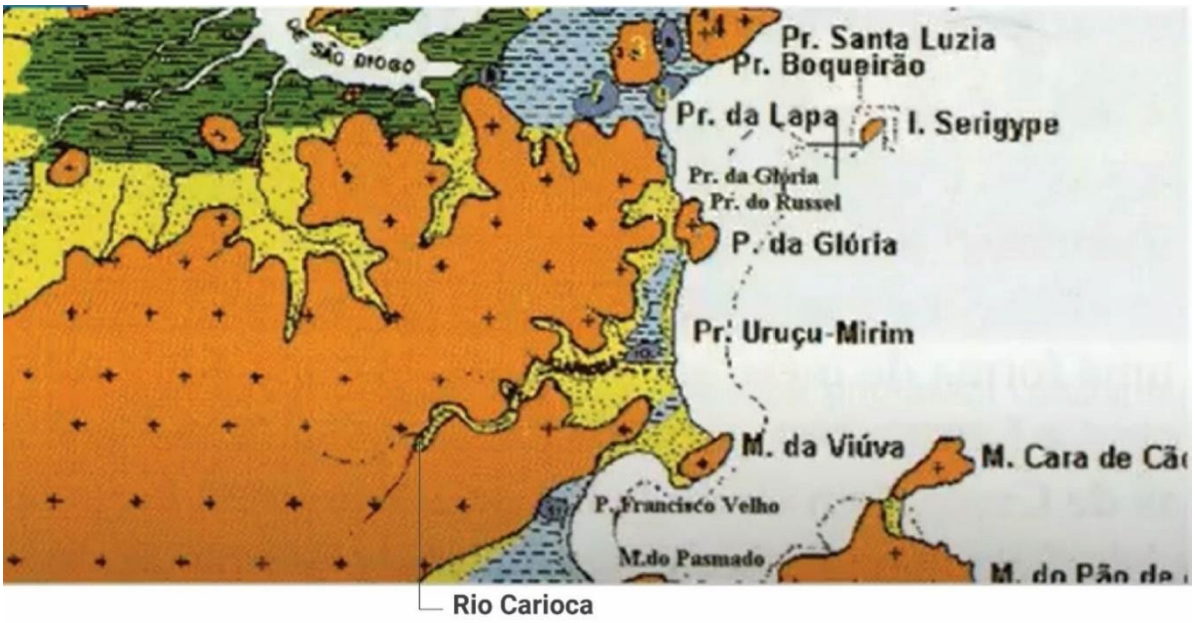


Figura 08: Mapa geológico da Baía de Guanabara de 1500.
Fonte: AMADOR, 2012.

O mapa da Figura 8 permite observar o Rio Carioca com duas nascentes na parte alta do cristalino (cor laranja – serras, morros e colinas com Mata Atlântica), que vertem para o mesmo canal e descem pelo vale, compondo a área de contribuição da Bacia do rio Carioca. A parte amarela do mapa (restingas/terraços marinhos) é a porção erodida pela água que, por sua vez, forma um vale de descida do rio, desaguando na laguna da Carioca (hachura azul) na planície costeira. A partir dessa leitura, pode-se considerar que a área de restinga é a área da bacia original do Rio Carioca.

A morfologia dos elementos naturais identificados no mapa de 1500 foi gradativamente alterada. Aterros e desmontes redefiniram os limites da planície costeira, enquanto as encostas perderam boa parte de sua cobertura vegetal.

Do Karioca ao Carioca

Um relato do abastecimento de água do Rio de Janeiro colabora para a compreensão da relação da cidade com suas águas, bem como do processo de apagamento das narrativas não dominantes. Porém para esse entendimento, é necessário começar esta cartografia histórica antes mesmo do início do processo de colonização.

Inicialmente o então território da Baía de Guanabara era ocupado pelos povos Tupinambás, que viviam principalmente próximos aos leitos dos rios (Figura 09) e somavam uma população com cerca de 80 mil pessoas (SILVA, 2015, p.96). Os Tamoios formavam uma das principais aldeias, nomeada de Karióka (em tupi-guarani, casa dos carijós), que se localizava às margens do Rio Carioca, ao lado do atual Outeiro da Glória (SILVA, 2015), e que deu origem ao gentílico dos nascidos no Rio de Janeiro.

Os povos originários usavam o rio como forma de subsistência, sendo fonte de água potável e para agricultura, além de farto em peixes e caranguejos. O rio também era considerado como um espaço sagrado, com forças espirituais que podiam ser usadas para cura e rituais de fé (BESSA FREIRE, MALHEIROS, 2009, p.16). Acreditavam ainda que suas águas podiam trazer cura, prosperidade e fertilidade para as suas aldeias.

Segundo o líder indígena e escritor brasileiro, Ailton Krenak, para os povos indígenas, a água é vista como um ser vivo, um ente que possui vontades e sentimentos. Os rios, em especial, são vistos como veias da terra, que irrigam e dão vida às florestas e às aldeias (KRENAK, 2019). Essa relação milenar, harmoniosa e equilibrada com a natureza foi interrompida com a chegada dos colonizadores.

A aldeia Karióka tinha uma posição estratégica em relação às margens do rio e o acesso ao mar, ficando assim próxima ao que passou a ser um importante ponto de abastecimento para as embarcações que chegavam pela baía. Nas épocas de seca do rio, a área formava uma porção de terra chamada pelos portugueses de “ilha do carioca” (SILVA, 2015). Num primeiro momento parecia ser uma localização privilegiada, próxima [] da baía e [] das margens da água doce, que chegou a ser habitada pelos portugueses. Porém, com o passar dos anos e as constantes inundações, perceberam a inviabilidade de ocupação e se deslocaram para outra região. Os povos originários da região, por sua vez, já sabiam que aquela área fazia parte do estuário do rio e ficava completamente alagada nas épocas de chuva, por isso não a ocupavam.

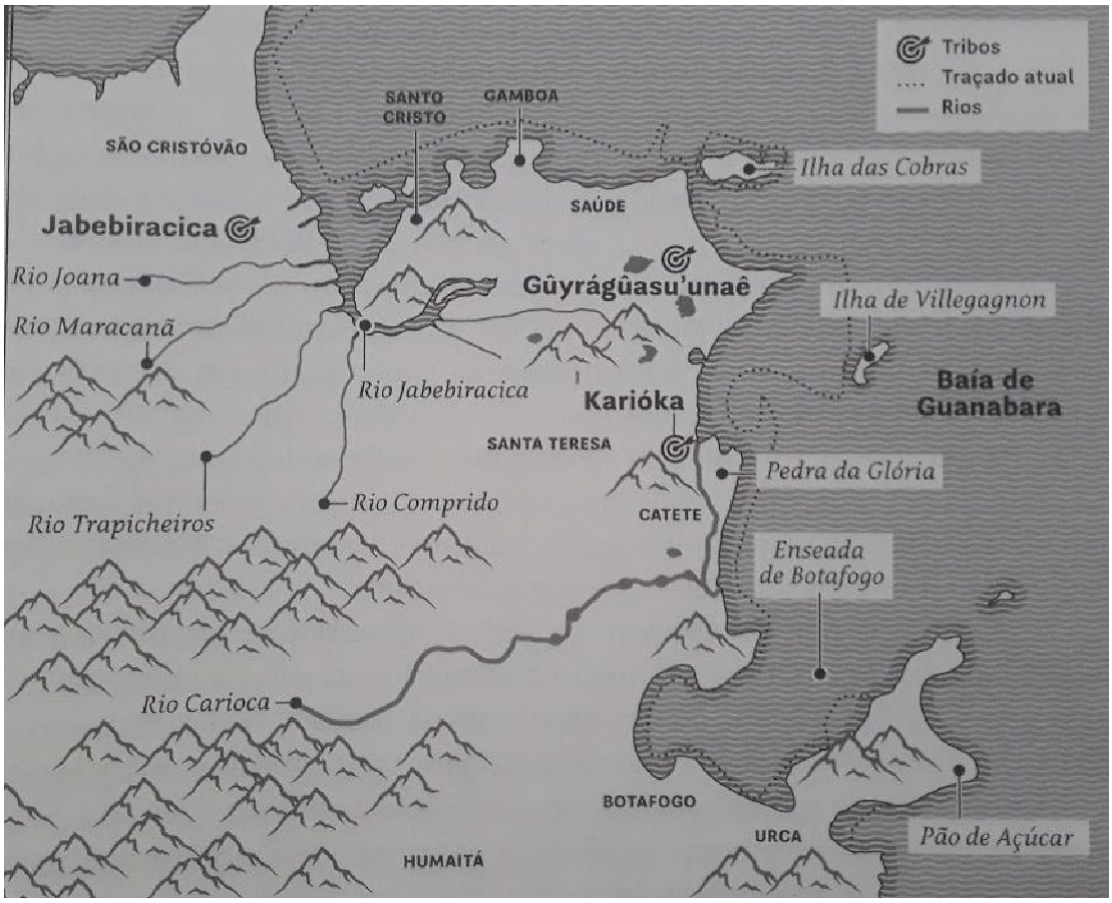


Figura 09: Distribuição das tabas da Guanabara.
Fonte: FREITAS, 2017.

Enquanto os portugueses não compreenderam completamente o ambiente que ocupavam, os povos originários possuíam um conhecimento profundo e ancestral sobre as características da região. A história da "ilha do carioca" é simbólica, pois demonstra a importância do conhecimento dos nativos, e destaca o desrespeito dos colonizadores pelos saberes dos povos originários.

As margens do Rio Carioca também foram palco de uma batalha histórica que marcou o início da colonização e fundação da cidade. Com o objetivo de consolidar a ocupação territorial do Rio de Janeiro e do Brasil, a corte portuguesa ordenou ao então governador-geral do Brasil, Mem de Sá, a fundação de uma cidade, com o intuito de tomar as terras cariocas, acabar com a Confederação dos Tamoios (resistência indígena de São Paulo ao Espírito Santo) e expulsar os franceses.

Em 1º de março de 1565, a chegada de Estácio de Sá e sua tripulação de duzentos homens a uma praia entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar marca a entrada definitiva dos

colonizadores nestas terras, sendo considerada a data da fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (ABREU, 2001).

Segundo Abreu (2010), Estácio de Sá e sua tripulação ficaram fortificados nessa praia durante dois anos, em constante conflito com os franco-tupinambás. Somente em 20 de janeiro de 1567, com reforços vindos de Salvador e apoio dos índios temiminós, é que Estácio de Sá partiu para o confronto final, conhecido como a Batalha de Uruçumirim. Na ocasião, as aldeias Karióka e demais localidades foram destruídas, os franceses expulsos e milhares de indígenas dizimados. Nesta batalha, Estácio de Sá perdeu a vida em decorrência de uma flechada no rosto.

A Batalha de Uruçumirim marca a transformação do Rio de Janeiro, de uma região de aldeias indígenas em uma cidade colonial portuguesa, por meio de um modelo econômico extrativista, exploratório e escravocrata, que predominou no Brasil durante os quatro séculos seguintes e reduziu a população indígena brasileira para cerca de 300 mil indivíduos[13].

Atualmente, no bairro da Glória, local onde ocorreu o conflito, encontra-se uma estátua do padroeiro da cidade, São Sebastião, que de forma irônica também é representada pela figura de um homem flechado (Figura 10). Cabe ressaltar que até setembro de 2022[14], não havia em nenhum lugar do bairro ou mesmo da cidade, um monumento em homenagem à memória do povo tupinambá.

[13] Segundo estimativas do IBGE, vivam 2,5 milhões de indígenas no território brasileiro antes do período de colonização.

[14] Setembro de 2022, na Ladeira da Glória, foi inaugurada uma galeria de arte urbana parte do projeto "Caminho Ancestral a Glória"

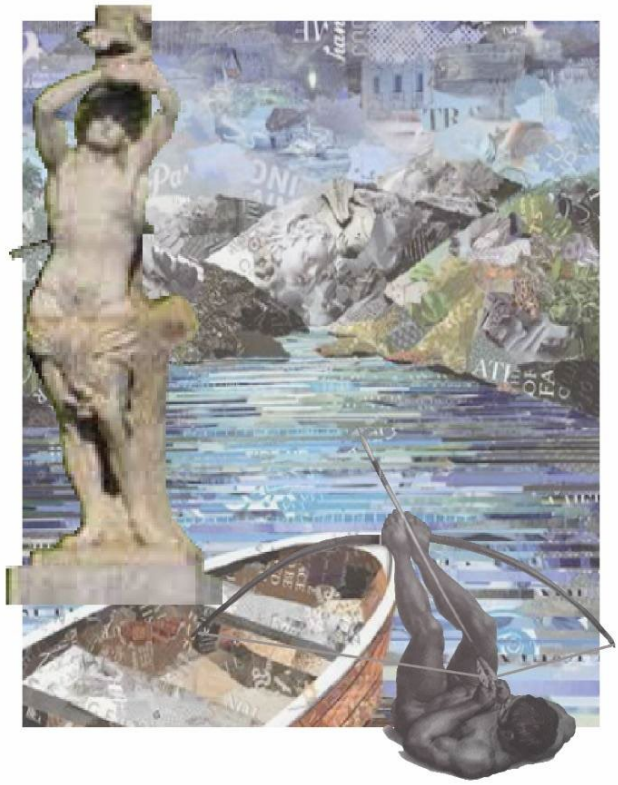


Figura 10: Composição de São Sebastião flechado por um Tamoio.
Fonte: Elaborado pela autora em exercício proposto pela disciplina "Arquitetura da Paisagem" cursada durante o mestrado pelo PROARQ em 2022.

Com a intensificação das ocupações no período colonial, a coleta individual diretamente nos leitos dos rios não era mais suficiente para o abastecimento dos habitantes. Sendo assim, o século XVIII é marcado pela construção de uma série de fontes, bicas, poços e reservatórios, que constituíam o primeiro sistema oficial de abastecimento de água no Brasil, embrião das obras públicas de saneamento (DIAS, ROSSO, GIORDANO, 2012). Iniciou-se assim, uma série de obras de infraestrutura focadas em equipamentos que utilizavam o Rio Carioca como fonte de fornecimento de água para a cidade que se formava, inaugurando a época dos chafarizes.

A principal obra de engenharia que marca o período colonial foi a construção de um aqueduto para conduzir as águas do Rio Carioca de Santa Teresa até o Morro de Santo Antônio (Figura 12). Do início da intenção do projeto (1602) até a efetiva chegada das águas ao chafariz (1723), se passou mais de um século (CORRÊA, 1939). Esse processo foi marcado por atrasos nas obras, desvio de recursos, falta d'água, má qualidade construtiva, vandalismo, mão de obra precarizada e escravizada. Abaixo, o trecho do livro "Terra Carioca, fontes e chafarizes" fornece um panorama preciso dos eventos relacionados à construção do aqueduto.

> Estando sujeita à seca a população e tendo que ir buscar água à distância de três quartos de légua, o que a afligia, resolveu o governador João da Silva e Souza, de **acordo** com a carta régia de 6 de maio de 1672, dar princípio ao encanamento do rio Carioca, com o **subsídio pequeno dos vinhos e metade do rendimento das despesas da Justiça**. Houve **missa** campal e festa em regozijo, no próprio local das obras.
>
> Para trazerem a água até o Desterro, foram encarregados os mestres de encanamento, João Fernandes e Albano de Araújo, recebendo o primeiro (500$) quinhentos mil réis, e o segundo (120$) cento e vinte mil réis e **empregados neste serviço cinquenta índios, à razão de comida e sete varas de algodão por mês**, cada um. Os jesuítas pleitearam, junto aos vereadores, o aumento de oitenta réis diários, o que o Senado da Câmara rejeitou.
>
> Em 1679, ordenava el-Rei a d. Manuel Lobo, então governador, **que não desviasse a renda** dos encanamentos do Carioca, mas a Câmara ponderava que estavam escassos os subsídios de pequeno vinho.
>
> Assim chegaram os encanamentos até a ermida do Desterro.
>
> Em resposta ao pedido feito à Metrópole, em 1675, em que a Câmara sugeria, para terminação da obra, a **cobrança do imposto de $400 sobre a aguardente, veio a negativa**, por demasiada a consignação.
>
> Pelas encostas dos morros das Laranjeiras, Catete e Desterro direção à ermida da Ajuda, que se erguia no canto que hoje é Evaristo da Veiga, foram, sobre arcos de cal, canalizadas de telhas e conduzidas as águas do Carioca.
>
> No governo de Arthur de Sá foram **suspensas as obras, por falta de verba**.
>
> Diminuindo de dia para dia os índios, resolveu Álvaro da Silveira de Albuquerque, governador, **comprar escravos** à custa da fazenda, assim como ultimar as obras, o que foi aprovado janeiro de 1704.
>
> Com a invasão francesa, pararam as obras de 1710 a 1711. (...)
>
> Em 1723, foi inaugurado o **primeiro chafariz, vindo de Lisboa**, colocado no antigo Campo de Santo Antônio, hoje Largo da Carioca (...).
>
> (CORRÊA, 1936, p.15-16. Os destaques em negrito, foram feitos pela autora)

Para a construção do Aqueduto da Carioca, agora chamado de Arcos da Lapa, também foram abertas estradas na parte alta da floresta, criando caminhos pela Estrada do Silvestre (Figura 11). A facilidade de acesso e o contato direto com a natureza atraíam viajantes, naturalistas e também a elite que buscava o frescor das matas e a bela vista.

Figura 11: Aquarela dois irmãos na Estrada do Aqueduto do Silvestre
Fonte: HAGEDORN, FRIEDRICH,1835.

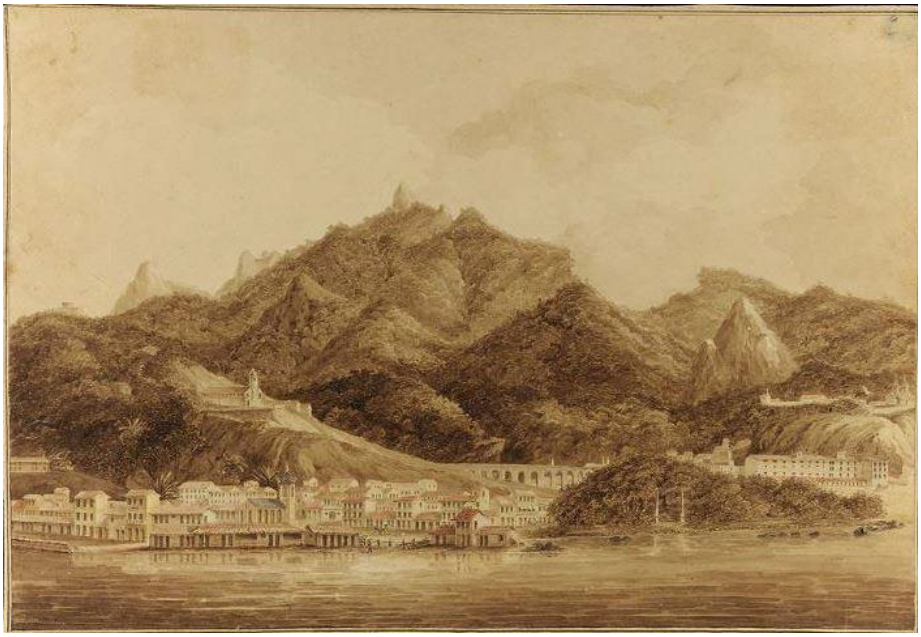


Figura 12: Aquarela do Aqueduto da Carioca visto do mar.
Fonte: LÖWENSTERN, G., 1827-1829.

O relevo repleto de vegetação (Figura 12) domina a cena e o aqueduto parece singelo em relação à monumentalidade da natureza. Nas imagens seguintes é possível ver o trecho do aqueduto coberto com telhas para evitar a contaminação no caminho e em seguida o trecho descoberto sobre os arcos. Na parte inferior da Figura 13, destacado na Figura 14, há uma mulher negra com um cesto de roupas, possivelmente exercendo o trabalho de lavadeira.

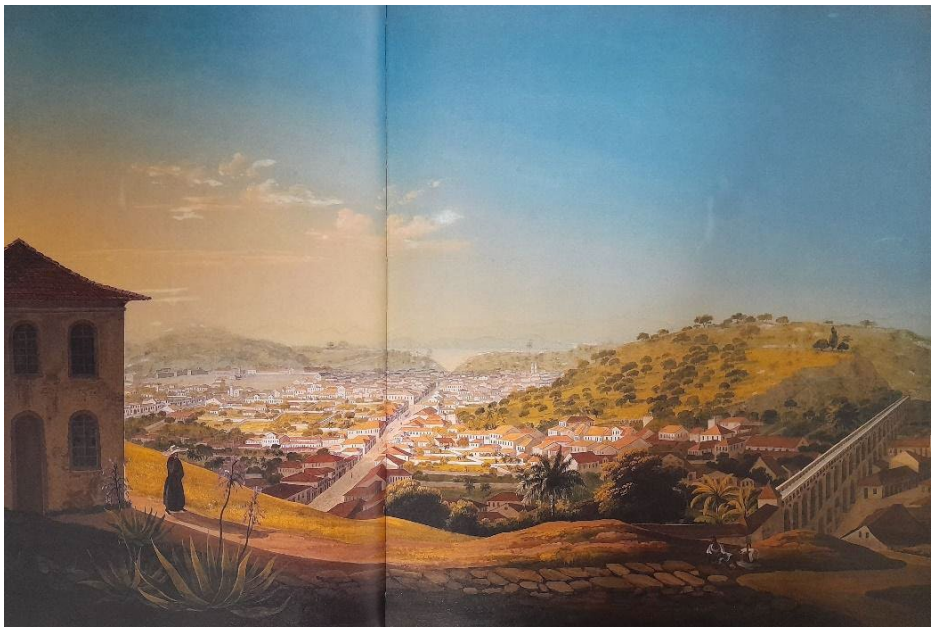


Figura 13: Aquarela com vista do morro de Santa Teresa para o Aqueduto com água
Fonte: SCHMIDT, H., 1834.

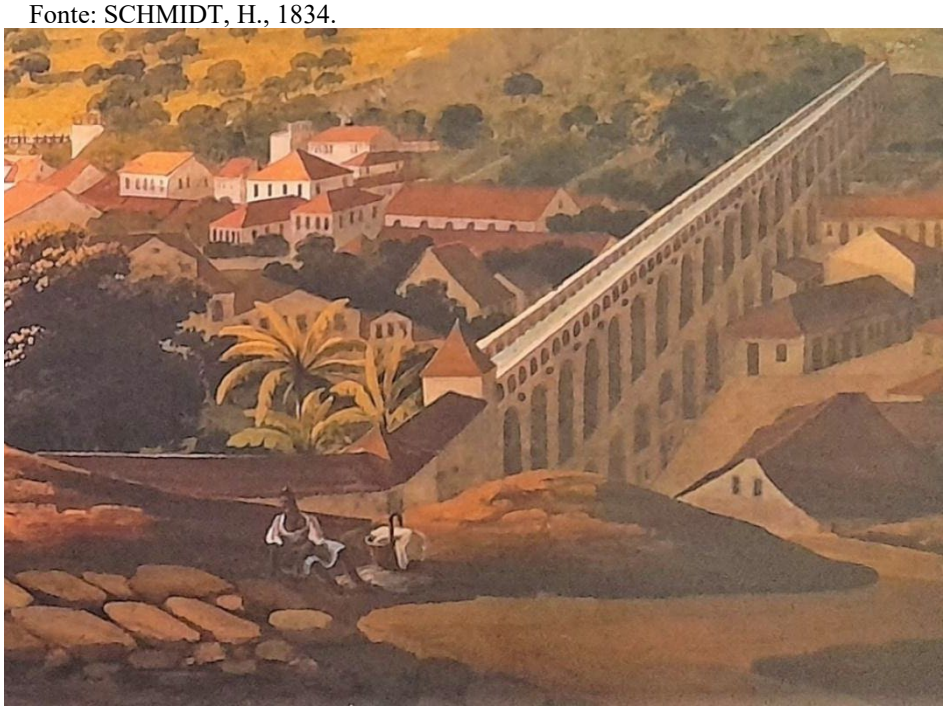


Figura 14: Aproximação na aquarela com foco na mulher trabalhando e no Aqueduto.
Fonte: SCHMIDT, H., 1834.

A construção da primeira fonte, vinda de Lisboa, não era adequada, pois a dimensão do tanque não era suficiente para a quantidade de bicas. Não havendo saída para as águas, o Campo de Santo Antônio se tornava um pântano, o que obrigou o governador a abrir uma vala para escoamento (atual Rua Uruguaiana). Em 1820, o chafariz foi demolido e construído outro, temporário, em madeira. Esse local simbólico, que é considerado a primeira fonte de água de caráter público, foi resumido de forma representativa na seguinte citação:

> (...) Assim falava J. A. Cordeiro, em 1846, sobre o primeiro chafariz: "Este chafariz foi obra feita ao som dos ferros da escravidão e à voz do absolutismo puro; embora de formas grosseiras, e por assim dizer, um aborto arquitetônico, é airoso e talvez belo (...) o limitado escoamento devido ao número de bicas que eram dezesseis e a pequenez da caixa que a continha".
>
> (CORRÊA, 1939, p. 16)

Segundo Magalhães Correa (1939), apenas em 1834 foi iniciada a obra do projeto de Grandjean de Montigny, que teve sua demolição definitiva em 1925 na gestão do Prefeito Alaor Prata. Na Figura 15, foram ilustrados os trabalhadores que faziam o transporte de água por carroças puxadas por burros, e pessoas com potes na cabeça. Nele, é possível perceber a vida movimentada ao redor da do chafariz.

Figura 15: Ilustração do Chafariz da Carioca
Fonte: Pustkow, F., 1850.

Com a intensificação dos problemas de abastecimentos na cidade, oriunda do desmatamento das nascentes dos rios, foi inaugurada a Caixa da Mãe D'água e o Reservatório Carioca (1744 e 1865 respectivamente) na nascente do Rio Carioca, em Santa Teresa (INEPAC, 2006). No local havia uma série de tanques, reservatórios e a casa dos "Carioqueiros[15]", funcionários que faziam a guarda da represa e seus auxiliares (Corrêa, 1948, p. 40). Parte da água do rio

[15] Pessoas que trabalham na conservação, reparo e limpeza. Tinham a função de correr nas nascentes, açudes, barragens, represas, caixas de areia e caixas d'água, retirando as impurezas e fiscalizando o funcionamento.

corria por Santa Teresa em direção ao aqueduto, e o excedente seguia o curso natural do rio, descendo pelo vale.

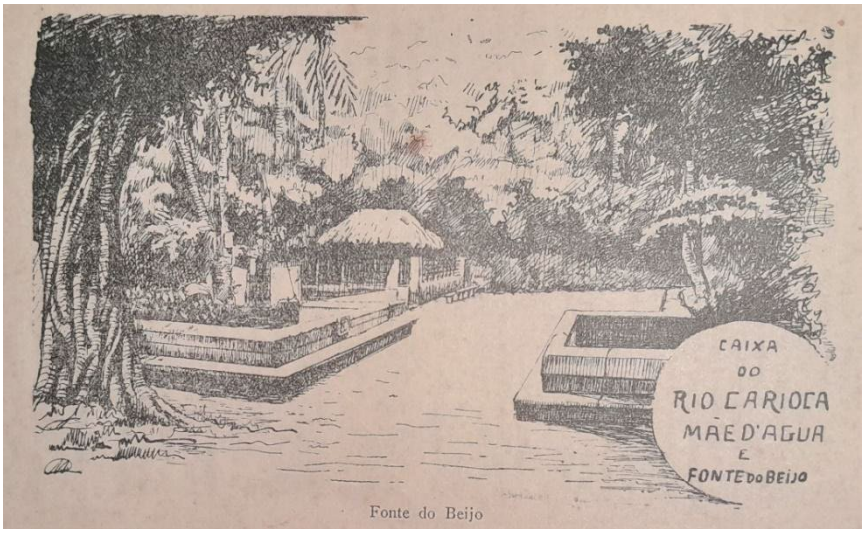


Figura 16: Ilustração do reservatório Mãe D'água
Fonte: CORRÊA, M., 1939.

Além desses reservatórios, foi construído em 1883 o Reservatório do França, com o intuito de melhorar o sistema de abastecimento captando o grande o volume de águas que afluíam no período de chuvas intensas.

Também abastecidos com as águas cristalinas do Rio Carioca, havia: o Chafariz do Caminho da Glória (1752) construído próximo ao local da antiga aldeia Karióka, que se encontra hoje na Rua da Glória (Figura 17 e Figura 18); o Chafariz dos Jacarés ou Fonte dos Amores (Figura 19) e a Fonte do Menino (1783) no Passeio Público, abastecidos pelo Chafariz da Carioca, por intermédio de canos subterrâneos (Figura 20); o Chafariz das Marrecas (1785) na rua conhecida como “Rua das Belas Noites”, devido à quantidade de bordéis (Figura 21) ; e Bica da Rainha, que ganhou esse apelido por ser um local de passeio da rainha de Portugal, Dona Maria I, no atual Bairro do Cosme Velho (Figura 22). Todos esses foram retratados por Magalhães Corrêa, que, junto às ilustrações, trouxe também dados sobre as construções, lendas, e fatos da vida cotidiana.

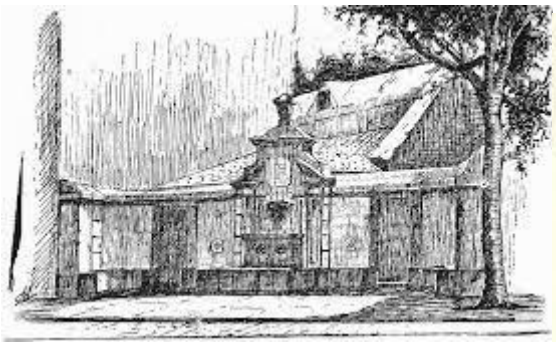


Figura 17: Ilustração do Chafariz da Glória 1772.
Fonte: CORRÊA, M., 1939.

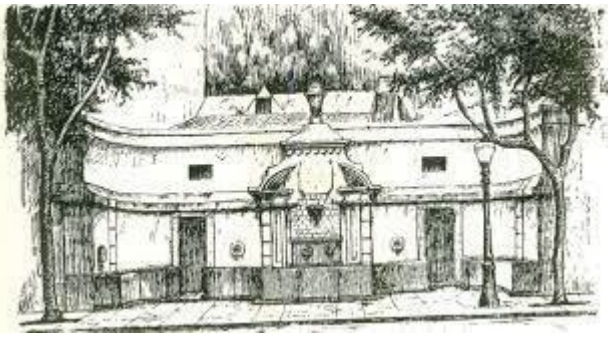


Figura 18: Ilustração do Chafariz da Glória 1906.

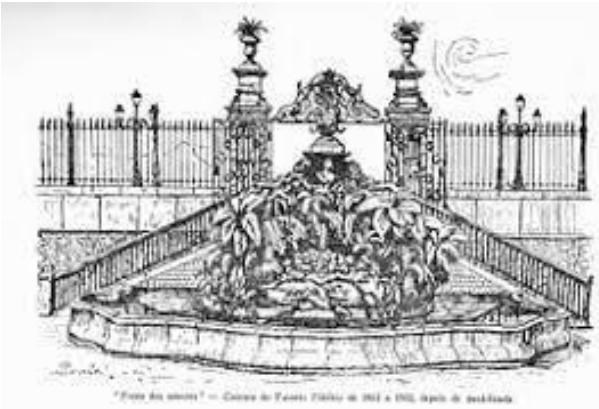


Figura 19: Ilustração Fonte dos amores
Fonte: CORRÊA, M., 1939.

Figura 20: Ilustração Fonte do Menino

Figura 21: Ilustração Chafariz das Marrecas
Fonte: CORRÊA, M., 1939.

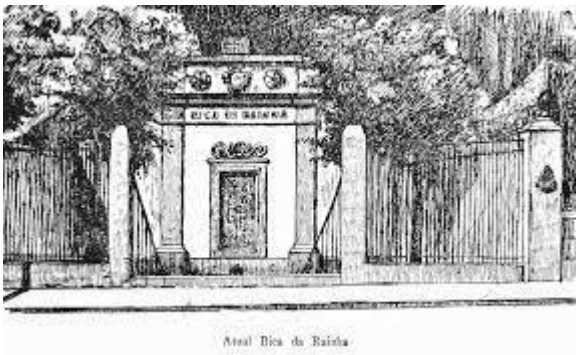


Figura 22: Ilustração Bica da Rainha
Fonte: CORRÊA, M., 1939.

Outros chafarizes e espaços também foram fundamentais na vida cotidiana da cidade, como a Fonte do Boiota, Chafariz do Cais e o Largo do Paço (atual Praça XV), entretanto utilizavam outras fontes de água, e, portanto, não tinham relação direta com o Rio Carioca, objeto desta pesquisa. Com o tempo, foram construídos outros reservatórios, e apenas em 1876 foi iniciada a construção da rede de abastecimento de água em domicílio (INEPAC, 2006).

O Rio Carioca foi protagonista da história de abastecimento da cidade, junto com uma série de funções e trabalhos (SCHLEE et. al., 2007). Até a implementação e popularização do sistema de canalização no século XX, o serviço de fornecimento de água para abastecer as casas abastadas e os navios que atracavam na região, era feito através de um trabalho exercido

principalmente pelos povos escravizados, e por vendedores denominados de “aguadeiros” (Figura 23).

Figura 23: Ilustração de um aguadeiro vendedor de água
Fonte: HILDEBRANDT, E., 1846-4849.

Figura 24: Ilustração do conflito entre aguadeiros e guardas.
Fonte: RUGENDAS, J., 18.

Esses locais eram espaços de convívio dos povos escravizados e trabalhadores da época. Faziam parte do cotidiano e da vida coletiva da cidade, e por consequência palco de diversos conflitos. A proximidade entre cativos, indivíduos livres e forças de ordem gerava situações potencialmente inadequadas e perigosas, inevitáveis em uma cidade dependente de mão de obra explorada (SCHULTZ, 2008, p.191). Na Figura 24, é possível ver um guarda fardado separando a briga entre dois aguadeiros, enquanto há pessoas acorrentadas carregando tonéis de água, e lavadeiras à beira do tanque. A imagem retrata a Fonte do Boiota, mas o ocorrido era um fato recorrente nos arredores dos chafarizes, desde a inauguração da primeira fonte.

> Em 1731, o governador concedeu uma sentinela para o chafariz, enquanto a Câmara tomava severas providências, para conter o **povo ignorante composto por negros escravos,** que danificavam e rompiam os canos, impondo a pena de galés e açoites a tais vândalos.
>
> (CORRÊA, 1939, p. 17)

Nessa citação, é explicitada a forma preconceituosa que a população via a comunidade negra. Colocando os atos de rebeldia, ou confrontos do dia a dia, como ignorância, e não como uma manifestação da indignação, ou conflitos inerentes perante a situação degradantes a que eram submetidos.

Das águas coloniais, os bons ares da floresta à elite pertenciam, enquanto aos trabalhadores, restava a várzea dos chafarizes. Durante algumas décadas, as fontes e chafarizes, pontos fundamentais da sociabilidade negra, seguiram servindo de complemento ao abastecimento da cidade, mas os problemas de manutenção foram sendo agravados até chegarem ao abandono total.

O Rio e o Rio

Ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, sucessivos ciclos econômicos no Brasil, sustentados pela exploração humana escravizada e dos recursos naturais locais, ajudaram a talhar progressivamente a vida na cidade, especificamente no vale do Rio Carioca, influenciando padrões de ocupação (ABREU, 1987).

A partir da chegada da Corte Portuguesa em 1808, os limites urbanos expandiram-se em direção à zona sul da cidade, valorizando toda a área da bacia do Rio Carioca (CAVALCANTI, 1997). O Rio Carioca, além de fornecer água potável, servia para outros fins, como a criação de animais. Outra atividade muito documentada era a de lavagem de roupas, realizada tanto nos chafarizes quanto no leito do próprio rio, nas regiões onde a água era mais limpa, como o Cosme Velho e Laranjeiras (Figura 25). Desta época há relatos de empresas que forneciam o serviço (KARASH, 2000).

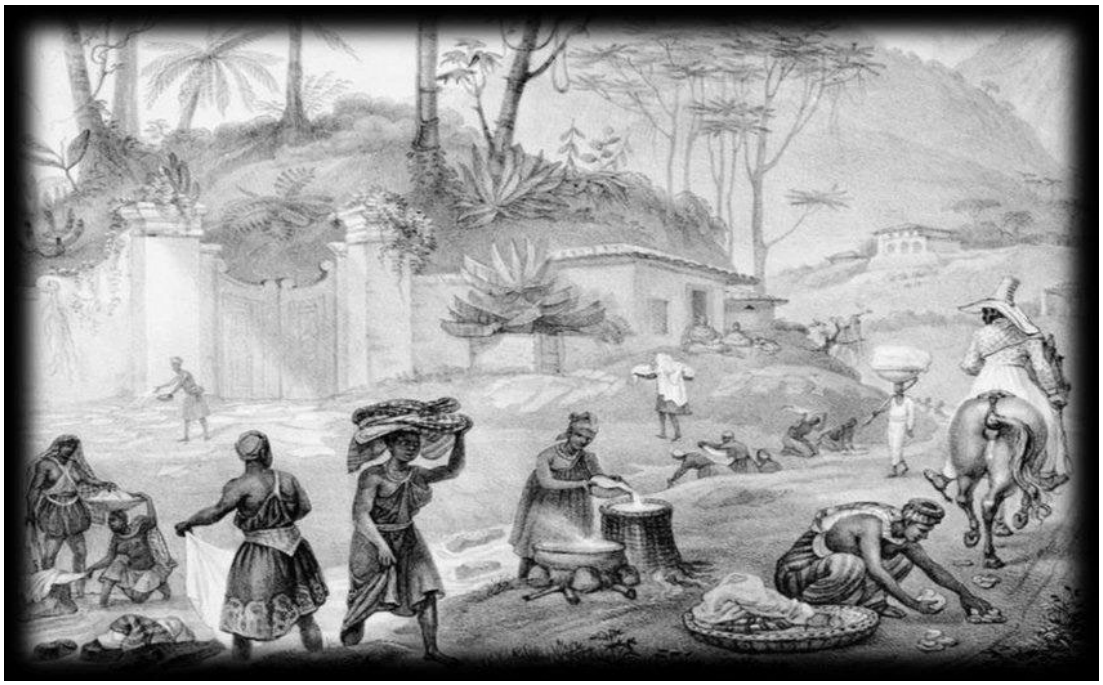


Figura 25: Ilustração das lavadeiras na beira do rio
Fonte: DEBRET, J., 1835.

Ainda segundo Karash (2000), as terras irrigadas por rios sempre foram disputadas, e durante o século XIX o Maciço da Tijuca foi tomado por plantações de café. Com a intensificação do desmatamento, veio o aumento das secas. A falta d'água levou o Governo a desapropriar as terras do Maciço para permitir sua recuperação, considerado um caso pioneiro no mundo. A paisagem local testemunhou a transformação que se consolidou na primeira metade do século XIX, onde a prevalência dos usos rurais deu lugar a usos mais urbanos.

No século XX, o traçado do Rio Carioca funcionou como um vetor de penetração para as encostas do Maciço da Tijuca. A implantação de fábricas e, posteriormente, seus fechamentos, tiveram impactos significativos na área do vale do Carioca e colaboraram para o surgimento das primeiras favelas da bacia.

> A instalação da vila operária nas proximidades da fábrica fez com que novos agentes, hábitos e valores fossem incorporados à vida urbana do vale, mas seu abandono deixou como herança o início da ocupação das suas encostas por estratos sociais de baixa renda, que procuravam garantir moradia próxima aos locais de trabalho[16] (SCHLEE; CAVALCANTI; TAMMINGA, 2007)

[16] Este processo deu origem ou intensificou os contingentes das favelas Vila Imaculada Conceição e Vila Cândido (1931), Morro Azul (1936), Guararapes (1937), Cerro-Corá (1941) e Vila Pereira da Silva (1946) (GEOHECO-UFRJ/SMAC-PCRJ 2000, Vianna 1993, Aquino 1990).

Durante as grandes reformas os elementos naturais eram considerados como obstáculos a serem vencidos. Na medida em que a cidade crescia, rios e córregos foram sendo desviados e canalizados. Morros arrasados. Lagoas, brejos, alagadiços, e até o próprio mar, aterrados. Ao longo do tempo, as pequenas pontes que faziam parte do dia a dia da população, foram desaparecendo e as águas sumindo do cotidiano urbano (Figura 26 e Figura 27).

Figura 26: Pintura da ponte do Catete primeira metade do século XIX
Fonte: Rugendas, J., sd.

Figura 27: Foto ponte do Catete 1905
Fonte: Autor desconhecido.

O encontro do Rio Carioca com a Baía de Guanabara, área de alta valorização devido à sua opção locacional, foi sendo empurrado para os limites, até ser completamente sufocado. Mesmo assim, o rio seguia sendo indispensável para o funcionamento da cidade. Fornecendo energia para os motores das fábricas de tecido e cerveja, e como fluxo de transporte de resíduos de esgoto doméstico e industrial, principal função dos rios urbanos na virada do século.

Atualmente, com sua nascente localizada no Parque Nacional da Floresta da Tijuca, o Rio Carioca percorre os bairros Santa Teresa, Cosme Velho (passando pelas Favelas Cerro-Corá, Vila Cândido e Guararapes), Laranjeiras, Catete e Flamengo. O braço artificial situa-se subterrâneo, apresentando como resquício Reservatório do França, antigo Aqueduto da Carioca (Arcos da Lapa) e as fontes do Passeio Público. O leito original encontra-se praticamente todo encoberto e canalizado (Figura 28 e Figura 29), tendo poucas áreas em que a população tem algum tipo de contato físico ou visual com suas águas.

O padrão de desenvolvimento urbano nesta área é caracterizado pela coexistência de parcelamentos regulares para classes de alto poder aquisitivo (edificações situadas em lotes de grandes dimensões) e assentamentos irregulares ocupados por comunidades de baixa renda.

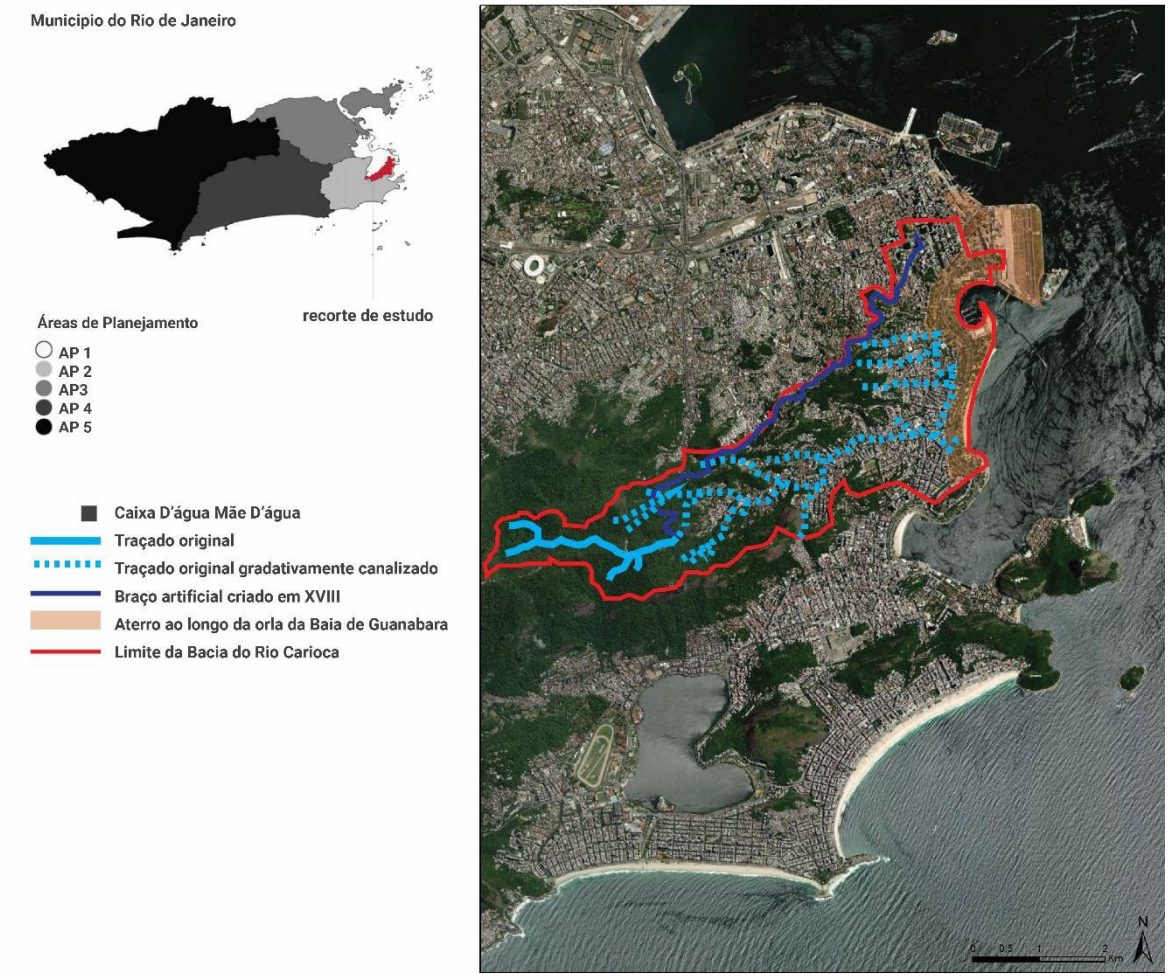


Figura 28: Mapa do recorte de estudo.
Fonte: Elaborado pela autora, sobre base fornecida pelo grupo SEL-RJ, 2022.

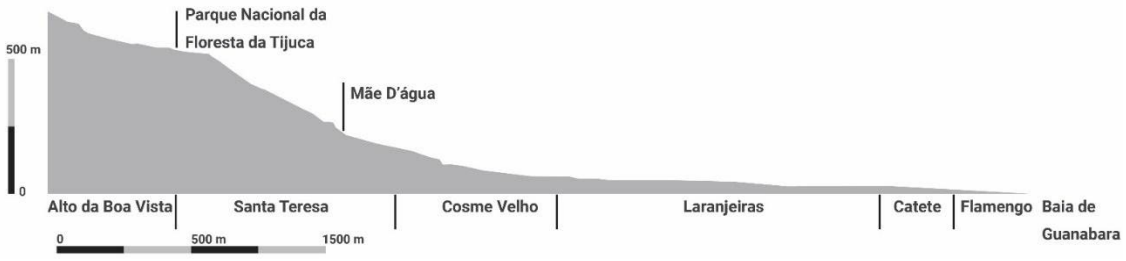


Figura 29: Perfil longitudinal da Bacia do Rio Carioca.
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Apesar desse afastamento das águas do Rio Carioca com os cariocas, sua importância foi recentemente reconhecida. Em 2018, o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC decretou o tombamento da extensão integral do leito do rio, destacando seu valor cultural, histórico, natural, paisagístico e simbólico para o Estado do Rio de Janeiro. Este foi o primeiro tombamento de um rio urbano no Brasil.

As tentativas frustradas de conter os rios e as chuvas seguiram gerando problemas de enchentes e alagamentos, recorrentes até os dias de hoje. A poluição das águas do Rio Carioca e da Baia de Guanabara também se mantém como um desafio aos poderes públicos. Ao longo dos anos, o acesso à água para consumo humano na Cidade do Rio de Janeiro, passou a ser solucionado com a captação fora dos limites do município e reflete as desigualdades sócio espaciais que moldaram o país, privilegiando de maneira expressiva a área central da capital e, de forma desigual, as favelas e bairros populares. Mesmo em áreas próximas ao Rio Guandu, principal manancial da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, ainda não se conquistou o direito básico ao acesso à água.

A cartografia apresentada neste capítulo busca elucidar não apenas os fatos marcantes de uma narrativa dominante, mas também jogar luz as relações opressoras e desrespeitosas que guiaram o processo de urbanização desde a formação da cidade.

O histórico descrito evidencia o protagonismo do Rio Carioca e sua identificação enquanto um elemento estruturador da paisagem. Como abordado por SCHLEE; CAVALCANTI e TAMMINGA, o processo de transformação da paisagem que ocorreu na bacia espelha a tensão existente entre a estruturação urbana carioca e a natureza tropical, e por consequência sua relação com as águas urbanas.

> A transformação da paisagem ao longo do Rio Carioca está intimamente relacionada com as percepções e atitudes da sociedade local em relação à natureza tropical. As práticas de manejo dessa paisagem revelam e representam valores culturais vigentes em diferentes momentos históricos (SCHLEE; CAVALCANTI; TAMMINGA, 2007, p. 268).

Atualmente, a cidade apresenta uma configuração morfológica bem diferente da apresentada na Figura 09. Desmonte de morros, desmatamentos, poluição e aterros pautaram grandes reformas urbanas que transformaram a paisagem carioca. Em consequência, geraram problemas de abastecimento e inundações recorrentes.

A “velha ética” (GUDYNAS, 2019) também conduziu o viés de uma narrativa hegemônica, que se esforça em esquecer quem já passou por ali: os povos originários que se relacionavam de forma não hierárquica com o meio; as populações escravizadas que exerciam trabalhos fundamentais na urbanização da cidade; e os moradores dos antigos morros que foram desalojados para que o próprio chão que habitavam se tornasse insumo para inúmeros aterros. Tais processos produzem marcas no território, deixando vestígios e pistas.

3.2. Compartimentação

A metodologia aplicada nesta seção se debruça no território de estudo com a proposta de descortinar as camadas que o compõem e se aproximar das dinâmicas urbanas e sociais imbricadas. Através do método de Compartimentação da Paisagem desenvolvido no Projeto Orla (BRASIL/MMA, 2002), identificar as Unidades da Paisagem na área estudada. Este método se torna ainda mais pertinente uma vez que, mesmo com o processamento do seu limite sendo alterado constantemente, parte do recorte de estudos se caracteriza como uma orla costeira.

Este procedimento consiste na divisão e subdivisão em compartimentos diversos, propiciando o aprofundamento da análise em múltiplas escalas. Nesse contexto, compreende-se por Unidade da Paisagem (UP) um recorte territorial que apresenta certo grau de homogeneidade de configuração, dependendo da escala de análise, caracterizado pela disposição e dimensão similares de quatro elementos: o suporte físico; a estrutura e padrão de drenagem; a cobertura vegetal; e a forma de ocupação (MAGALHÃES; MANETTI; TÂNGARI, 2013).

Na área de estudo, foram identificadas oito Unidades de Paisagem (UP) apresentadas a seguir em mapa, cortes esquemáticos e descrição. Essa identificação se entrelaça com a escolha de personagens e narrativas que dão corpo ao objetivo de desvendar paisagens e sua diversidade.

As Unidades de Paisagem foram definidas a partir da leitura cartográfica e do material de levantamento. Para defini-las, foi necessário considerar três relações espaciais:

a) Matriz, corredor e fragmento (FORMAN; GODRON, 1986);
b) Padrão de ocupação: centralidades e características dos tecidos;
c) Comportamento do rio: canalizado, subterrâneo, leito natural;

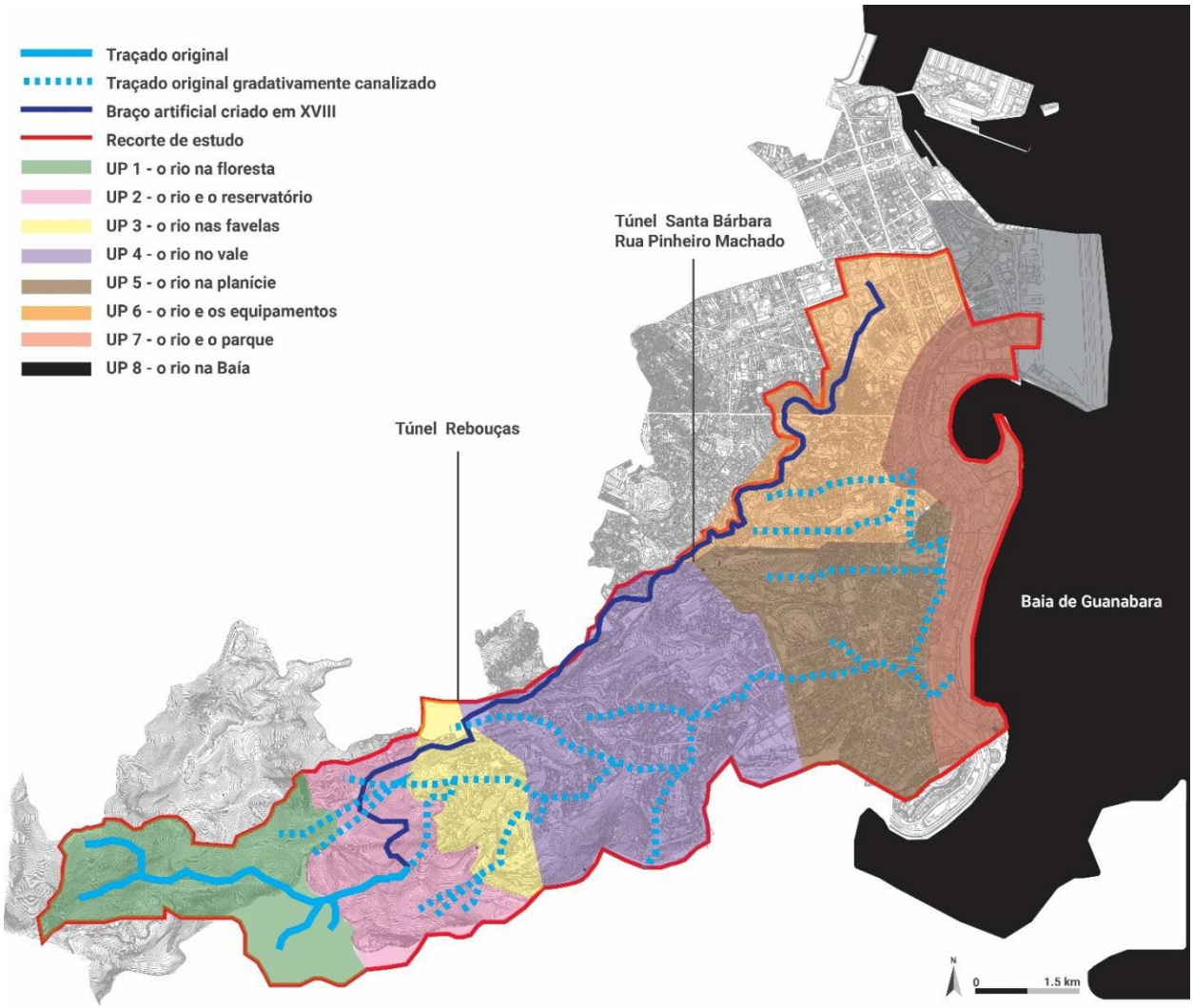


Figura 30:Identificação das Unidades de Paisagem.
Fonte: produzido pela autora, 2022.

A análise na escala da bacia hidrográfica do Rio Carioca possibilita uma descrição mais detalhada quanto aos produtos e agentes de cada porção territorial no momento presente. Essa metodologia de análise fornece um diagnóstico paisagístico que utiliza tanto o recurso da escrita (descritivo), como também da representação gráfica (expresso em desenhos de planta baixa e perfis). A leitura e produção deste material versam sobre a caracterização física e morfológica do território e propiciam uma interpretação específica da realidade, além de dar pistas sobre as possíveis potencialidades e conflitos envolvidos.

Figura 31: Unidade de Paisagem 1.
Fonte: produzido pela autora, 2022.

UP 1 – o rio na floresta: Inserida dentro dos limites do Parque Nacional da Floresta da Tijuca, localizada na cota mais alta do recorte, é caracterizada pela conservação da cobertura vegetal. Nesse trecho a matriz é formada pela Mata Atlântica e o Rio Carioca funciona como um corredor que segue na superfície.

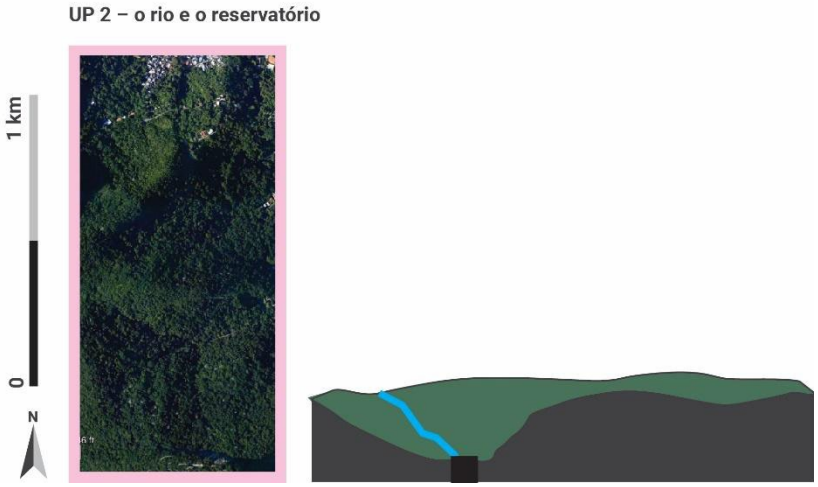


Figura 32: Unidade de Paisagem 2.
Fonte: produzido pela autora, 2022.

UP 2 – o rio e o reservatório: Delimitada pelo limite do Parque Nacional da Floresta da Tijuca e a Rua Almirante Alexandrino, onde se localiza o reservatório "Mãe D'água". Este é o último contato da população com a água limpa do Rio Carioca. Na UP 2 a matriz ainda é composta por Mata Atlântica, e o rio um corredor, porém já é possível observar com alguns fragmentos de malha urbana.

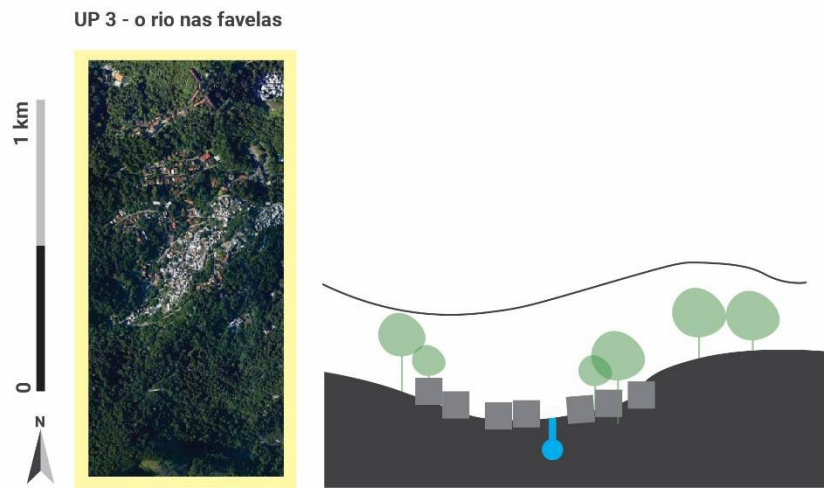


Figura 33:Unidade de Paisagem 3.
Fonte: produzido pela autora, 2022.

UP 3 - o rio nas favelas: Abrange a área das Favelas dos Guararapes, Vila Cândido e Cerro Corá, ocupando a encosta do vale e contém uma queda d'água utilizada como área de lazer pelos moradores das três comunidades. Nesse trecho, o Rio Carioca começa a ser poluído por esgotamento sanitário e resíduos sólidos. A canalização do rio se inicia nesse trecho, sendo assim o rio pode ser visto apenas entre os becos e casas. Matriz, e fragmento seguem sendo os mesmos da UP2, entretanto há aumento significativo de fragmentos de malha urbana. O rio passa a ser um corredor canalizado.

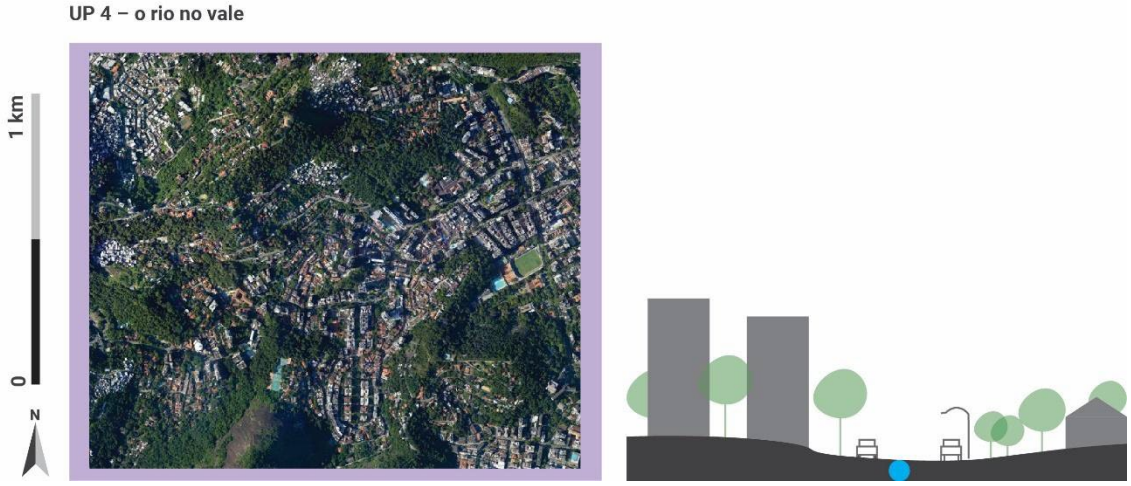


Figura 34:Unidade de Paisagem 4.
Fonte: produzido pela autora, 2022.

UP 4 – o rio no vale: Localizada entre o Túnel Rebouças e o Túnel Santa Bárbara, apresenta padrão de construção de uso misto, preservando casarios do início da colonização e edifícios multifamiliares de gabarito médio e alto. Engloba o bairro do Cosme Velho e parte de Laranjeiras, onde é possível ver o Rio Carioca canalizado (Largo do Boticário) e a fonte da Bica da Rainha desativada. Estes bairros contêm boa arborização urbana e têm as encostas ainda preservadas com fragmentos de Mata Atlântica parcialmente ocupados por construções formais e informais. Nesta unidade, a relação matriz /fragmento se inverte. A malha urbana se configura como matriz nas partes de fundo de vale, e as áreas de relevo das encostas são fragmentos de Mata Atlântica. O rio canalizado passa a ser um corredor subterrâneo e a Rua do Cosme Velho e Laranjeiras, um corredor superficial.

Figura 35: Unidade de Paisagem 5.
Fonte: produzido pela autora, 2022.

UP 5 – o rio na planície: Delimitada pelo Túnel Santa Bárbara, o eixo viário da Rua Pinheiro Machado e o início do Parque do Flamengo, localiza-se na planície costeira do recorte. Esta UP conta com boa mobilidade urbana e espaços livres públicos de qualidade (praças, parques, jardins). As construções são de uso misto com edificações de médio gabarito e abrange os bairros de classe média e média alta: Laranjeiras - Largo do Machado, Flamengo e Catete. As relações de matriz, fragmento e corredor seguem sendo as mesmas da unidade anterior, porém com redução de relevos e aumento de malha urbana.

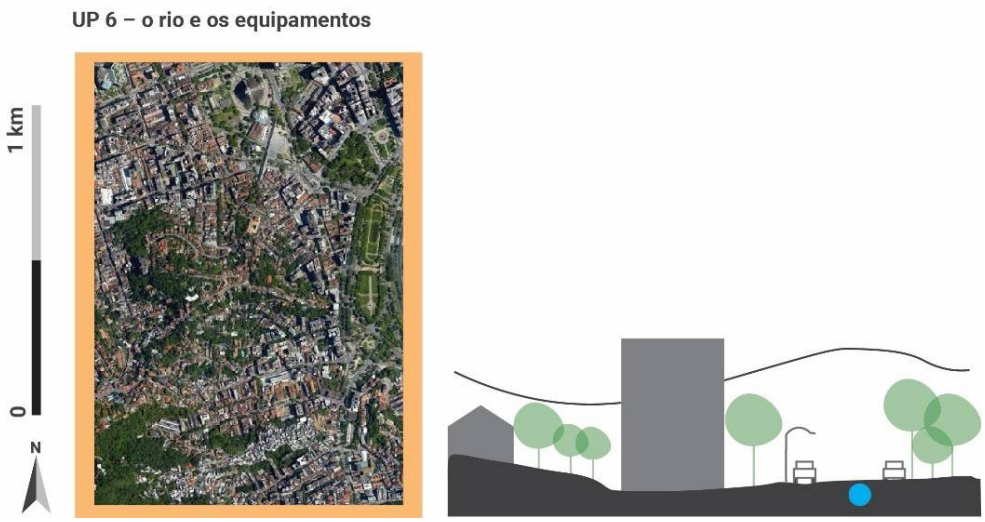


Figura 36: Unidade de Paisagem 6.
Fonte: produzido pela autora, 2022.

UP 6 – o rio e os equipamentos: Abrange o Bairro da Glória com edificações de gabarito médio e uso misto, a encosta do Bairro de Santa Teresa, que conserva casario antigo de baixo gabarito, e parte do Centro, contendo construções comerciais de gabarito alto. Conta com acesso a serviços públicos e espaços de lazer e cultura. Neste trecho o Rio Carioca corre subterrâneo, tendo como vestígio de sua existência apenas algumas fontes e chafarizes históricos. A matriz se mantém como malha urbana e as praças e parques se configuram como fragmentos. A arborização urbana espraiada funciona como corredores que conectam esses espaços.

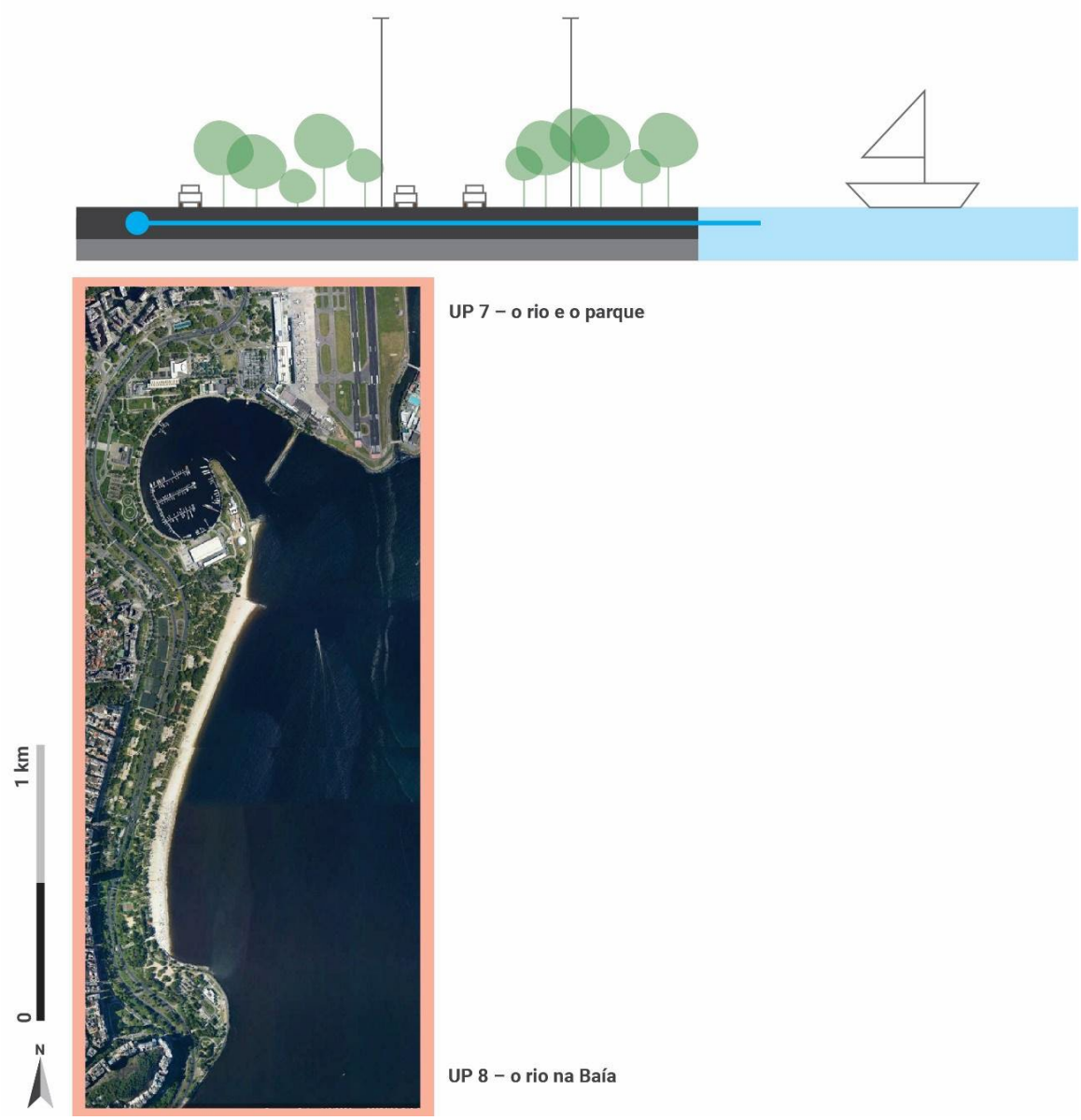


Figura 37: Unidade de Paisagem 7 e 8.
Fonte: produzido pela autora, 2022.

UP 7 – o rio e o parque: Inserida no Parque do Flamengo, se encontra sobre área de aterro. É caracterizada pelas pistas de alta velocidade, espaços de lazer de escala metropolitana, praia artificial e equipamentos de cultura. Nesse trecho, se localiza a foz do Rio Carioca, que conta com uma estação de tratamento de esgoto antes de desaguar na Baía de Guanabara. A matriz passa a ser o espaço livre público, a Baía um fragmento de oceano e as vegetações corredores verdes.

UP 8 – o rio na Baía: Contempla a Baía de Guanabara e é marcada pela poluição de suas águas. As relações estabelecidas são, principalmente, de funções econômicas, de serviços e

de atividades pontuais de lazer e esporte. A Baía passa a ser matriz, tendo as ilhas como fragmentos e as correntes como corredores.

Conforme defendido por SILVA et al (2013), os recortes territoriais consideram diferentes agentes de transformação da paisagem, e tem como princípio aspectos físicos e sociais. Desta maneira, este tipo de análise não privilegia um único protagonista do processo histórico e com isso colabora para o debate dos conflitos e contradições.

A aplicação do método induziu sucessivas análises e sínteses, possibilitando os resultados aqui apresentados. A partir da leitura da paisagem identifiquei os diferentes Tipos de Unidade de Paisagem. Os Tipos foram definidos em função das relações estabelecidas entre as formas de uso e ocupação do solo, as centralidades urbanas, o relevo e o sistema hídrico e a relação socioespacial e econômica.

A análise na escala das UP identifica uma relação própria de matriz, corredor e fragmento em cada Unidade. Mas ao ampliar a escala para analisar a Bacia Hidrográfica como um Compartimento da Paisagem inserido no município do Rio de Janeiro (Figura 38), podemos afirmar que a bacia tem como matriz a malha urbana consolidada, e as manchas de Mata Atlântica se comportam como fragmentos que se relacionam entre si e com outros maciços da cidade. Ainda nessa escala, a Rua Cosme Velho /Rua Laranjeiras é identificada como um corredor viário que conecta o vale à planície, e o Rio Carioca, mesmo subterrâneo, canalizado e poluído, é um corredor natural com fluxo para a Baía de Guanabara.

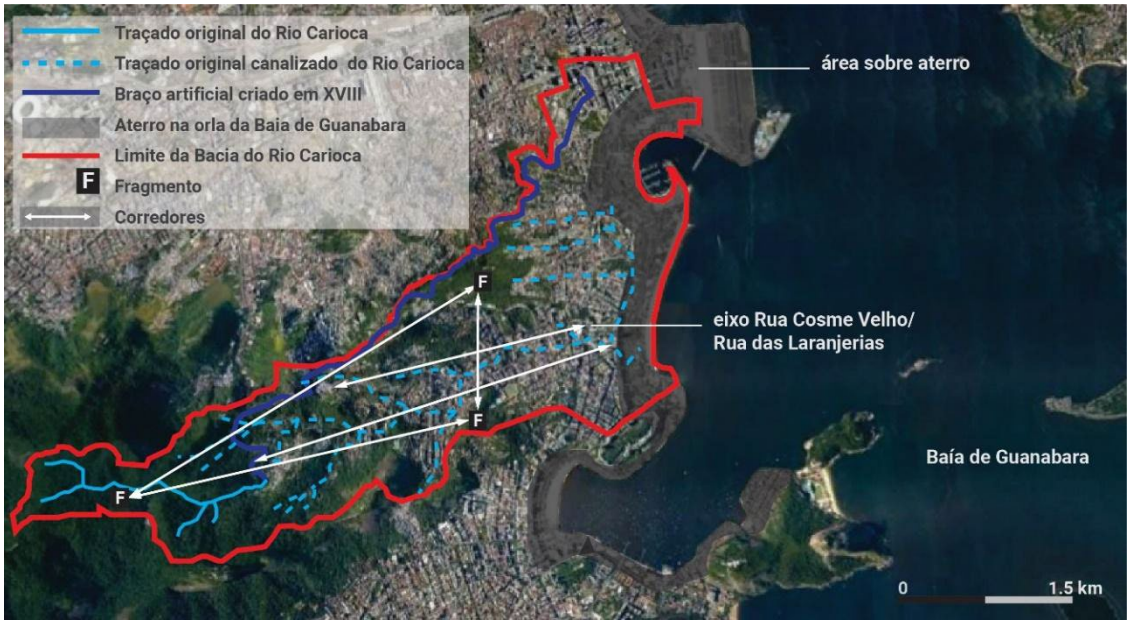


Figura 38: Mapa de matriz, fragmento e corredor.
Fonte: produzido pela autora, 2022.

As análises realizadas me permitiram entender como o rio se comporta em cada Unidade da Paisagem, de que maneira se coloca sobre o relevo, como se relaciona com os distintos padrões de ocupação, como é visto ou percebido pelas pessoas e, principalmente, quais são as contradições e conflitos gerados. Portanto, o procedimento de Compartimentação da Paisagem lida com as questões ambientais tendo como foco o ser humano e suas condicionantes territoriais, econômicas, sociais e culturais SILVA et al (2013).

O Rio Carioca se apresenta como um elemento estruturador, simultaneamente conecta, atravessa e fragmenta o território. Tanto em seu braço artificial, quanto no seu caminho natural antropizado, assim como uma linha férrea desativada, que muitas vezes passa despercebida pela maioria das pessoas, sua existência impacta nas dinâmicas e deixa marcas e vestígios na paisagem.

3.3. Exploração

Nesta seção apresento a exploração dos vestígios, demonstrada por meio de um relato do percurso realizado em momentos distintos, acompanhado de croquis de suporte (Figura 40 a Figura 49). A utilização de croquis desenhados a mão, ao invés do uso de fotografias, foi uma opção intencional para direcionar o olhar para os pontos que se destacaram como mais relevantes. Essa ferramenta possibilita a inclusão de detalhes específicos, e a ênfase em certos elementos, mas também colabora para estimular a interpretação pessoal do leitor nesse primeiro momento de reconhecimento. Ademais, o relato e as imagens foram diagramados de modo que os croquis acompanhassem a escrita da mesma maneira que foram sendo descobertos ao longo dos percursos. Abaixo, a Figura 39 apresenta o mapa dos percursos, com os pontos de parada onde os mesmos foram desenhados:

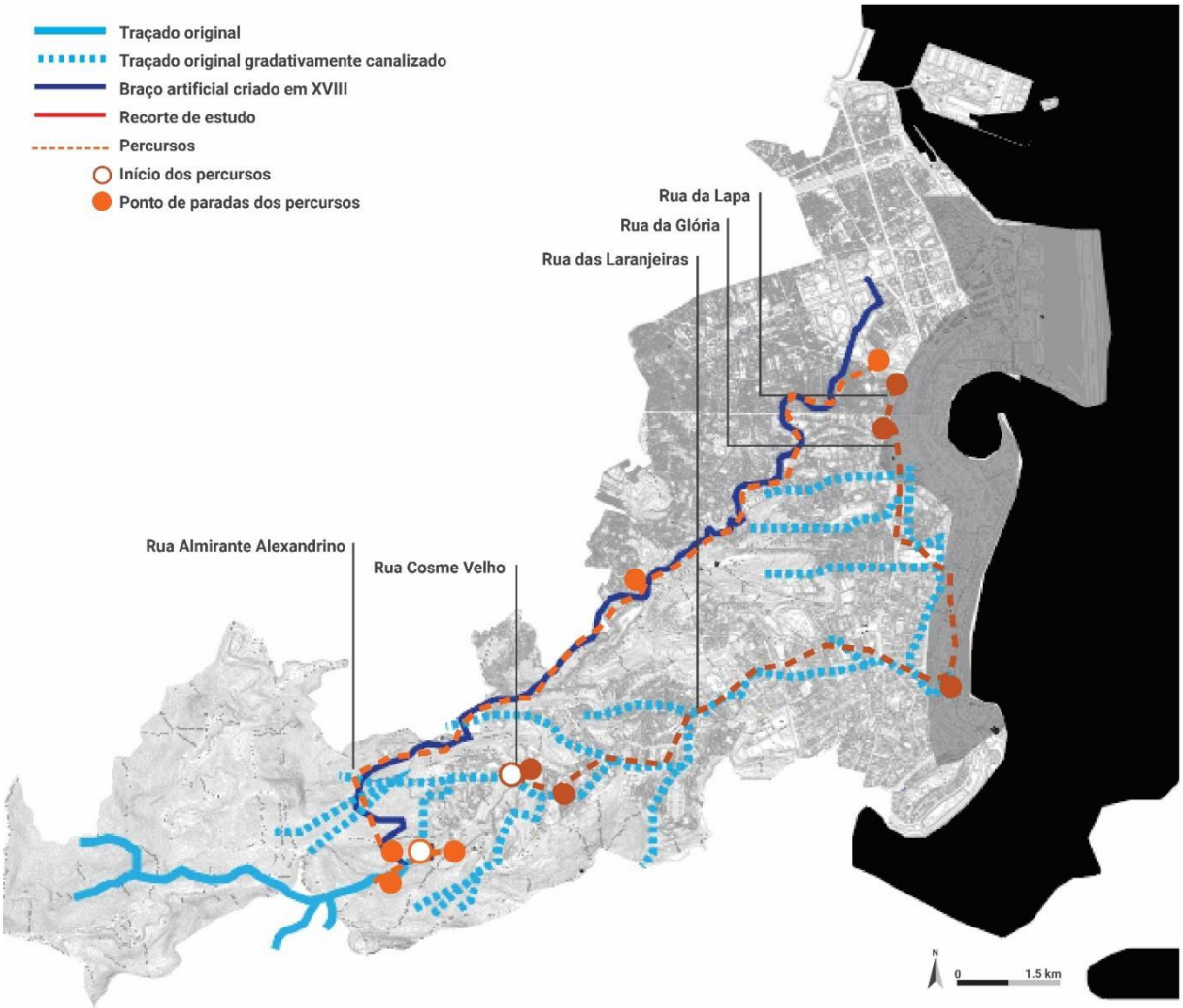


Figura 39: Mapa dos percursos.
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os percursos

Começo o percurso pelo primeiro equipamento identificado nas minhas pesquisas: o Reservatório Caixa da Mãe D'água, tombado pelo INEPAC em 1998, no bairro de Santa Tereza. Apesar de estar localizado fora dos limites do Parque da Floresta da Tijuca, o reservatório está implantado na encosta da floresta, com um ambiente repleto de mata e com uma temperatura muito agradável.

Colado na calçada estreita há um antigo casarão com um avarandado generoso. Lembro de ler que era a casa do encarregado das caixas. Penso como deve ter sido morar ali, ouvindo o rio correr e o cheiro da terra molhada. Ao lado dessa construção tem um pequeno portão de ferro antigo e logo adiante uma caixa construída em pedra conectada a uns canos de ferro enferrujados. O gradil de cercamento é baixo e é possível ter uma visão ampla para dentro do terreno.

Me sinto entrando em um sítio arqueológico meio abandonado e sem ter certeza se o local é aberto a visitações. Não há placas de sinalização e nem sinal de algum responsável, mas o estado de conservação dos canteiros e das construções parece bem razoável. No acesso, há um jardim frontal com um pequeno chafariz circular desativado bem no centro. Os primeiros indícios da presença da água.

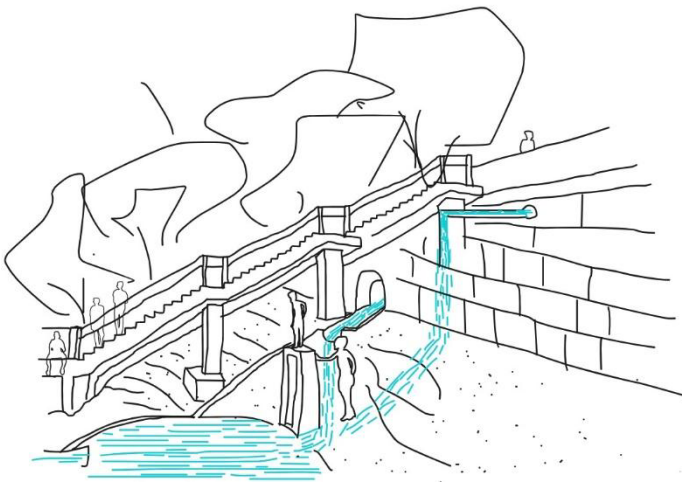
Ao fundo vejo uma escadaria dupla bastante imponente, e no meio um nicho em arco feito de pedra formando um tanque de água, que também se encontra seco. Ao subir as escadas, observo outros equipamentos que compõem o antigo sistema de abastecimento de água da cidade. Uma série de tanques, reservatórios, barragens e um segundo casario (Figura 40). Uma construção em duas águas incrustada no afloramento rochoso, onde vivia o encarregado pelo cloro. Escuto o som da água correndo sobre pedras, e sigo subindo as escadas e passarelas.

Vejo o Rio Carioca. Água limpa que corre pelas pedras saindo do ventre da Mata Atlântica. Os caminhos que sobem em direção nascente na floresta vão ficando menos acessíveis e sinto

que devo parar aqui. Deixar o rio descansar na sua morada. Aproveito para lavar o rosto e beber dessa água ancestral.

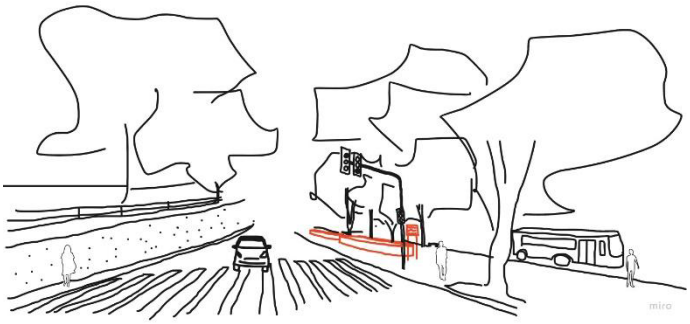
Do outro lado da rua, o excedente das águas não canalizadas extravasa para uma queda d'água localizada abaixo do logradouro formando um poço utilizado como espaço de lazer pelos moradores do alto das favelas. Me lembro de passar por aqui, ainda criança, no meu caminho pela Estrada das Paineiras, e ver a rua repleta de pessoas com roupa de banho. Por cima do peitoril da calçada olho pra baixo e ouço o som das crianças brincando. A grande parede de pedra, que serve de contenção da rua Almirante Alexandrino, faz com que o som ecoe e reverbere ainda mais alto. Parece um clube num dia de domingo!

Desço as escadas carimbadas de marcas de pé molhado. Próximo ao patamar se forma uma fila. A criançada está disputando quem será o próximo a pular no poço (Figura 41). Além da queda d'água e dos dois poços, resquícios da época do reservatório ativo, há também alguns espaços e equipamentos de lazer. Noto alguns bancos, lixeiras e até uma churrasqueira. Nenhum deles se assemelha com os demais dispositivos da prefeitura instalados pela cidade. Parecem ter sido feitos pelos próprios frequentadores. No corrimão, alguns uniformes de escola municipal e nas pedras sapatos e mochilas. Imagino a farra que deve acontecer durante as férias e fins de semana. No chão, entre as folhas, há alguns restos de fogueira e entulho, latas, embalagens de bala e biscoito. Mesmo assim, o lugar parece ser bem cuidado.



Por entre as folhas das árvores, vejo as casas do alto da favela e o rio correndo em meio a pedras e entulhos. Chego mais perto para ver o caminho do rio que vai sumindo entre os becos. Infelizmente, nessa cidade permeada de violências, existem muitos territórios onde se sentir "estrangeira" nos gera insegurança. Desisto de descer pela comunidade, por receio de ser invasiva e desrespeitosa com um espaço que não sinto que me pertence.

Depois de passar por entre os becos e vielas da Favela dos Guararapes, Vila Cândido e Cerro Corá, o rio passa subterrâneo pelos casarões da parte alta do bairro do Cosme Velho. Em seu percurso de descida, o Rio Carioca vai aos poucos perdendo sua transparência e angariando odores decorrentes dos dejetos de esgoto e lixo. Inclusive é comum ser chamado de valão. Próximo ao Largo do Boticário, encontro mais um ponto de contato, um vestígio. O rio, agora com as águas escuras, se debate entre a rua e os muros de contenção dos prédios, e some logo em seguida. Reaparece mais adiante entre as pistas de carro e o terminal de ônibus (Figura 42), através de uma abertura na calçada. Junto ao peitoril, o barulho das águas batendo nas paredes do canal ganha força. Som que se mistura com o ruído dos ônibus e conversas entre motoristas e pedestres.



O terminal de ônibus forma um largo arborizado que serve de estacionamento e apoio aos trabalhadores. Há um restaurante mais elevado ao fundo, bancos e banheiros químicos espalhados por entre as baias. Apesar da correria e calor gerado pelos motores, há muitas pessoas descansando na sombra das árvores e deitados na calçada.

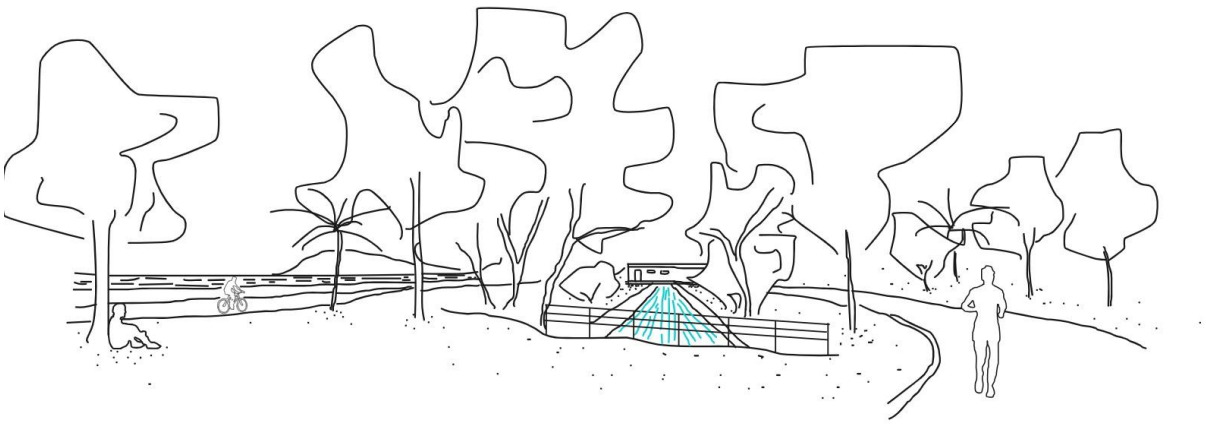
Reparo na placa identificando o rio, dizendo sua extensão e ponto de deságue (Figura 43). Pouco mais adiante, outra placa. Essa trata do tombamento do rio e traz os seguintes dizeres: "Patrimônio Cultural Carioca: No rio Carioca banhavam-se os índios Tamoyo que cultuavam sua magia, pois suas águas, segundo as crenças, davam beleza às mulheres e virilidade aos homens". Logo aqui, onde o rio esgotado, parece estar perdendo seu encanto.

Descendo a rua, escondida atrás de grandes e um pouco abaixo do nível da calçada, é possível ver a Bica da Rainha. Meio misteriosa, parece aprisionada. O portão está trancado

com um cadeado velho. Me pergunto: o que há de tão precioso que precisa ser guardado com tanto empenho? Quais segredos essa fonte seca e praticamente esquecida deve guardar?

A bica recebeu este nome para homenagear as visitas que a rainha de Portugal, Dona Maria I, fazia ao local. No coroamento, a data de construção: "1845". A cada passo, avanço também no tempo. Durante o resto do percurso, passando pelo bairro de Laranjeiras, Largo do Machado e Flamengo, não há mais sinais ou menções ao rio. Mas sei que caminho sobre ele. Chegando próximo ao ponto do atual deságue, no Parque do aterro do Flamengo, sinto um forte cheiro de esgoto.

Vejo o rio pela última vez no meio do canteiro gramado, entre a ciclovia e o calçadão. Agora ele aparece com suas águas ainda mais sujas e escuras antes de entrar tímido na estação de tratamento de esgoto (Figura 45). Ao se esconder debaixo da construção, imagino o rio se despedindo. Indo ao encontro das também maltratadas águas da Baía de Guanabara.



Ao percorrer o segundo trecho do rio, que corria paralelo à orla, pela atual rua do Catete e rua da Glória, encontro o Chafariz da Glória (Figura 46). Um leve recuo em meio à calçada agitada faz com que a antiga fonte passe despercebida pela maioria das pessoas. O tanque de pedra, vazio de água, está repleto de lixo. No beiral noto uns pedaços de alumínio. Restos

de uma "quentinha" que deve ter sido o almoço de alguém. Há várias pichações, desenhos e fragmentos de cartazes e adesivos.

Um vendedor do shopping chão exibe seus objetos estendidos numa lona na calçada e ao seu lado, uma pessoa está com o braço esticado e a mão aberta. Um gesto de pedido. Do outro lado da calçada, muitas pessoas dormindo no chão e outras sentadas na mureta. O cheiro de xixi e fezes é muito forte. Nesse trecho, a maioria dos transeuntes atravessa a rua. Do outro lado, passam apressadas desviando das lonas e dos pedintes.

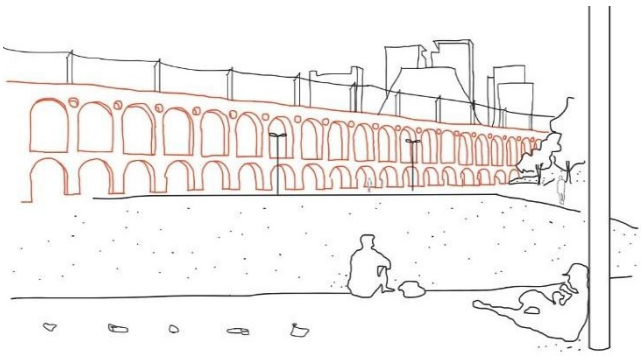
Antigamente, além de um ponto de coleta de água, o chafariz, quando foi construído, tinha conexão direta com a praia, e por isso servia para abastecer pequenas embarcações, assim como a população local. Atualmente, depois de inúmeros aterros, se encontra seco e afastado das águas da Baía de Guanabara. Mas mesmo desativado há décadas, para muitos segue sendo um elemento agregador, usado como espaço de descanso e trabalho.

Voltando para a parte alta da bacia, percorro o trajeto do rio que foi canalizado. Numa curva acentuada da Rua Almirante Alexandrino, no turístico bairro de Santa Teresa, vejo por cima dos muros altos uma parte do Reservatório do França (Figura 47). Apesar de elevado em relação ao nível da rua, é possível ver pedaços da antiga construção em meio ao mato que cresce. Está um dia tranquilo e os trilhos do bonde dão um ar bucólico ao lugar. Uma

transeunte estranha minha pausa e me informa que mais adiante tem um mirante com vista para a cidade. Só então nota a existência do casario.

Sei que o reservatório é rodeado por quatro ruas, e ao dar a volta observo, ao lado do portão enferrujado, uma pequena placa: "Circuito da Águas. Construído em 1883, o Reservatório do França armazenava as águas que extravasavam do Rio Carioca durante período de chuvas intensas". Um tempo em que rio era tão grandioso que extravasava e transbordava.

O resto do trajeto do rio é todo canalizado e não há mais resquícios ou sinais do sistema original de abastecimento ao longo dos 4 km de descida do bairro de Santa Teresa. No entanto, a parte plana da cidade é ocupada pelo antigo Aqueduto da Carioca (Figura 48). Conhecido como Arcos da Lapa. É, sem dúvida, o mais imponente de todos os vestígios estudados. Localizado em uma esplanada forma uma moldura para os altos prédios do centro da cidade.



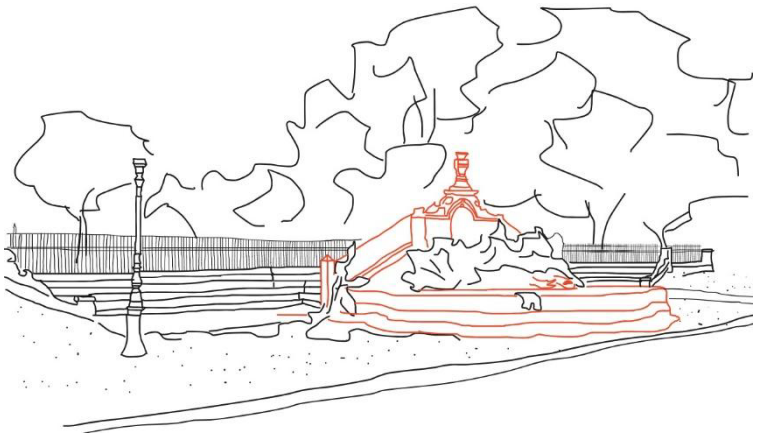
Na calçada estão dispostos alguns objetos em linha. Pedras, sapatos, bolsas e sacolas. É uma fila que se forma na hora do almoço para distribuição de comida para pessoas em situação de vulnerabilidade.

O sol está fortíssimo e algumas pessoas sentam na sombra do poste enquanto aguardam. Me aproximo dos arcos e há ainda mais gente. No calor escaldante, a sombra do aqueduto é reconfortante e acolhedora. Grupos inteiros dormem em papelões abraçados a mochilas e alguns pertences. Entanto isso, turistas variados param receosos para tirar fotos de braços abertos. Próximo ao canteiro, onde os arcos encontram a encosta, se reúne um grupo meio agitado que parece estar consumindo álcool em garrafas plásticas. O cheiro de urina e lixo é fortíssimo. A kombi das quentinhas chega e começa a correria! Junto com a comida, são

distribuídas garrafas de água. A sombra passa a ser ainda mais disputada. Observo a hora do almoço. O silêncio de quem mata a fome e a sede, emoldurado pelo aqueduto seco.

Caminho mais um pouco em meio às ruas muito agitadas. No percurso para o Passeio Público, há um semáforo quebrado que causa uma confusão entre motoristas e pedestres. As reclamações buzinadas se misturam ao som dos carros e vendedores de bala. Próximo ao peitoril do Passeio, há muita gente dormindo no chão. Famílias inteiras deitadas em papelões. O cheiro de urina também é forte. Vejo uma pessoa pular a grade da praça, e em seguida sair correndo. Passo pelo portão, e a sensação é de estar entrando em um oásis. Há muitas árvores e a temperatura é bem mais amena. O ruído da cidade também diminui. Me surpreendo com pessoas vestindo ternos, comendo, sentadas nos bancos em frente ao laguinho. Vejo também trabalhadores uniformizados dormindo nas sombras das árvores.

'Ando até a Fonte dos Jacarés. Seca. No peitoril há um short secando e dentro do tanque uma mochila abandonada e um forte cheiro de fezes. A fonte fica do lado oposto ao portão de acesso e essa parte da praça é bem mais vazia. Por detrás dos arbustos, na beira do laguinho, tem um menino tomando banho. Evito olhar para não interromper o seu momento de intimidade. Mesmo assim, ele me percebe e parece ficar envergonhado. Pega suas coisas, sabão; pote de plástico; garrafa de água; blusa recém lavada e chinelos, e segue em direção à saída. Sento um pouco para descansar e observar. Antes de ir embora, passo no baobá centenário. Agradeço e sigo meus caminhos.



3.4. Identificação

Conforme apresentado nas seções anteriores, o Rio Carioca, dada a sua importância e influência na construção da Cidade do Rio de Janeiro, interferiu na configuração de espaços que participaram e participam da vida da população. A exploração dos caminhos do Rio Carioca revelou uma série de locais e equipamentos onde ainda há algum tipo de indício da presença do rio, definidos nesta pesquisa, como vestígios.

Nesta seção, faço a identificação dos vestígios encontrados (Figura 51 e Figura 52), e em seguida apresento os critérios de seleção utilizados para definição dos que serão aprofundados. Ao todo, foram identificados nove vestígios. São eles:

- V1: Caixa d'água Mãe D'água;
- V2: Piscininha do Silvestre (queda de água/poço em Santa Teresa);
- V3: Canal no Cosme Velho (trecho descoberto perto do ponto final de ônibus e ponto de mototáxi);
- V4: Bica da Rainha;
- V5: Estação de tratamento de esgoto da Praia do Flamengo;
- V6: Chafariz da Glória;
- V7: Reservatório do França;
- V8: Arcos da Lapa (antigo Aqueduto da Carioca);
- V9: Chafariz dos Jacarés e Fonte do menino (no Passeio Público).

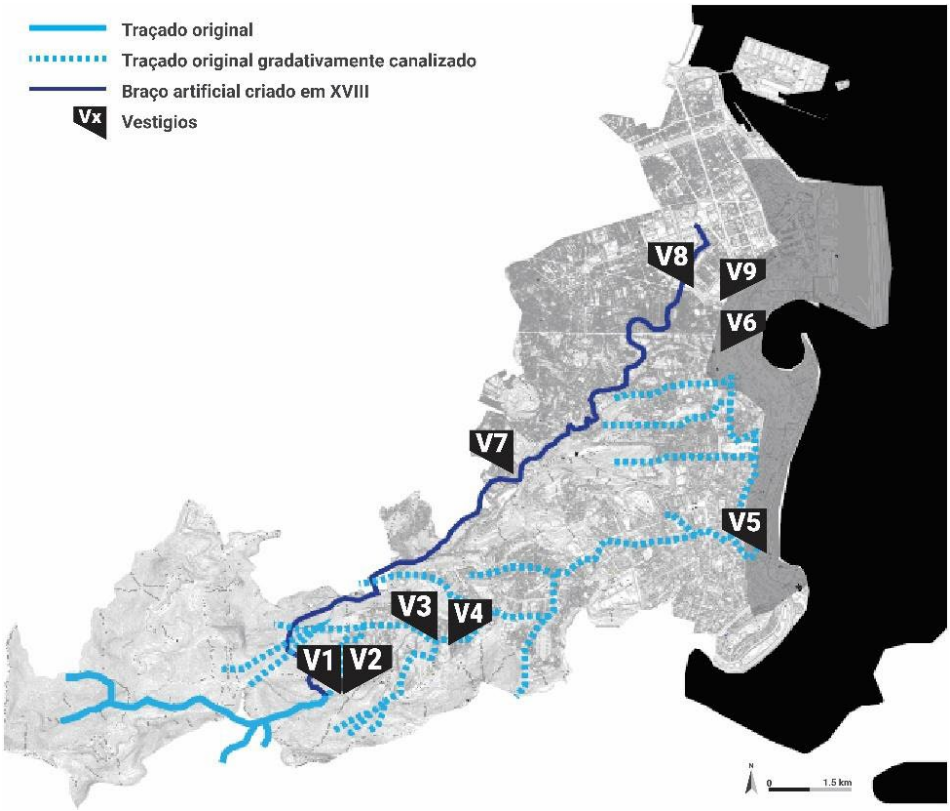


Figura 51: Mapa de localização dos vestígios
Fonte: Desenhado pela autora, 2023.

Figura 52: Composição de fotos dos vestígios do percurso
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Com o objetivo de investigar as práticas cotidianas e interpretar diferentes formas de percepção do ambiente, faço uma aproximação à escala local em quatro dos nove vestígios mapeados. Desta forma, pretendo aprofundar a análise dos aspectos mais intangíveis da paisagem, e relacioná-los aos conceitos que fundamentam esta pesquisa: territorialidades, atmosferas de preferências e pracialidades, destacando as relações de afetividades, disputas e conflitos que se manifestam nos vestígios selecionados.

Os critérios de seleção utilizados para escolher os vestígios a serem aprofundados foram compostos pelas chaves de leitura estudadas nas seções anteriores: cartografia histórica, compartimentação da paisagem e percursos comentados (idas a campo). São eles:

- Valor histórico e relevância atual;
- Identificação do grupo social frequentador, dando prioridade ao perfil de interesse desta pesquisa: pessoas que passam a maior parte do tempo na rua (pessoas em situação de rua, trabalhadores formais e informais);
- Tipo das relações estabelecidas entre os grupos sociais e os vestígios (diferentes usos e apropriações);

Os critérios estabelecidos foram consolidados em um gráfico (Figura 53), cruzando os vestígios com as chaves de leitura, onde quanto mais escuro for o círculo, mais forte é a relação do vestígio com o critério.

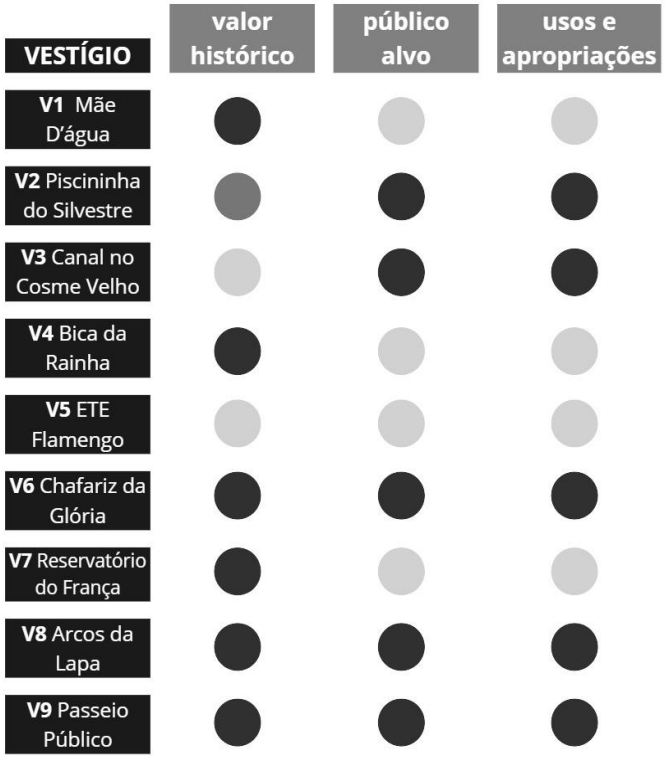


Figura 53: Síntese da aplicação dos critérios de seleção.
Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Os vestígios V6, V8 e V9, Chafariz da Glória, Arcos da Lapa e Passeio Público, respectivamente, apesar de corresponderem aos critérios de seleção propostos, contém características e localização similares. A fim de promover uma maior diversidade representativa na pesquisa, optei por não selecionar os Arcos da Lapa para a aproximação, enquanto o V3, referente ao Canal no Cosme Velho, passou a ser incluído na seleção.

Sendo assim, os vestígios selecionados para serem aprofundados na próxima seção são (Figura 54):

- Vestígio 2- Piscininha do Silvestre: relação com a floresta, a favela e acesso às águas limpas do Rio Carioca;
- Vestígio 3- Canal no Cosme Velho: contato com a água poluída, inserção nos bairros de classe média e média alta e relações de trabalho no local;
- Vestígio 6- Chafariz da Glória: equipamento histórico desativado em área de grande fluxo;
- Vestígio 9- Passeio Público: espaço livre público projetado com controle de acesso.

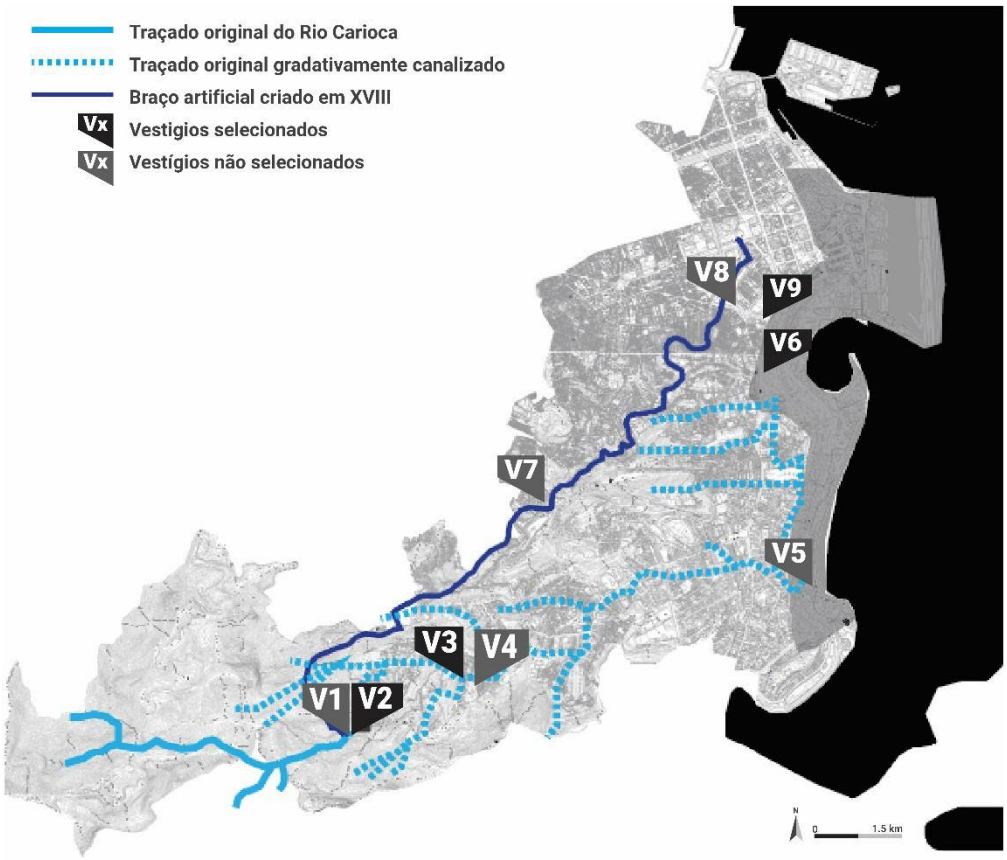


Figura 54: Mapa localizando os vestígios selecionados.
Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Importante ressaltar, que também foram identificados alguns espaços livres públicos, como largos, praças e ruas, que tiveram sua configuração influenciada pela presença do Rio Carioca. E, apesar de suas relevâncias históricas e de desempenharem um papel importante na vida dos habitantes e na dinâmica da cidade atual, não preservam mais resquícios concretos ou menções ao rio (Figura 55) e por isso não são caracterizados como vestígios. Alguns casos de destaque incluem:

- O Largo da Carioca, localizado no centro da cidade, abrigava um dos principais chafarizes de abastecimento até o início do século XX. Devido à intensa atividade em torno do chafariz, o local costumava ficar alagado, gerando mau cheiro e um aspecto pantanoso. O chafariz da Carioca, por intermédio de canos subterrâneos, abastecia as fontes localizadas no Passeio Público Chafariz dos Jacarés, também conhecido como Fonte dos Amores e a Fonte do menino. Hoje em dia, se caracteriza como uma grande praça conhecida por sua vibrante vida urbana, porém sem resquícios da antiga fonte.
- O Largo do Machado, em sua configuração atual, corresponde a uma área que anteriormente era caracterizada por ser alagadiça, onde o Rio Carioca se bifurcava em

dois cursos d'água distintos: um deles fluindo em direção à Baía de Guanabara, enquanto o outro seguia paralelo ao litoral, percorrendo a Rua do Catete até aproximadamente o bairro da Glória. Nesse ponto de encontro, onde o rio fazia uma curva e, em períodos chuvosos, transbordava, formava-se um alargamento que corresponde ao local ocupado pela Praça do Largo do Machado atualmente. Na atualidade, essa praça abriga uma estação de metrô e é o ponto final de diversas linhas de ônibus, desempenhando um papel importante como espaço de lazer e trabalho para a população da Zona Sul do Rio de Janeiro. Com a canalização subterrânea do rio, não há indícios visíveis da passagem do curso d'água.

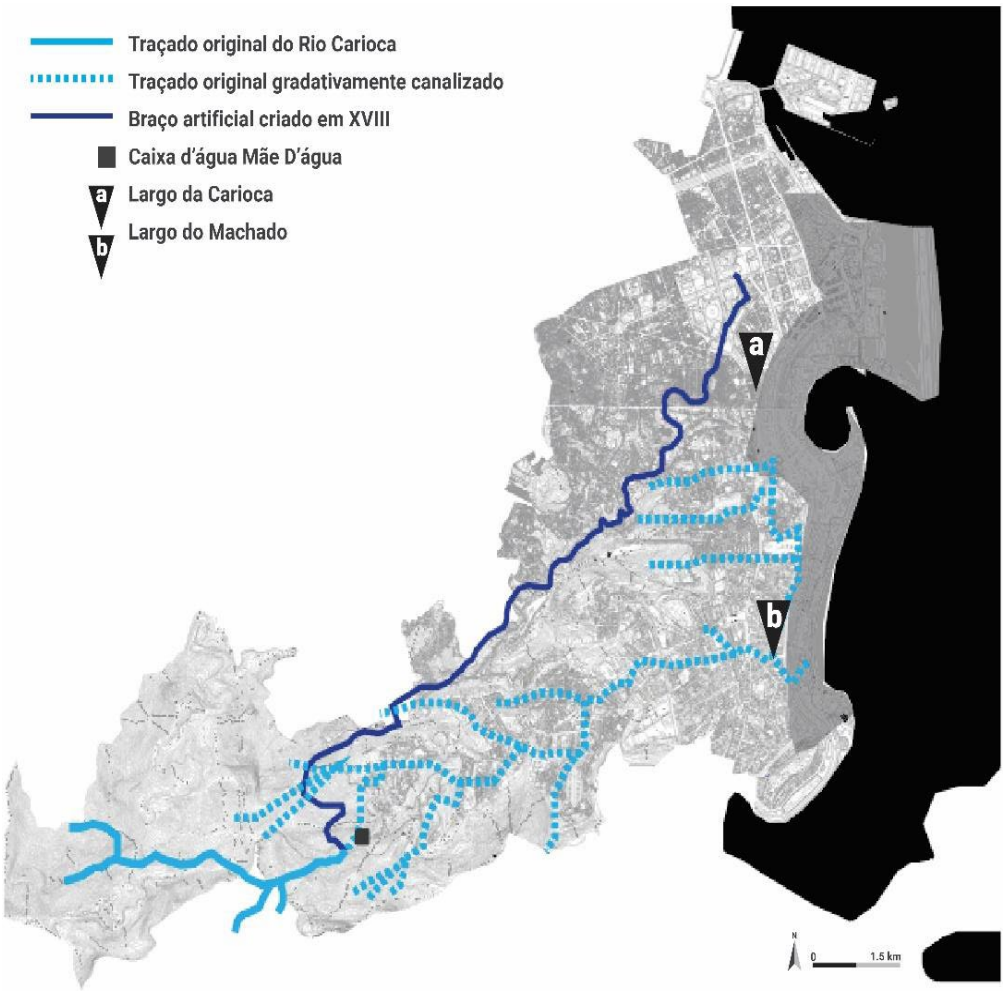


Figura 55: Mapa localizando Largo da Carioca e Largo do Machado.
Fonte: elaborado pela autora, 2023.

3. CARTOGRAFANDO NARRATIVAS

As análises apresentadas no capítulo anterior demonstram que, apesar do apagamento do Rio Carioca e da poluição de suas águas, o rio se configura com um elemento estruturador da paisagem (SCHLEE; CAVALCANTI; TAMMINGA, 2007). Buscando se aproximar da escala do cotidiano, e assim estudar as dinâmicas, usos e apropriações dos vestígios previamente selecionados, este capítulo foi dividido em duas seções onde os espaços e as pessoas passam a ser as protagonistas desta escrita.

Nelas, compartilho as observações feitas nos vestígios V2 Piscininha do Silvestre, V3 Canal no Cosme Velho, V6 Chafariz da Glória e V9 Passeio Público. Através da aplicação de instrumentos de análise cognitiva, como a Observação Incorporada, estabeleço relações entre os comportamentos sociais e os ambientes observados. Essa análise é embasada nos princípios de interdisciplinaridade entre arquitetura e percepção ambiental (RHEINGANTZ et al., 2009).

Devido a essa escolha metodológica e a abordagem experiencial, esta pesquisa não aconteceu de forma linear e sim com uma costura de experiências em tempos distintos. As idas a campo foram feitas em diferentes momentos, permitindo outras percepções do espaço e também adaptações e ajustes nas ferramentas ao longo do processo.

A cartografia das narrativas busca obter a visão do outro sobre o espaço, de maneira que cada vivência no local pudesse revelar o que é importante para manter a sua forma de vida. Desta forma, o capítulo em questão faz uma amostragem da heterogeneidade das percepções da área de estudo através da perspectiva única das observações diretas e dos encontros com pessoas que vivenciam os espaços.

4.1. Aproximações

3.1.1 Piscininha do Silvestre

O berço dos Rios

O primeiro vestígio a ser analisado é um espaço criado pelos moradores da Favela dos Guararapes, que utiliza as águas ainda limpas do Rio Carioca, para criar áreas de lazer de uso público. Fica situado cerca de 20 metros abaixo do nível da Rua Almirante Alexandrino, importante eixo viário para o Bairro de Santa Tereza e o único trajeto público para o Parque Nacional da Floresta da Tijuca, onde se localiza o Cristo Redentor. Embora essas atrações gerem um considerável fluxo de carros e vans na região, o local não se destaca como um ponto de interesse ou turístico, apresentando pouca presença de pedestres. Seu valor está mais relacionado à escala local, atraindo moradores do entorno imediato (Figura 56).

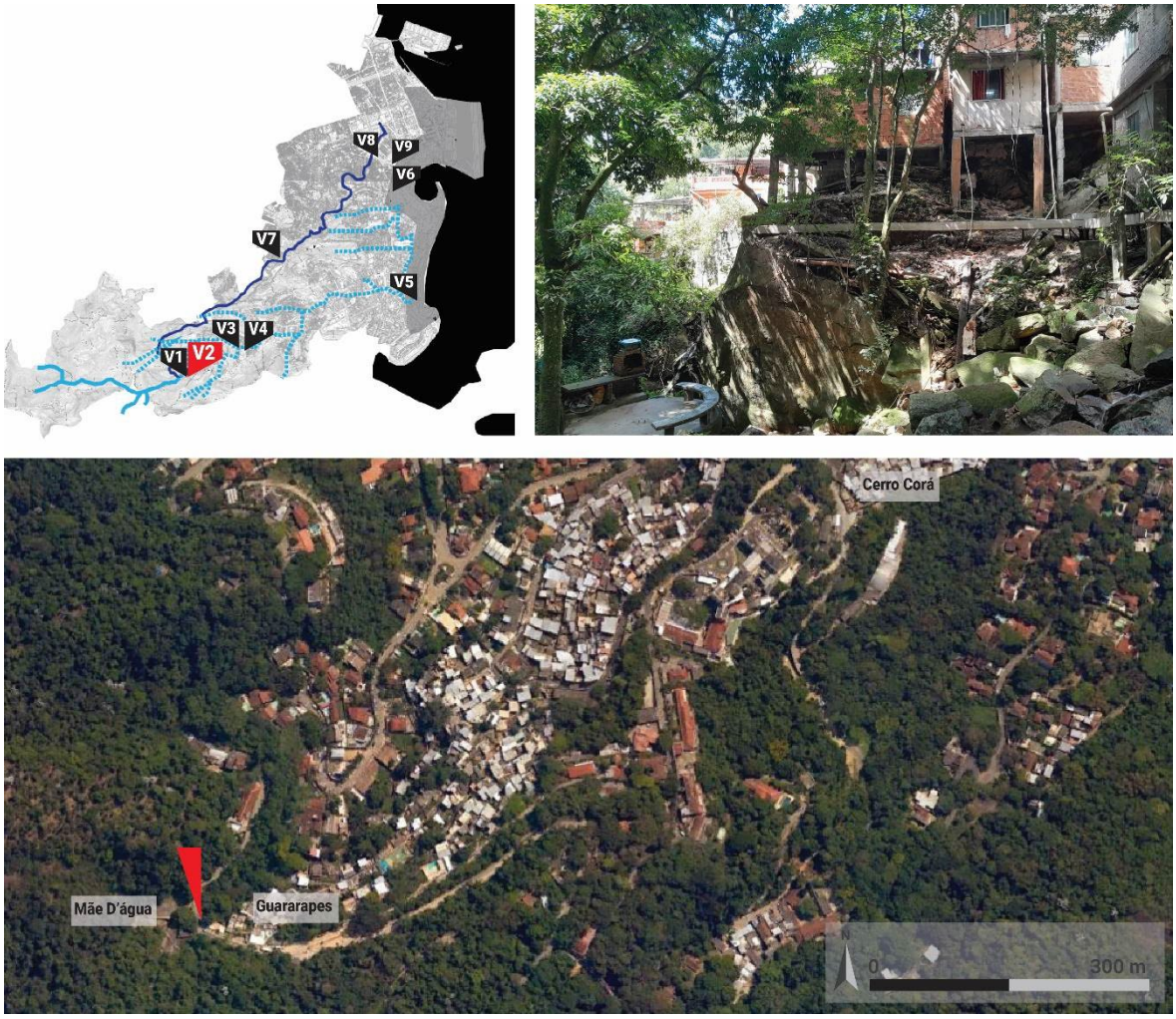


Figura 56: Aproximação do vestígio Piscininha do Silvestre.
Fonte: Elaborado pela autora com base na imagem de satélite do *Google Earth*, 2023.

Localizada no bairro de Santa Tereza, a "Piscininha do Silvestre" é um vestígio que se destaca pela sua conjuntura singular, estabelecendo relações com três aspectos marcantes da cidade do Rio de Janeiro. Primeiramente, há a dimensão do patrimônio histórico, uma vez que o vestígio se encontra em frente ao reservatório desativado conhecido como Caixa d'água Mãe D'água, que desempenhou um papel fundamental na fundação da cidade. Além disso, a própria existência desse vestígio está diretamente relacionada aos equipamentos de abastecimento de água, conferindo-lhe uma relevância histórica adicional.

Em segundo lugar, estabelece uma estreita conexão com a floresta, situando-se nos limites do Parque Nacional da Floresta da Tijuca e proporcionando um ponto de contato com as águas limpas do Rio Carioca. Essa interação com a natureza contribui para a excepcionalidade do local. Por fim, também se relaciona com uma configuração sócio morfológica típica da paisagem carioca: as favelas urbanas localizadas nas encostas (Favela do Guararapes).

Essas três esferas - patrimônio histórico, conexão com a natureza e relação com a favela - se entrelaçam e conferem um significado próprio a esse espaço singular. A complexidade e interação entre esses elementos distintos tornam a Piscininha do Silvestre uma paisagem para refletir sobre a história, o ambiente natural e a realidade social da cidade.

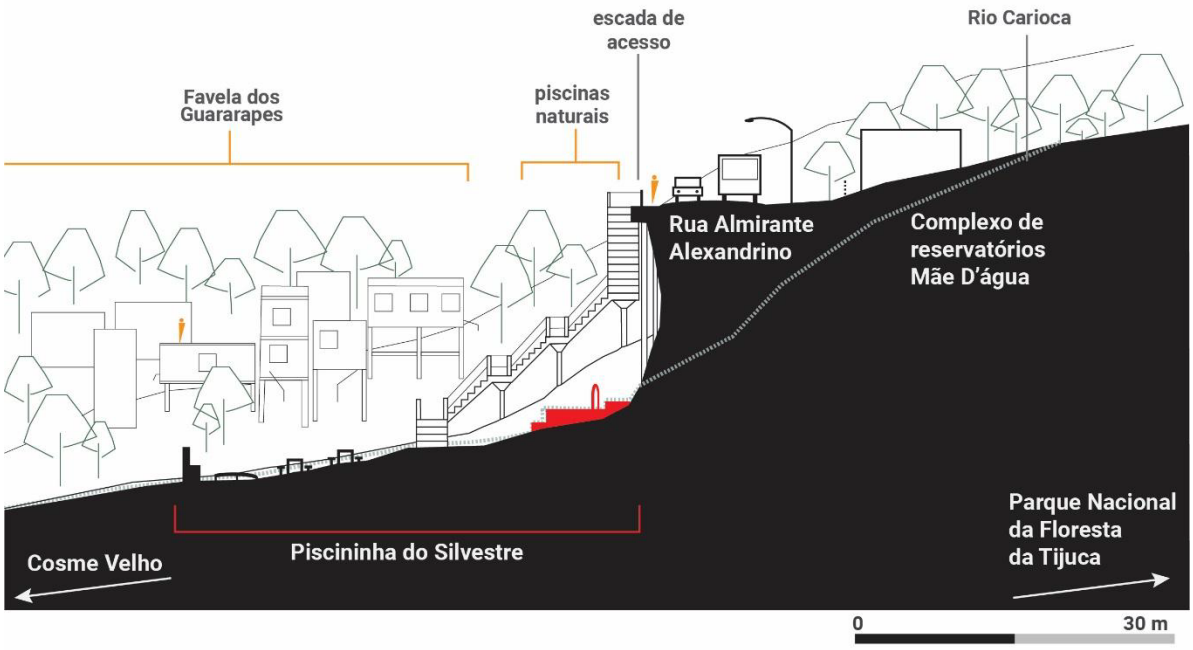


Figura 57: Corte da Piscininha do Silvestre em dia de semana.
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O acesso ao espaço se dá através de uma escadaria que se inicia em uma calçada estreita. Ao se debruçar no parapeito, é possível observar a parte de baixo e ver os dois tanques de pedra cheios de água, algumas mesas e cadeiras, e uma área com churrasqueira (Figura 57).

Todas as construções feitas pelos próprios moradores. O grande desnível e a abundante arborização fazem com que o local seja mais escuro e fresco. A água presente no local é remanescente do reservatório Caixa d'água Mãe D'água do início do século XVIII localizado do outro lado da rua. O Rio Carioca atravessa um canal dentro da parede de contenção e enche as piscinas. Depois segue escorrendo pelas pedras, passando ao lado da área da churrasqueira e seguindo pelos becos (Figura 58).

Como pano de fundo, a floresta se mistura com as primeiras casas do alto da favela, que ainda conserva uma estreita relação com o rio. Conforme relato do Instituto Pereira Passos (2016), a favela dos Guararapes emergiu durante as três primeiras décadas do século XX. As poucas informações disponíveis indicam que sua origem remonta às terras da fazenda Laranjeiras, com os primeiros barracos de madeira construídos nas proximidades do Rio Carioca. Durante esse período, o rio funcionava como uma barreira natural que dividia o território em duas áreas distintas. Enquanto na margem direita ocorria a expansão imobiliária regularizada (bairro do Cosme Velho e Laranjeiras), do outro lado, a favelização seguia um processo gradual de crescimento.

Durante a década de 1960, a Favela dos Guararapes adotou uma estratégia única para assegurar sua permanência no local, na qual os habitantes, através da associação de moradores, adquiriram legalmente suas terras. Essa abordagem, inédita no contexto da favelização brasileira, recebeu apoio das autoridades governamentais da época (PAULA, 2020). No entanto, apesar da compra e da posse legal das terras, a condição de ilegalidade persistiu, dificultando a realização de projetos de urbanização prometidos pelo Estado.

Essa história de resistência e luta pela terra traz consigo um sentimento de apropriação e pertencimento. Estes se refletem em diferentes formas de valorização do espaço, percebidos nas variadas formas de afeto e apropriação observadas na Piscininha do Silvestre.

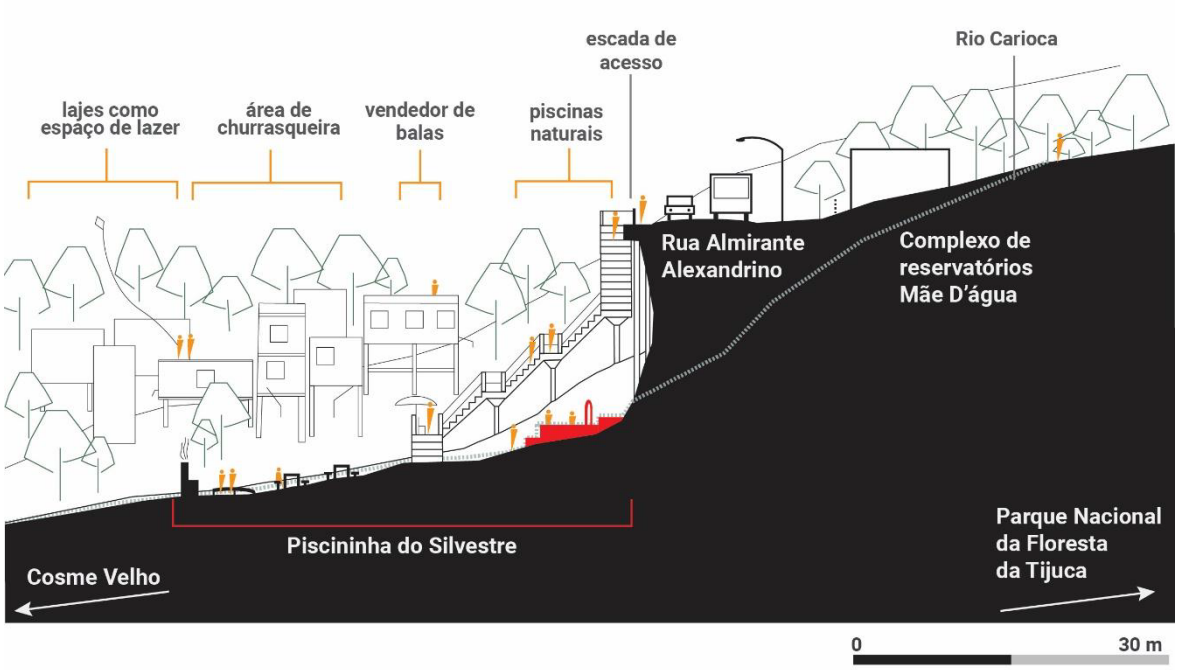


Figura 58: Corte da Piscininha do Silvestre no fim de semana.
Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Durante os fins de semanas, o local passa a ser mais frequentado, sendo utilizado como espaço de recreação, e para realizações de pequenos eventos (Figura 58). Os usuários trazem *coolers*, isopores e caixas de som. Um vendedor de balas expõe seus produtos no patamar e espalha mensagens de cuidado e limpeza com o local. Os tanques de pedra passam a ser disputados pelas crianças que pulam das escadas, e área de churrasqueira abriga festas de aniversários. As lajes viram extensões das casas e se relacionam com os espaços de lazer que margeiam o rio.

As vivências cotidianas e experiências partilhadas, que passam desde construção e manutenção do espaço (através de mutirões de limpeza), demostram diferentes atribuições de sentidos a paisagem (LAMOUNIER et al., 2019), apresentando qualidades que configuram atmosferas de preferência.

Este vestígio contém ainda atributos (MENDONÇA, p. 21, 2018) que o qualificam como um espaço dotado de pracialidade. A organização do espaço ocorre de maneira autogestionária pelos moradores e usuários, e o acesso ao local é público, não havendo nenhum tipo de protocolo ou barreira. Os aspectos paisagísticos, pavimentação, vegetação e equipamentos se encontram em bom estado de conservação (Figura 59). Além disso, foram observadas variadas atividades e práticas sociais.

A Piscininha do Silvestre reúne também elementos socioculturais de memória, apropriações e representações que destacam as relações de identidade e simbolismo. A adaptabilidade do espaço, definida através da diversidade de horários, público e funções, também reforça o caráter de pracialidade.

Figura 59: Conjunto de fotos da Piscininha do Silvestre.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

Apesar dos esforços empreendidos pela população para zelar e manter o espaço, existem limitações significativas relacionadas com os serviços de infraestrutura. Logo abaixo do espaço da Piscininha do Silvestre, o esgoto proveniente das casas é despejado diretamente no Rio Carioca, tornando este o último ponto de contato com as águas limpas. Essa condição não só compromete a saúde e a higiene dos frequentadores, mas também afeta o ecossistema local. Além disso, em dias de grande movimento, a falta de uma coleta eficiente de lixo resulta no acúmulo de resíduos, sobrecarregando os voluntários que se disponibilizam a cuidar do local. Essa sobrecarga dificulta a manutenção e limpeza do espaço, impactando negativamente a experiência de quem deseja desfrutar do ambiente.

A carência de serviços públicos essenciais, como saneamento e iluminação, também impõe limitações às atividades. A falta de iluminação adequada, por exemplo, limita as atividades noturnas, restringindo o acesso e uso durante períodos de menor luminosidade. A carência de serviços públicos essenciais impede a plena utilização e desfrute dos espaços públicos, afetando negativamente a qualidade de vida e bem-estar da população.

3.1.2 Canal no Cosme Velho

De passagem

Localizado no bairro de classe média / média alta, o vestígio Canal do Cosme Velho, é o último ponto de contato direto com o Rio Carioca antes do mesmo reaparecer na estação de tratamento de esgoto na Praia do Flamengo. Apesar da possibilidade de acessar a água, nesse trecho, o rio está canalizado e sujo.

O espaço onde o canal se encontra é marcado por um largo plano, que abriga o terminal de linhas de ônibus municipais. Esse terminal é um importante ponto de partida e chegada para moradores e visitantes da cidade. Além disso, o local fica próximo à estação de embarque para o trem de acesso ao Corcovado, onde se encontra a estátua do Cristo Redentor, tornando a região bastante movimentada, principalmente por turistas, tanto brasileiros quanto estrangeiros (Figura 60).

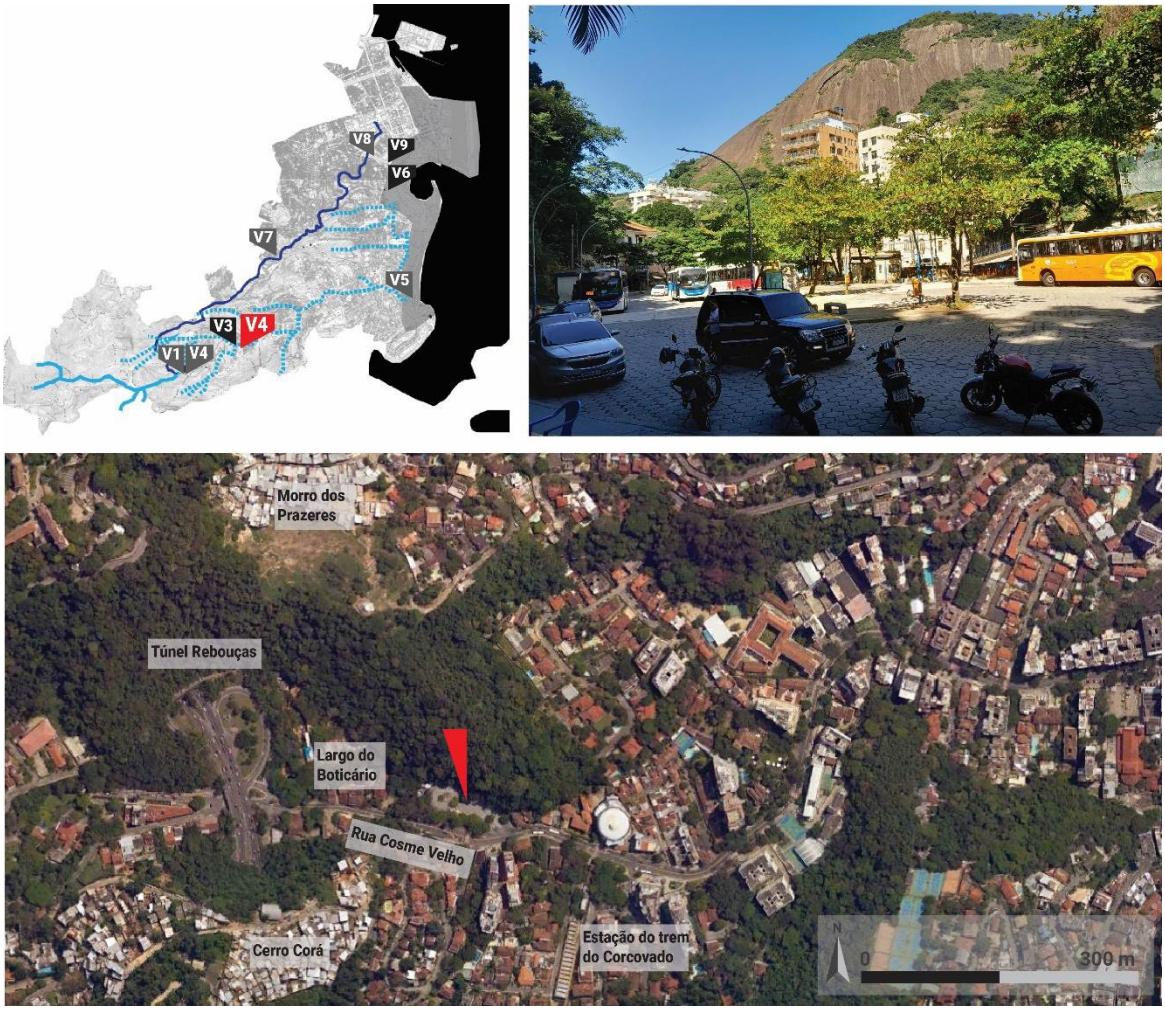


Figura 60: Aproximação do vestígio Canal do Cosme Velho
Fonte: Elaborado pela autora com base na imagem de satélite do *Google Earth*, 2023.

O bairro do Cosme Velho, ao longo do tempo, tem sido testemunha das transformações sociais e das diversas dinâmicas que permeiam o vale do Rio Carioca. Através da análise do recorte do vestígio, é possível perceber resquícios de diferentes períodos, formando uma colcha de retalhos históricos.

Dos tempos aristocráticos, quando a região era ocupada por chácaras e fazendas, restam alguns exemplares de casarões, como o Solar dos Abacaxis, a Casa Geyer e o Largo do Boticário (Figura 61). Já o século XX trouxe consigo as marcas da industrialização, com a implementação de fábricas, e posteriormente seus fechamentos, o que marcou o surgimento das primeiras favelas da bacia, como Cerro Corá e Guararapes (SCHLEE, et al, 2007). Além disso, a abertura do Túnel Rebouças, na década de 1960, simboliza o planejamento urbano voltado para o rodoviarismo da época.

As encostas do bairro, com fragmentos de vegetação (FORMAN, 2008) e prédios de alto gabarito (Figura 62), refletem a tensão entre as forças do mercado imobiliário e os movimentos de preservação da Mata Atlântica, especialmente na segunda metade do século XIX.

Figura 61: Foto de turistas observando o Rio Carioca no Largo do Boticário
Figura 62: Foto do canal com casarão antigo e prédios de classe média ao fundo
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

As diversas camadas coexistem abrigando não somente as construções históricas, mas também uma variada mistura de pessoas e realidades. A classe média divide espaço com turistas, enquanto trabalhadores percorrem as ruas movimentadas e moradores das favelas sobem e

descem os morros. O terminal de ônibus, margeado pelo canal do Rio Carioca, tem como plano de fundo esse cenário multifacetado, e abriga dinâmicas representativas da atualidade.

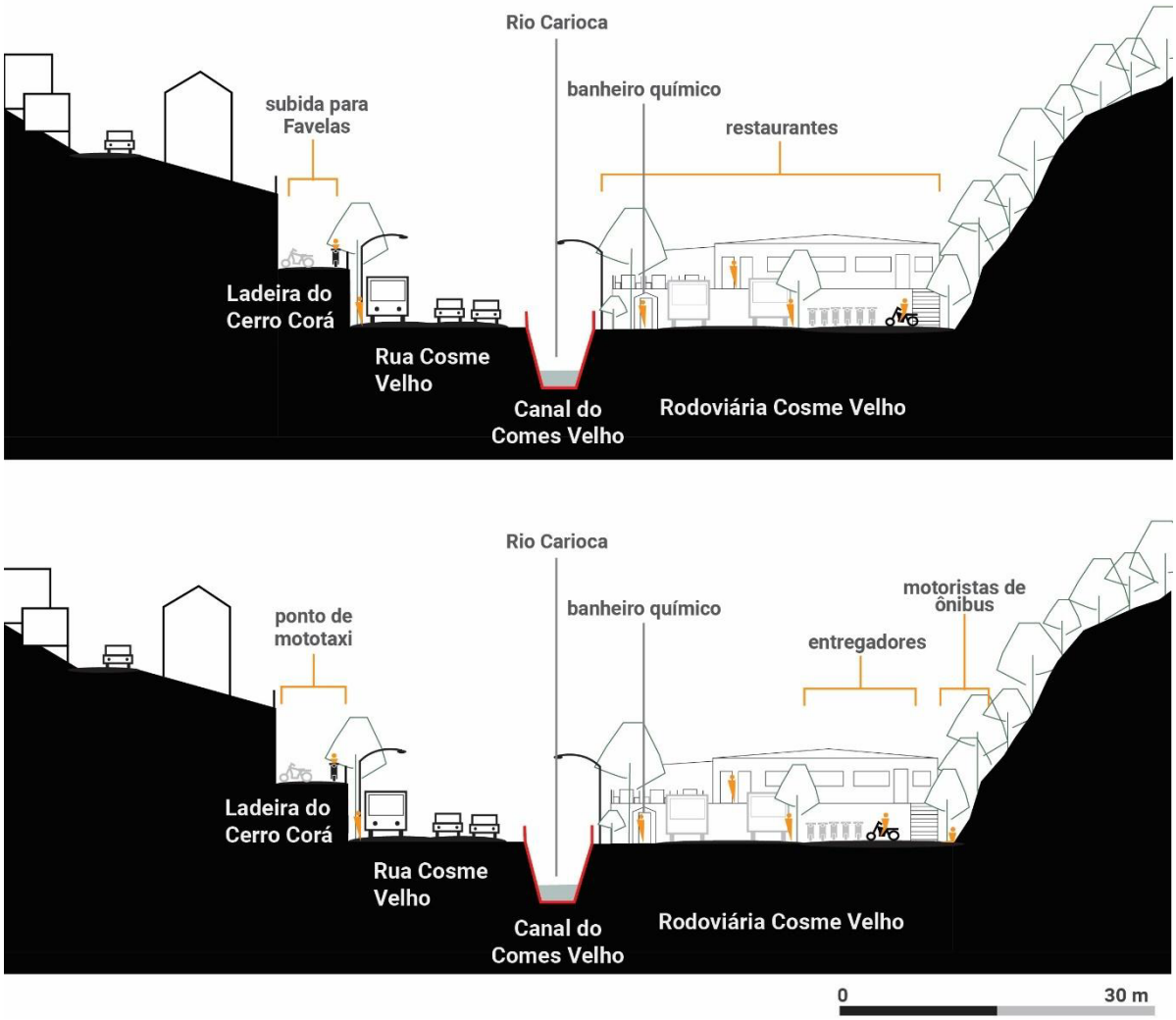


Figura 63: Corte do Canal do Cosme Velho.
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O fluxo de chegada e saída de ônibus é constante, e o vai e vem de motos também agita o local. A maior parte das pessoas que circulam por ali está apenas de passagem, como mototaxistas, motoristas de ônibus e entregadores de aplicativos, o que torna o lugar um ponto de parada rápido e agitado. Observam-se os trabalhadores sentados nas escadas e até mesmo deitando no chão para descansar e fazer suas refeições.

Além disso, ao fundo do terminal e em um nível mais alto, há um grande restaurante que expõem bandeiras de vários países e banner com imagens de paisagem famosas e ícones da cidade do Rio de Janeiro. No restaurante, são ofertadas comidas típicas brasileiras como churrasco e pratos feitos, além de comida japonesa e hambúrgueres. O salão principal onde são montadas a maioria das mesas fica numa varanda que segue lateralmente o Rio Carioca,

que apesar de sujo, acaba criando uma atmosfera tranquila e relaxando para os clientes. Há uma lojinha que vende objetos para recordação da viagem com signos típicos do rio de janeiro: pão de açúcar, calçadão de Copacabana, Cristo de braços abertos. No entanto, não há nada que recorde o Rio Carioca.

Outra cena comum e bastante recorrente na atualidade é a presença dos entregadores de aplicativo (Figura 64 e Figura 66), que se acomodam nas calçadas com suas grandes mochilas, aguardando os pedidos para realizarem as entregas. E muitas vezes fazem as refeições em lugares públicos improvisados (Figura 65).

Do lado oposto da rua, encontra-se o ponto dos mototaxistas, responsáveis pela maioria das corridas que seguem para as favelas situadas em áreas mais elevadas. A sombra das árvores e o som suave da água corrente do Rio Carioca também exercem atração sobre esses trabalhadores, que frequentemente aproveitam esses espaços para fazer pausas e descansar à beira do canal.

Figura 64: Foto do banheiro químico e entregadores de aplicativo ao fundo
Figura 65: Foto de motorista fazendo uma refeição no banco do terminal de ônibus
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Embora o espaço compreendido pelo canal, estacionamento e restaurante seja designado como um terminal de ônibus, as apropriações espontâneas identificadas revelam características de um espaço dotado de pracialidade (QUEIROGA, 2001), ou seja, um espaço que se destaca por sua natureza pública e sua vocação para o convívio, o ócio e o lazer. Essas práticas informais e adaptadas, por vezes, se transformam nos principais locais de convivência e

interação na esfera pública, surgindo como uma solução compensatória para a falta de espaços públicos qualificados na região.

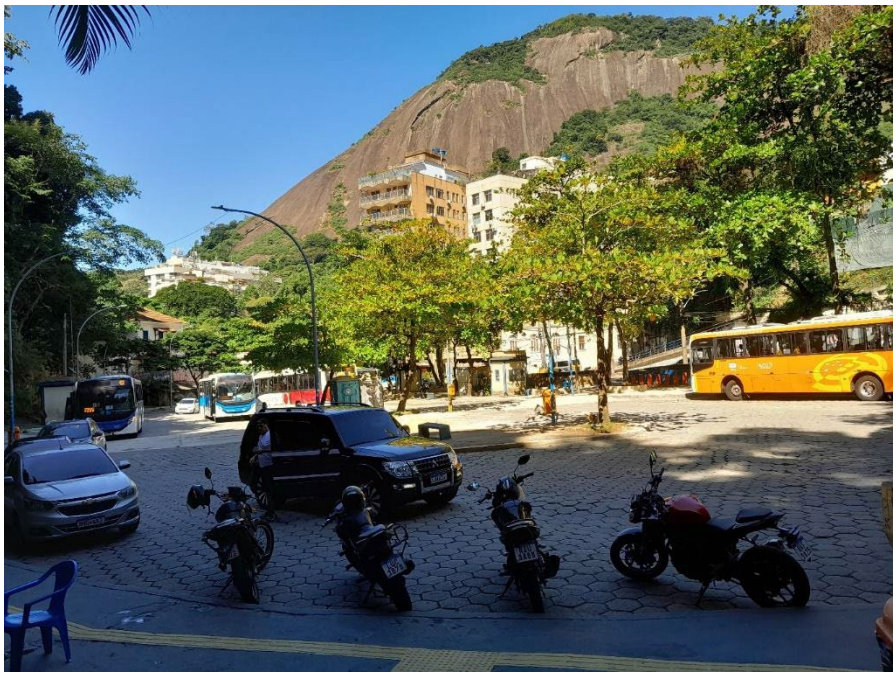


Figura 66: Foto das motos estacionadas, ao fundo ônibus, altos prédios e a encosta do morro
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

3.1.3 Chafariz da Glória

Uma fonte, várias histórias

O entorno do Chafariz da Glória é marcado por grandes reformas urbanas que são marcos das transformações da paisagem carioca. Desde sua construção durante o período escravocrata do Brasil, a pequena fonte localizada na antiga foz do Rio Carioca, acompanha e protagoniza histórias que refletem os diferentes modelos de sociedade ao longo dos anos, refletindo variadas formas de se relacionar com as águas (Figura 67).

Figura 67: Aproximação do vestígio Chafariz da Glória.
Fonte: Elaborado pela autora com base na imagem de satélite do *Google Earth*, 2023.

Situada na orla da Baía de Guanabara, uma das transformações mais simbólicas é justamente a relação entre o chafariz e a enseada. Destaco dois momentos significativos: a abertura da Av. Beira Mar e a construção do Parque do Flamengo sobre área de aterro em meados do século XX. O primeiro ocorreu durante a gestão do prefeito Pereira Passos, entre 1902 e 1906, quando a então capital passou por uma reforma urbanística inspirada na remodelação de Paris

da segunda metade do século XIX (ABREU, 1987). O Rio de Janeiro passou a ser conhecido como a “Paris Tropical” e o bairro da Glória tornou-se um espaço-símbolo desse momento. Este período de reforma foi marcado por demolições e arrasamento de morros que serviram como insumos para os aterros da abertura da Av. Beira Mar (Figura 68).

Ainda nessa mesma lógica de contenção das águas e crescimento através de aterros, o segundo momento destacado é a abertura da ligação viária entre os bairros de Botafogo e Centro, na década de 1960. Juntamente com a criação das pistas para automóveis, foi implementado o Parque do Flamengo, redefinindo novamente os limites do bairro e afastando ainda mais o Chafariz da Glória das águas da Baía de Guanabara.

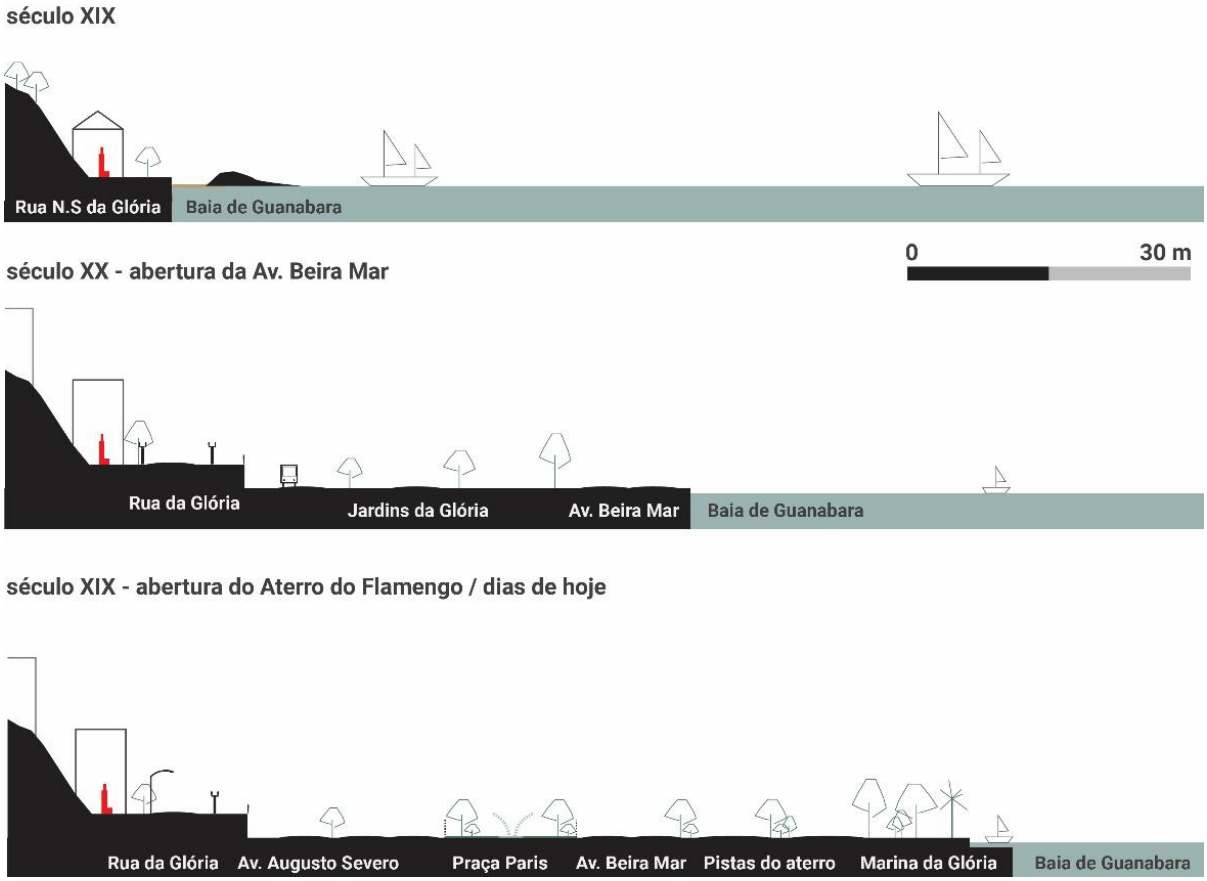


Figura 68: Perfil do afastamento do Chafariz da Glória das águas da Baía de Guanabara
Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Construído em 1772, o chafariz foi a principal fonte de abastecimento para a população e navios, sendo fundamental para o desenvolvimento da cidade. Atualmente, é um componente do ambiente urbano que se encontra na calçada de uma rua movimentada e na maioria das vezes não é percebido pelos pedestres (Figura 67 e Figura 68).

O espaço na frente do chafariz forma recuo da calçada em relação ao alinhamento das edificações, e é disputado entre pedestres e vendedores de objetos usados, conhecidos como Shopping Chão. Estes trabalhadores se reconhecem como “garimpeiros urbanos” e percorrem a cidade em busca de objetos variados que depois são vendidos em uma lona exposta no chão (Figura 69 e Figura 70).

As diferentes formas de personalização do espaço marcam a identidade do trabalho exercido pelo Shopping Chão. Esses padrões de comportamento e atitudes (LAMOUNIER; YAMAKI, 2005), mantidos pelo grupo de trabalhadores, são formas de controle do espaço e conformam microterritorialidades. Ao chegarem ao local, por exemplo, costumam varrer e preparar o local, demonstrando cuidado com o espaço e, assim, reforçam mais um aspecto que compõe a ideia de territorialidade.

Figura 69: Foto de trabalhadora do shopping chão organizando lona de exposição de produtos.
Figura 70: Foto de trabalhadora do shopping chão cozinhando na mureta da Glória.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2018.

A disputa pelo espaço da calçada muitas vezes é conturbada, gerando conflitos entre moradores, trabalhadores e transeuntes. Como não há uma regulamentação da profissão e nem um espaço destinado ao trabalho realizado pelos garimpeiros, recorrentemente a guarda municipal é chamada para retirar as pessoas e seus objetos. Durante o dia, os trabalhadores estendem lonas no chão e organizam os objetos para a venda. No período da noite, guardam os materiais nas “burrinhas”[17] e costumam passar a noite em claro, em vigília.

A presença da mureta de contenção, construída para reter as águas da Baía de Guanabara, funciona como elemento estruturador da paisagem, estabelecendo uma espacialidade dividida entre parte alta e parte baixa. A mureta tem quase três metros de altura formando um muro de

[17] “Burrinhas” é a forma que os trabalhadores denominam os carrinhos manuais que utilizam para recolher e guardar os objetos.

pedra e um parapeito composto por balaústres. No seu aspecto simbólico, se apresenta como um vestígio do passado, funcionando como afastamento e esquecimento da baía, ao mesmo tempo em que é uma lembrança das águas e histórias que ali existiram (Figura 71 e Figura 72). A mureta também funciona como um limite físico que conforma espaços distintos, ocupados principalmente por populações “esquecidas” pelo poder público.

Figura 71: Foto da parte superior da mureta da Glória
Figura 72: Foto da parte inferior da mureta da Glória
Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

A variação nos padrões de ocupação durante os períodos diurno e noturno ressaltam as diferenças nas formas de apropriação dos espaços pelos distintos grupos. A calçada do outro lado da rua do chafariz é um espaço delimitado pela via e pela mureta, formando uma esplanada com vista para a Praça Paris e para o Parque do Flamengo. O estacionamento de carros distribuído ao longo da via (Figura 73) produz afastamento dos pedestres, acarretando em sentimentos dualistas: ao mesmo tempo em que conforma um espaço recluso e protegido, gera também uma sensação de insegurança para alguns. Por essas características, o “calçadão” se transforma em um ambiente mais reservado, sendo utilizado pela população em situação de rua, que usufrui do local para realizar práticas cotidianas, como o preparo de refeições e momentos de descanso e lazer.

No período da noite, usufruindo da privacidade gerada pela luz amarelada dos antigos postes e da intensa circulação de carros, o local passa a ser ocupado por grupos de travestis que trabalham como profissionais do sexo (Figura 73). A conformação dessa atmosfera também gera sentimentos dualistas. Enquanto para os moradores e transeuntes pode causar sensações de insegurança e abandono, para outros – como no caso das profissionais do sexo – compõe um espaço reservado e de intimidade. A permanência desse grupo acarreta situações conflituosas no bairro, já que a sua mera presença desafia conceitos de moralidade e, portanto, configura uma existência pautada pela resistência.

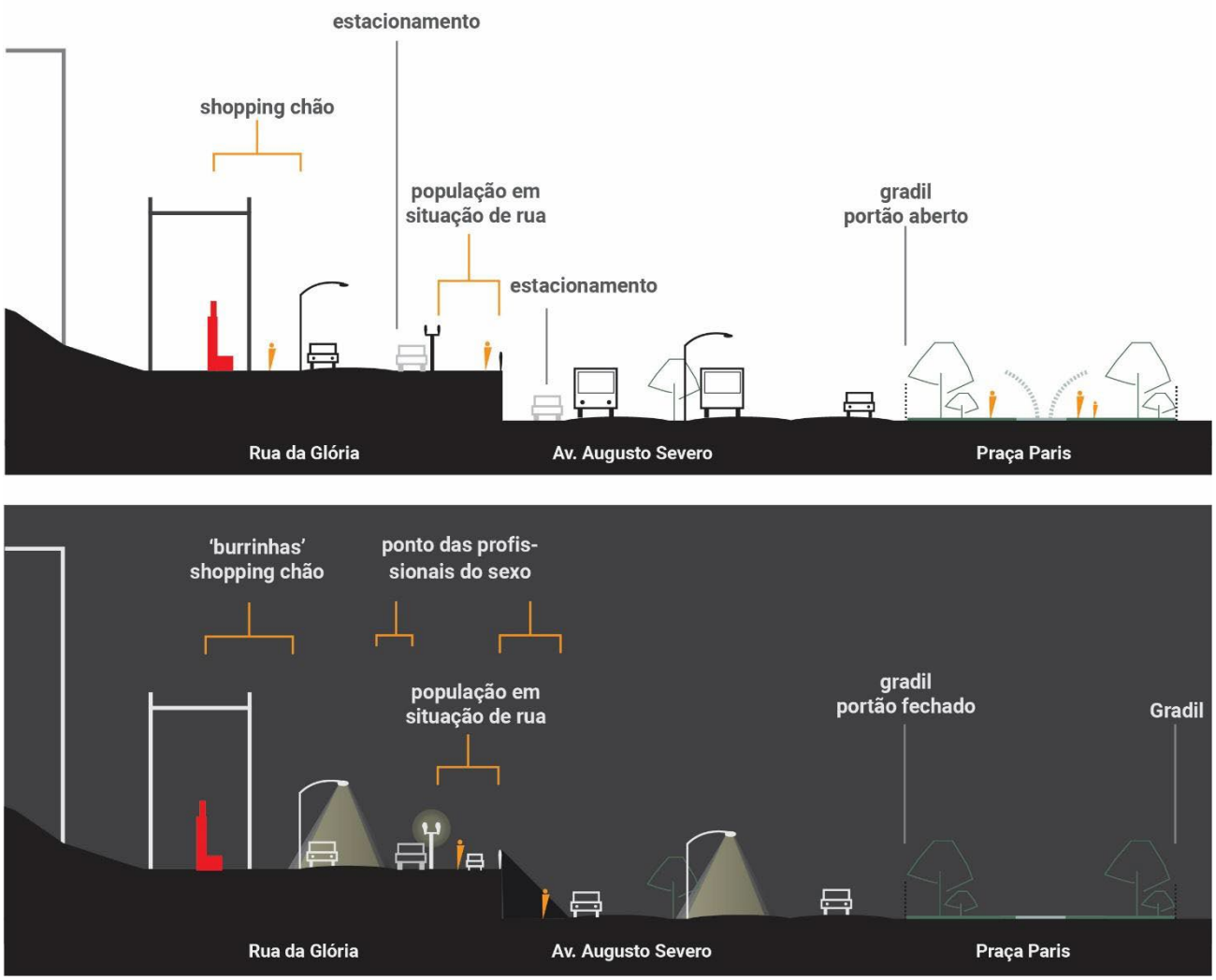
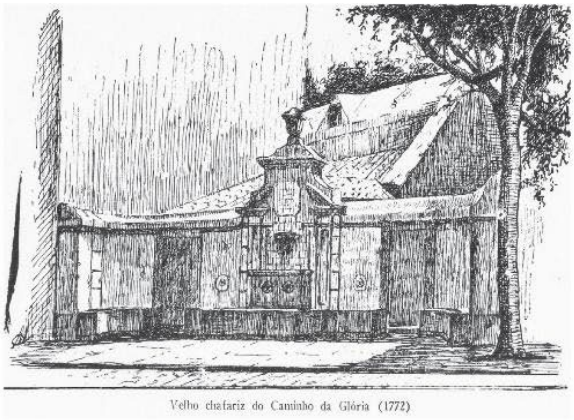


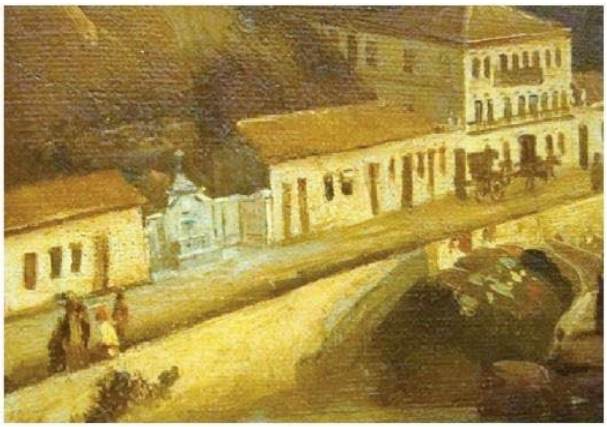
Figura 73 Cortes do chafariz da Glória no período diurno e noturno.
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

As análises elucidam como esses espaços se relacionam com aspectos da vida mais íntima e compõem o imaginário coletivo de diferentes grupos. A ideia de atmosferas de preferência ajuda a compreender o uso desses espaços, já que os autores ressaltam sua relação com diferentes cotidianos e a possibilidade da atribuição de múltiplos significados, relacionados a distintas visões (LAMOUNIER et al., 2019).

O Chafariz da Glória e seu entorno continuam sendo um ponto de encontro, palco de desafios e resistências que refletem a complexidade da vida urbana. Assim, mesmo seco e distante de suas águas, mantém sua relevância como um espaço que fundamenta a esfera de vida pública – e também privada –, onde vozes marginalizadas encontram expressão e onde os conflitos e afetos da cidade se entrelaçam (Figura 74).



1772 Velho Chafariz do Caminho da Glória (1772), desenhadas por Magalhães Corrêa. Fonte: (CORRÊA, 1939)



1847 Quadro "A cidade vista do adro da Igreja da Glória do Outeiro" de Raymond Auguste Quinsac de Monvoisin

2012 Fonte reformada pelo IPHAN, onde teve água corrente apenas no dia da inauguração.

2019 Calçada ocupada por vendedores de produtos usados e fonte desativada

2021 Bandeira instalada em forma de protesto fixada no chafariz.

2022 Cartaz colado no chafariz em homegam a Vereadora Marielle Franco e o motorista Andersson.

Figura 74: Montagem com registros do Chafariz da Glória ao longo dos séculos.
Fonte: elaborada pela autora, 2022.

3.1.4 Passeio Público

O Refúgio

O último vestígio a ser analisado está localizado próximo ao Chafariz da Glória e tem um contexto histórico similar, marcado por transformações urbanas e sociais que caracterizam a Cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, diferentemente do vestígio anterior, que muitas vezes passa despercebido espremido entre prédios em meio à calçada agitada, o Passeio Público é um parque projetado para ser um refúgio na região central (Figura 75).

Figura 75: Aproximação do vestígio Passeio Público
Fonte: Elaborado pela autora com base na imagem de satélite do *Google Earth*, 2023.

Localizado no Centro histórico do Rio de Janeiro, entre a Lapa e a Cinelândia, o Passeio Público abrange o espaço que antes era ocupado pela Lagoa do Boqueirão da Ajuda (Figura 76 e Figura 75). A área alagadiça, considerada propícia para o surgimento de doenças, passou por um processo de saneamento, no qual a lagoa foi aterrada com os materiais provenientes

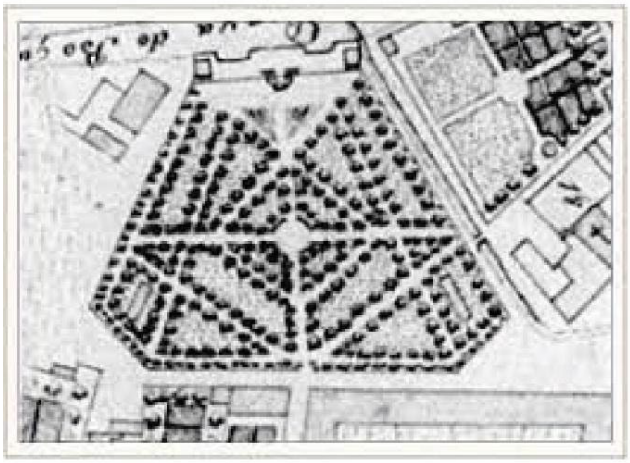
da demolição do Morro das Mangueiras. Esse espaço é reconhecido como o primeiro parque ajardinado público do Brasil, e sua concepção é atribuída a um dos maiores artistas do período colonial brasileiro, Mestre Valentim.

Construído em 1783, o Passeio Público do Rio de Janeiro foi inspirado no Passeio Público de Lisboa e nos jardins do Palácio Real de Queluz (ABREU,1987). Durante os séculos XVIII e XIX, o local era frequentado pela elite carioca, que encontrava ali um ambiente agradável e reservado. Em seu interior, além das diversas espécies de flora nacional, era possível apreciar obras de arte criadas pelo próprio Mestre Valentim, como chafarizes, esculturas, estátuas e pirâmides. Inicialmente, o desenho do parque seguia formas geométricas, com uma alameda central que levava os visitantes à Fonte dos Amores, onde se encontrava água límpida e fresca, e ao terraço de onde se avistava o mar, que na época chegava até o Passeio Público.

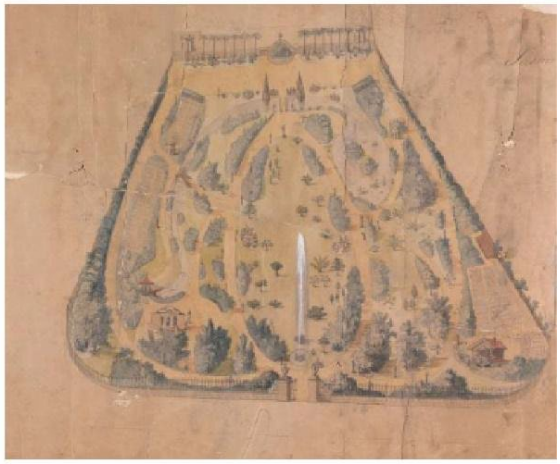
No entanto, o projeto original do parque passou por modificações durante uma reforma realizada pelo paisagista francês Auguste Glaziou em 1864. Embora elementos arquitetônicos e artísticos originais tenham sido preservados, a distribuição dos jardins foi alterada, adotando-se caminhos curvos, lagos e pontes, resultando em um jardim no estilo inglês que imitava um bosque natural. Dentre as novas características, destaca-se a construção de um grande lago sinuoso e estreito, além de um segundo lago menor e circular, com um chafariz central (Figura 76). Atualmente, apenas o primeiro lago pode ser apreciado pelos visitantes.

O conjunto do Passeio Público, incluindo o Portão Principal, o Chafariz dos Jacarés (conhecido como Fonte dos Amores) e o par de obeliscos, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1938.

1700 Pinura de Leandro Joaquim da Lagoa do Boqueirão da Ajuda. Fonte: Museu Histórico Nacional.



1790 Projeto de Mestre Valentim desenhando por de Francisco Betancourt, 1790. Fonte: Museu Histórico Nacional.



1864 Pnata da Reforma de Glaziou em 1864. Fonte: Museu Histórico Nacional.

Figura 76: Montagem com imagens históricas da região do Passeio Público
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

As águas que antes refrescavam o parque provinham do trecho canalizado do Rio Carioca, abastecendo o Chafariz dos Jacarés por meio de canos subterrâneos ligados ao Chafariz da Carioca (KARASH, 2000). Localizada na extremidade do jardim, essa fonte é composta por um amplo tanque de pedra e por peças em bronze, criadas por Mestre Valentim. No entanto, atualmente encontra-se seca e próxima às pistas de carro, perdendo parte de sua antiga grandiosidade e encanto.

O Passeio Público preserva ainda algumas características do projeto original, mas mantém-se bastante semelhante à época da reforma de Glaziou. Embora tenha sofrido poucas alterações internas ao longo dos anos, o parque testemunhou grandes transformações em seu entorno, principalmente devido ao afastamento progressivo em relação ao mar. A construção da

Avenida Beira-Mar, em 1902, marcou o início dos aterros na Baía de Guanabara, afastando cada vez mais as águas do Passeio Público (Figura 77).

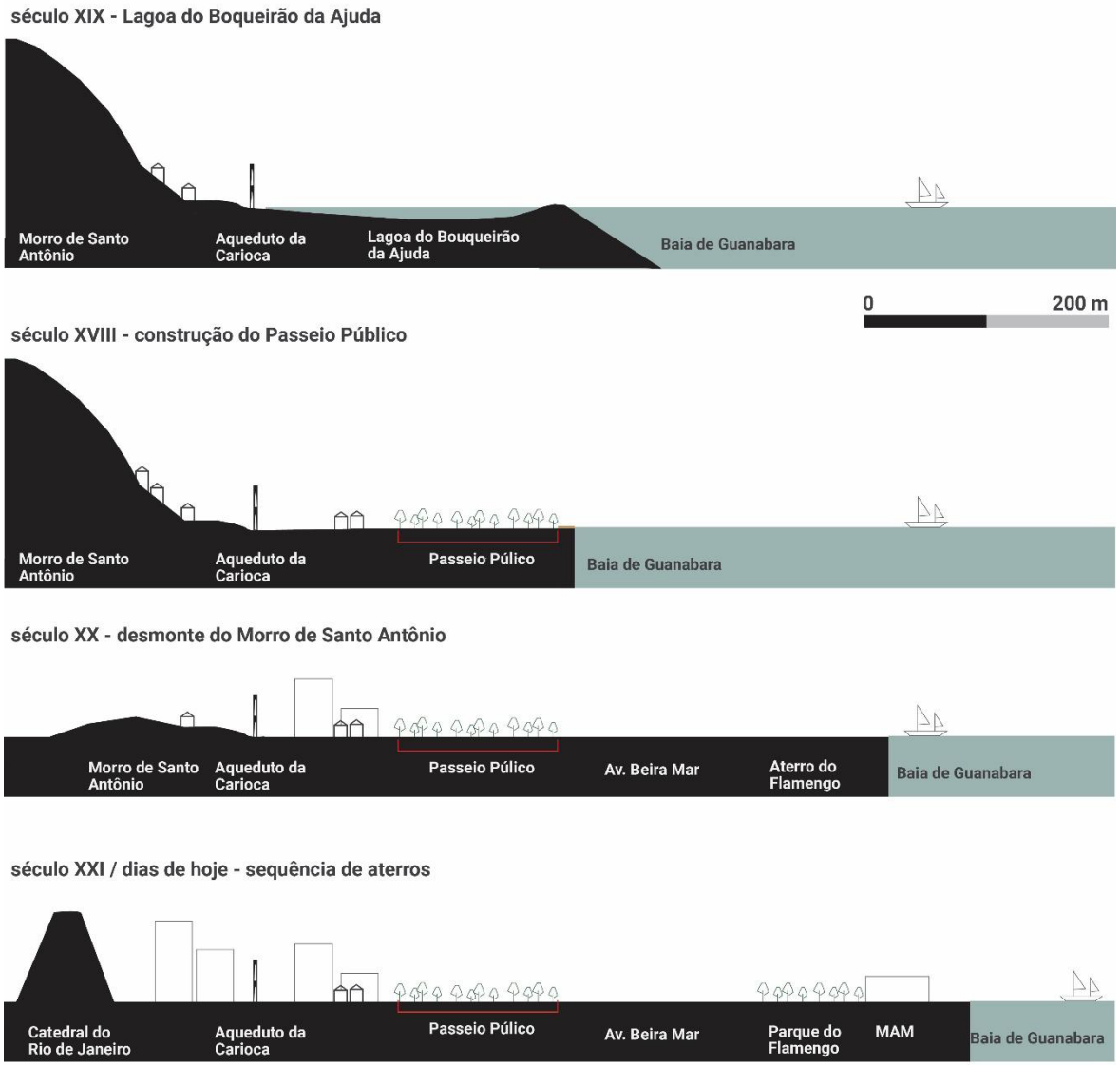


Figura 77: Perfil do afastamento do Passeio Público das águas da Baía de Guanabara
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na Figura 77, são representados quatro momentos de marcos das transformações da paisagem do contexto Passeio Público. O primeiro apresenta a localização da Lagoa do Boqueirão da Ajuda antes do aterro. O segundo retrata a relação do Passeio Público com o mar e o relevo do Morro de Santo Antônio. Em seguida, no século XX, há o desmonte do Morro de Santo Antônio e o início das construções de alto gabarito. Por fim, o último perfil retrata os dias atuais com a construção da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, a intensificação e verticalização das edificações no centro, e o afastamento das águas da Baía.

O horário atual de funcionamento do Passeio Público é restrito, das 8h às 16h, e o acesso é controlado por um portão único localizado na Rua do Passeio, onde há uma guarita com um guarda municipal de plantão, sendo o portão principal mantido fechado (Figura 80 e Figura 79). Dentro do parque gradeado, o paisagismo e o mobiliário urbano estão bem conservados. O local abriga uma variedade de pássaros, peixes e alguns patos soltos pelo parque. No entanto, o lago apresenta águas sujas e com mau cheiro, enquanto o único chafariz remanescente, a Fonte dos Jacarés, encontra-se seco.

Figura 78: Foto do portão principal fechado.
Figura 79:Foto dos arredores do Passeio Público.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

As áreas próximas ao portão de acesso, voltadas para a Rua do Passeio, são mais frequentadas pela população que trabalha em empregos formais na região. Durante a hora do almoço, algumas pessoas aproveitam os bancos para fazer suas refeições e descansam à sombra das árvores (Figura 80 e Figura 81).

Já em uma área mais remota do parque, distante da guarita e voltada para a Praça Deodoro, encontra-se uma realidade diferente. Nessa região, há catadores de materiais recicláveis separando resíduos e pessoas em situação de rua lavando roupas na água do lago. Infelizmente, a Fonte dos Jacarés acaba sendo utilizada como banheiro nesse contexto (Figura 80 e Figura 82).

Os arredores do parque também se dividem em dinâmicas distintas. Nas faces voltadas para a Rua do Passeio e Rua Texeira de Freitas, localizam-se alguns pontos finais de linhas de ônibus que atendem à Região Metropolitana do Rio de Janeiro. No final do dia, há um aumento do movimento, com filas de pedestres e vendedores ambulantes usando o gradil para expor seus produtos.

Por outro lado, a leste, o parque se relaciona com a Praça Mahatma Gandhi e a Praça Deodoro, que são espaços mais isolados. Ambas as praças estão conectadas a vias de veículos, como a Avenida Beira-Mar e as pistas do Aterro do Flamengo, o que as torna menos frequentadas por pedestres. Essa configuração mais reservada propicia o uso desses espaços por pessoas em situação de rua, inclusive como "banheiro".

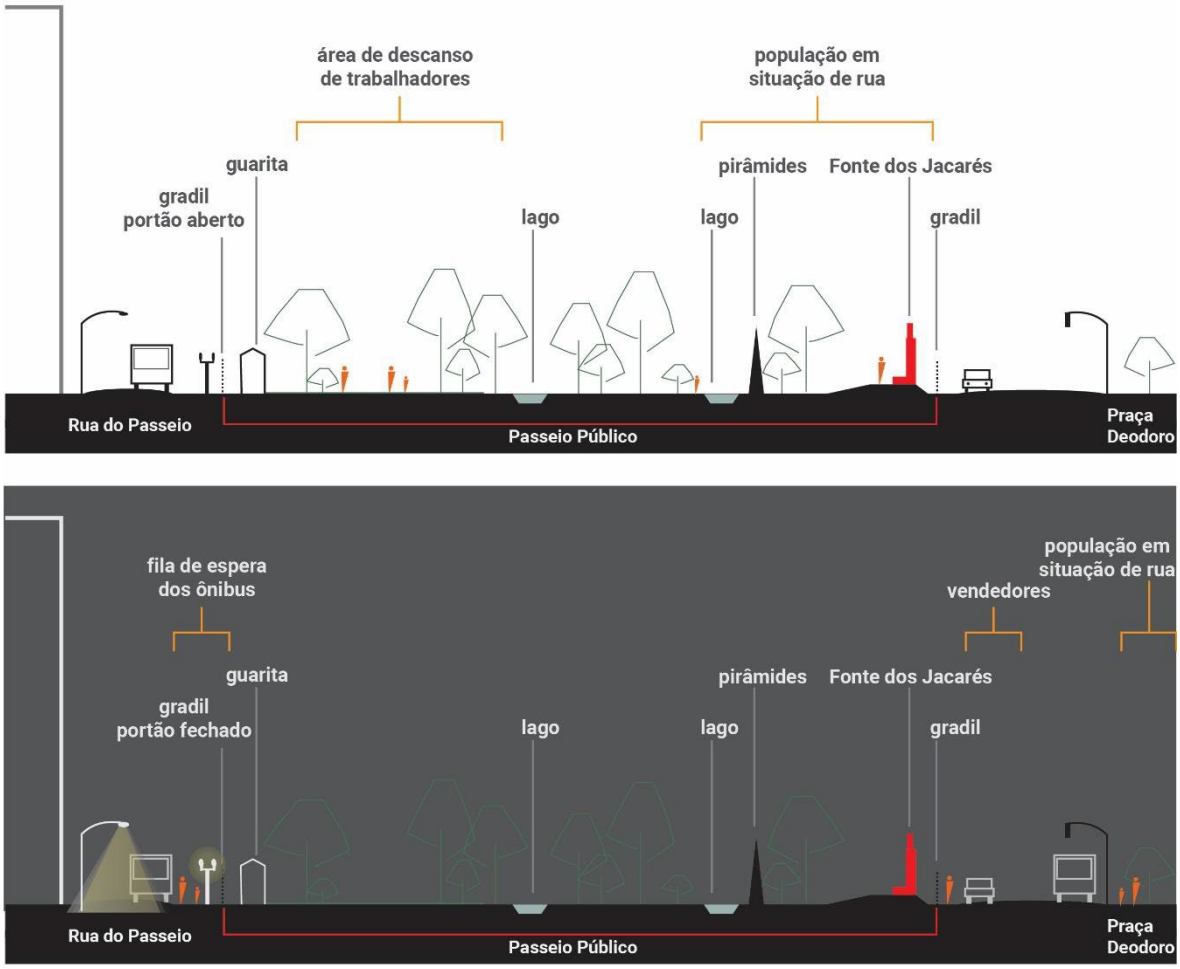
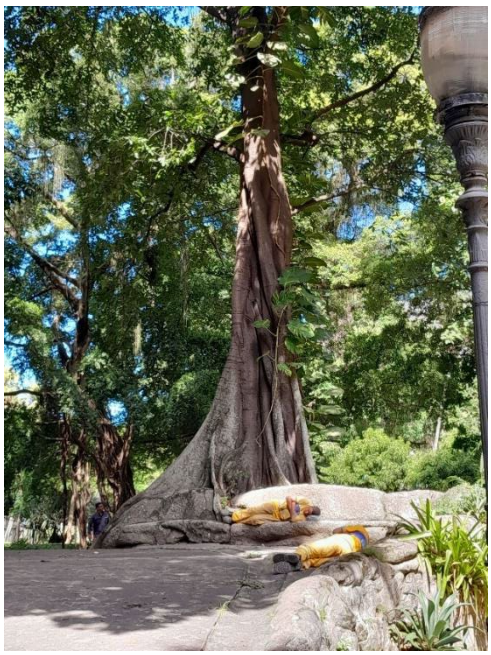


Figura 80: Cortes do Passeio Público na hora do almoço e no fim da tarde
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

As análises aprenderam dinâmicas distintas, usos variados e não planejados observados no contexto do Passeio Público e em seus arredores, permitindo identificar a coexistência de públicos diversos que encontram neste espaço, um local propício para a realização de atividades cotidianas. Ao analisar tais apropriações, percebo que o parque em si não se configura como um cenário conflituoso. Todavia, as relações sociais manifestadas nele constituem um reflexo do contexto socioespacial mais amplo no qual o parque está inserido.

Examinando a trajetória histórica do Passeio Público, observa-se que na sua criação, o espaço era frequentado predominantemente pela burguesia, funcionando como um espaço de lazer elitizado que oferecia disponibilidade de água limpa e vista para o mar.

Atualmente, o parque ocupa outro papel no cotidiano da cidade, servindo como um espaço de descanso para os trabalhadores do agitado centro da cidade e um abrigo para pessoas em situação de rua. Com isso, passou a refletir também uma série de problemas e estigmas que refletem as transformações sociais, políticas e urbanas ocorridas na cidade. Dentre esses problemas, destaco a ausência de infraestrutura básica, como a falta de banheiros públicos, a precariedade do sistema de atendimento às pessoas em situação de vulnerabilidade, as restrições ao acesso a águas limpas e as deficiências nas políticas habitacionais. Estes acarretam em usos improvisados do espaço que acabam por degradar a área.



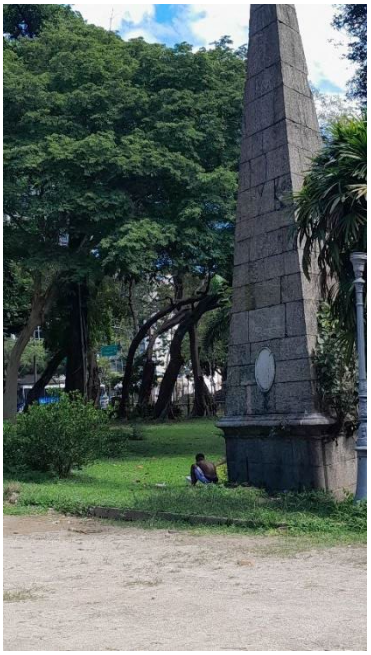


Figura 81: Foto trabalhadores dormindo no Passeio Público
Figura 82: Foto de pessoa tomando banho no lado do Passeio Público.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2023.

Nas análises realizadas para os quatro vestígios do Rio Carioca, torna-se evidente a presença de diversas práticas na apropriação do espaço urbano, caracterizadas como uma espécie de "indisciplina urbana". Estas posturas não previstas, em relação ao espaço urbano, revelam as expectativas sociais associadas aos diferentes lugares da cidade.

Ao buscar pistas nessas indisciplinas, é possível desvendar a lógica subjacente ao comportamento dos indivíduos anônimos que fazem parte desse contexto urbano. Enquanto parte do coletivo, esses indivíduos recriam, se reapropriam e reconfiguram seu cotidiano de maneira simples, frequente e inovadora, como uma forma de resposta à cidade e suas dinâmicas (SIQUEIRA, 2016).

Essa "indisciplina urbana" é uma expressão das múltiplas identidades e necessidades que se manifestam na paisagem. Ao analisar essas práticas de apropriação e reinvenção do espaço, podemos compreender como os habitantes da cidade constroem e reconstroem sua relação com o ambiente urbano, deixando marcas que vão além das imposições formais e planejadas.

4.2. Provocações

Cada relato produz um mundo

Adquirir a habilidade de observar, perceber por meio de uma atmosfera e compreender um espaço para além do que é visível implica em aceitar o imprevisto e criar condições para que interações culturais significativas possam ser estabelecidas (CARVALHO, 2018). Essas interações não se limitam apenas às entre o ambiente e o observador, mas, sobretudo, entre o próprio investigador-pesquisador e sua percepção espacial.

O objetivo deste tipo de análise é entender o espaço a partir do olhar do outro, nomeadamente de quem habita o espaço. A relação dos grupos sociais com o seu espaço cotidiano contém subjetividades e sutilezas que são omitidas ao mero pesquisador ao adentrar um espaço desconhecido (ISIDORO, 2012).

Para alcançar esse objetivo, desenvolvi um roteiro base com alguns pontos a serem abordados e observados durante a entrevista semiestruturada. Com isso, não pretendi seguir uma estrutura rígida em formato de entrevista fechada, mas sim voltar a atenção para a intenção da pesquisa.

No que diz respeito à estruturação, é recomendável que o pesquisador faça uma introdução ao tema e permita que o entrevistado tenha liberdade para se expressar. Essa abordagem possibilita uma exploração mais abrangente do assunto, permitindo que as respostas sejam fornecidas em um contexto de conversa informal. Tal procedimento é comumente utilizado na descrição de casos individuais e na compreensão das particularidades culturais de certos grupos (MINAYO, 1993), sendo adequado para o propósito desta pesquisa.

Dessa forma, o roteiro base não foi elaborado necessariamente em forma de perguntas diretas, mas sim com provocações e sugestões a serem exploradas, estruturadas nos seguintes pontos:

- Identificação geral: nome, idade, profissão, estado civil, onde mora;
- Porque essa pessoa está neste local (trabalho, lazer, etc.)?
- Como está posicionada (sentada, em pé, relaxada, tensa, etc.)?
- Sabe da existência do rio?
- Tem alguma experiência ou memória com o rio ou o vestígio?
- Conhece algo sobre a história do local?
- Opinião ou expectativas de futuro sobre o rio ou o vestígio;

Partindo do pressuposto que o tipo de análise que este trabalho de pesquisa se propõe a realizar é de caráter qualitativo, os vestígios comentados são uma síntese das repercussões das conversas e reações aos percursos das personagens.

4.2.1. Babu

Descendente da terra

Nosso encontro aconteceu num domingo pela manhã, em 23 de abril de 2023, dia de São Jorge. Babu, como gosta de ser chamado, é um homem negro de aproximadamente 40 anos e há dois anos trabalha como vendedor de balas e bebidas na Piscininha do Silvestre. Ele usava chinelos, bermuda e uma camisa regata. A conversa ocorreu enquanto ele varria as pedras do pocinho e tirava areia de dentro do tanque vazio.

Figura 83: Foto do Babu na Piscininha do Silvestre.
Figura 84: Foto da barraca improvisada para venda de balas e bebidas.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Percebendo meu olhar curioso, logo veio puxar assunto e explicar o que estava fazendo. Contou que na semana anterior houve um deslizamento no reservatório que fica do outro lado da rua, e que por isso, o canal que abastece as piscininhas tinha sido fechado. Ele demonstrou um grande conhecimento dos encanamentos e engrenagens do antigo sistema de abastecimento.

> Aproveitei que os tanques estão vazios para fazer essa manutenção. Estou tirando toda a areia do fundo e depois vou lavar com sabão, assim a água da piscina vai ficar limpinha. Depois que tudo estiver arrumado, vou lá em cima remanejar os canos pra voltar a ter água aqui embaixo. Também vou usar essa areia pra construir uma parede na minha casa (Babu 2023).

Ele aponta para uma das casas de alvenaria logo acima do leito do Rio Carioca. Em seguida mostra uma ducha provisória que ele mesmo fez com restos de calha e cano, desviando o rio e garantindo acesso à água limpa na área de lazer da comunidade.

Nascido na Favela dos Guararapes, Babu fez questão de contar que sua família mora na comunidade há muitas gerações e que seus avós trabalhavam na antiga fazenda de café. Depois

de alguns anos, se juntaram com alguns amigos para formar uma associação de moradores para comprar as terras. Por isso, mora numa casa “que é dele”.

Ao longo da conversa, Babu foi contando sobre as melhorias que queria fazer no espaço. Construir mais mesas, lixeiras maiores, fazer outro espaço de churrasqueira...

> É uma pena que o rio só é limpo até aqui. Ali embaixo já fica muito sujo e não dá mais pra tomar banho. Tá vendo os canos das casas? Sai direto pro rio. O governo até veio aqui uma vez e começou uma obra..., mas nunca acabou. Aí ficaram esses pedaços de manilha jogados aqui (Babu).

Figura 85: Foto da bica improvisada na Piscininha do Silvestre.
Figura 86: Foto da parede de contenção com recados de preservação nas estruturas.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Ao lado dos produtos à venda há um recipiente com um papel colado, escrito: “caixinha para limpeza do local. *Tip for glean*”[18], que serve para arrecadar verba dos visitantes para compra de sacolas e vassouras. Nas estruturas de concreto que sustentam o muro de contenção e as escadas, há outros recados: “preserve este paraíso”, “não jogue lixo no rio”.

[18] A frase “*Tip for glean”, escrita em inglês, está com um erro, e deveria ser “tip for clean”.*

O questionei sobre o funcionamento e organização do uso da churrasqueira. Ele respondeu como se fosse uma resposta meio óbvia: *"*Quem chegar primeiro pode usar, ué. Mas se depois, chega outro grupo, aí pode juntar as festas, que fica ainda melhor*"* (Babu 2023).

Como se chegassem a um clube, um morador e duas crianças vestidas com roupas de banho e carregando brinquedos, evidenciaram sua surpresa decepção com as piscinas vazias, e foram checar com Babu para entender o que havia acontecido. Eles pareciam se conhecer bem e ficaram um tempo conversando sobre as coisas que precisavam ser feitas para melhorar o lugar.

Figura 87: Foto do Babu varrendo o pocinho.
Figura 88: Foto do rio limpo próximo às casas.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Em seguida, continuamos nossa conversa e Babu lamentou a falta de ajuda para cuidar do lugar. Disse que os vizinhos já ofereceram dinheiro para ele ser o responsável pela limpeza, mas que não quer receber um pagamento por isso, porque acha que é um cuidado que todos deveriam ter com seu próprio quintal.

Vejo que no muro de contenção há um arco de tijolos criando um portal que tem parte do acesso fechado. Deixando apenas uma abertura estreita, formando uma pequena caverna. Vou investigar de perto e Babu relata que se escavar a areia até o fundo, é possível encontrar argolas de ferro. Ele conta que este local era usado para acorrentar indivíduos escravizados, como

forma de castigo, e que quando lá entrou pela primeira vez, teve sensações muito estranhas e quase desmaiou. *"*Era o meu corpo que estava ali. Eu senti como se fosse na minha própria pele" (Babu 2023).

Figura 89: Foto do Babu com sua vassoura.
Figura 90: Foto do encontro com o Babu.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

4.2.2. Elias

Nos corres

Elias é morador do Cerro Corá e trabalha como moto táxi na ladeira de subida para a favela em frente ao terminal de ônibus do Canal do Cosme Velho. Nossa conversa aconteceu durante o trajeto percorrido de moto do bairro do Cosme Velho ao Flamengo, sobre as ruas que encobrem o Rio Carioca. Entrecortada pelo barulho dos carros e aproveitando as paradas nos sinais, conseguimos conversar um pouco sobre o trabalho e sua relação com os vestígios do rio.

Figura 91: Foto de Elias e sua a moto no final do trajeto.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

O ponto de moto taxi era movimentado, com uma fila de homens e suas motos alinhadas aguardando passageiros. Aproximei-me e perguntei quem era o próximo da fila e o valor para ir ao bairro do Flamengo. Um dos moto taxistas prontamente pegou uma prancheta e chamou: "Elias, leva a menina."

Apesar do apelido "menina", eu era, na verdade, mais velha do que a maioria dos jovens trabalhadores que estavam ali de prontidão. Preocupado com minha segurança, Elias perguntou se eu tinha um capacete. Ele alertou que, para conduzir alguém até o Flamengo, era essencial ter um capacete para evitar problemas com a polícia. Rapidamente, coloquei o capacete e me acomodei na garupa da moto, dando início à nossa viagem.

Durante o trajeto, Elias e eu começamos a conversar. Ele compartilhou que trabalhava em uma pizzaria, mas havia sido recentemente demitido. Com o valor da indenização, conseguiu comprar a moto e tornar-se seu próprio chefe.

Curiosa sobre a organização do ponto de moto táxi, perguntei a Elias como eles se organizavam. Ele explicou que todos os moto taxistas eram cadastrados e pagavam uma taxa a um encarregado responsável por organizar a fila e estabelecer os valores das corridas ao final do dia. Era uma forma de cooperativa, onde todos colaboravam para garantir um funcionamento mais justo e organizado.

Ele perguntou o que eu estava estudando. Respondi que estava escrevendo sobre o Rio Carioca. Ele disse:

> Ah sei qual é. Aquele córrego que passa ali no ponto do busão. Às vezes gosto de ir lá ficar ouvindo a água correr. Nem sempre o cheiro é ruim e ficar ali me dá uma tranquilidade. Porque parece que eu tô sempre correndo, sabe?! (Elias)

No final do percurso paramos numa esquina e observei a placa da rua "Travessa dos Tamoios. Indígenas que ocupavam o litoral do Rio de Janeiro". Contei pra ele que estávamos passando pelo caminho do rio e que antigamente, ali era o aproximadamente o local de encontro do rio com a baia. E a placa era uma lembrança pra recordar o que esse espaço já foi. Quando desci da moto ele me pediu pra tirar uma foto "na beira do rio."

Figura 92: Foto da placa da rua Travessa dos Tamoios
Figura 93: Foto no final do percurso com Elias
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

4.2.3. Carmem

Conheço Carmem desde 2017, período em que atuei na Casa de Estudos Urbanos. Durante todos esses anos, tive várias conversas com ela, e neste texto, compartilho algumas das repercussões desses encontros.

Apesar de ambas fazermos aniversários em junho, com uma diferença de apenas uma semana, e de ligarmos um para o outro todos os anos, ainda não sei ao certo a idade exata de Carmem. Estimo que ela tenha por volta de 55 anos. Carmem tem de um brechó de roupas no "shopping chão", onde diariamente ela separa cuidadosamente as peças que deseja expor para venda na Rua da Glória.

Carmem revelou-se uma das estrelas do filme que co-dirigi em 2019: "Shopping Chão: garimpo urbano e resistência". O documentário foi estreado no Cine Mureta, com a presença dos próprios protagonistas, os garimpeiros, e, é claro, Carmem, que brilhou na tela.

No dia da estreia, Carmem estava especialmente arrumada e confessou que, no começo, sentiu-se um pouco envergonhada diante das câmeras, mas rapidamente essa timidez se transformou em animação. Ela ficou encantada ao ver pessoas interessadas em conversar com ela, saber mais sobre suas experiências e vivências no universo do "shopping chão", e tirar fotos ao seu lado.

Figura 94: Cartaz do filme “Shopping Chão: garimpo urbano e resistência”
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

Carmem nasceu na antiga Favela da Catacumba, que foi devastada por um incêndio na década de 1960. Hoje em dia, ela possui uma casa em Bonsucesso, mas às vezes passa dias sem retornar para lá, preferindo dormir em uma hospedaria na Lapa. "Eu era da Lagoa, mas fui parar em Bonsucesso", ela conta.

Revela que às vezes dorme no calçadão para "cuidar do ponto" e economizar. Especialmente aos sábados à noite, pois no domingo acontece a Feira da Glória onde ela recebe muitas doações. Explica que teve um período em que as pessoas não respeitavam o espaço do ponto de venda, então, para garantir seu lugar e começar o trabalho cedo, ela optava por dormir no local. "Eu varro tudo isso aqui. Aqui é tudo varrido antes de começar o trabalho", acrescenta ela.

Figura 95: Foto de Carmem na porta da Casa de Estudos Urbanos
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

A rotina de trabalho de Carmem e dos trabalhadores do shopping chão em geral é intensa. Ela costuma acordar às cinco horas da manhã e trabalhar o dia todo vendendo suas peças na calçada. Às cinco da tarde, ela arruma a "burrinha" - um carrinho usado para carregar suas mercadorias - e parte para garimpar novas peças. Para garantir um pouco de descanso, Carmem faz rodízio com seu companheiro, Rogério, onde um cuida das coisas enquanto o outro descansa.

O dia a dia é repleto de desafios. Ela conta que às vezes passa muitas horas sem ir ao banheiro, pois cada vez precisa pagar pelo menos um real, ou acabar indo na rua mesmo. Carmem também compartilhou suas preocupações sobre a ação da guarda municipal:

> Às vezes a guarda vem de madrugada e toma todas as nossas coisas. Até colchão e cobertas, eles levam! A gente sabe que eles não podem levar o que estiver em cima da 'burrinha', mas quem vai ouvir a gente? É muita covardia! A gente só quer trabalhar."
>
> "Não entendo porque eles pegam as nossas coisas. Meu amigo gaúcho falou no filme de vocês ne... Por exemplo, esse sapato aqui ó, o imposto já está pago. Porque a prefeitura quer esse sapato? Alguém colocou fora esse sapato. Eu fui lá e busquei. E agora outra pessoa pode comprar esse sapato que eu garimpei. (Carmem)

As conversas com Carmem quase sempre aconteciam sentadas na calçada tomando um café, ou entre as produções corridas dos eventos da Casa de Estudos. Esses encontros informais me permitiram desenvolver uma relação próxima e compreender suas necessidades. Foi assim que surgiu o hábito de pôr garrafas de água no peitoril da janela - uma forma de ajudar quem passa o dia todo na rua, como ela. Esse contato também despertou meu interesse pelas águas da Glória e, consequentemente, pelas águas do Rio Carioca.

Esses encontros com Carmem não resultaram apenas em um relacionamento de amizade, mas também abriram novos caminhos de reflexão e descoberta. As histórias e perspectivas compartilhadas por ela são valiosas para entender a realidade dos garimpeiros e a dinâmica da vida urbana nas ruas da Glória. A história de Carmem é um retrato de resiliência e luta, mas também de enfrentamento de desafios e injustiças.

Figura 96: Foto da Carmem com as roupas do brechó ao fundo
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

4.2.4. Davi

Quebrar os ciclos

A visita ao Passeio Público aconteceu durante o horário de almoço, em uma quinta-feira ensolarada de abril de 2023. O parque estava movimentado, com pessoas caminhando e outras aproveitando o tempo, sentadas. Individualmente ou em pequenos grupos, elas se dedicavam a atividades cotidianas: comer, estudar, ler um livro ou saborear um sorvete nos bancos espalhados pelo local (Figura 97 e Figura 98).

Enquanto observava o cenário, avistei uma pessoa uniformizada sentada numa cadeira de plástico, na sombra do coreto. Decidi me aproximar e perguntar a ela sobre a localização da Fonte dos Amores. Surpreso com a pergunta, ele respondeu que só conhecia a Fonte dos Jacarés, que ficava nos fundos do parque. Foi então que me sentei ao seu lado, no degrau próximo. Gentilmente, ele se levantou e ofereceu-me sua cadeira. Agradeci o gesto, mas recusei, e ele se sentou ao meu lado, no chão. Assim se iniciou a nossa conversa.

Figura 97: Foto da guarita no acesso ao parque.
Figura 98: Foto das pirâmides com a ponte ao fundo.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Seu nome era Davi, um homem de trinta e cinco anos que trabalhava como gari desde os dezenove. Contou-me que ficou afastado por dois anos devido a um acidente de trabalho, mas recentemente foi designado para a manutenção do Passeio Público. Explicou que o trabalho

no parque exigia menos esforço físico, por isso muitas pessoas em recuperação ou prestes a se aposentar eram alocadas para essa área.

Enquanto trocávamos palavras, Davi compartilhou que, durante as Olimpíadas no Rio de Janeiro, teve a oportunidade de participar de um curso oferecido aos trabalhadores urbanos. O objetivo era aprender sobre a história da cidade e adquirir noções básicas de inglês para se comunicar com os turistas. Foi nesse momento que ele se apaixonou pela história e começou a seguir páginas que falavam sobre o passado do Rio. Olhando para o horizonte, Davi comentou:

> Devia ser lindo quando o mar chegava aqui no Passeio. Imagina, ficar aqui na sombra das árvores ouvindo as ondas. E as águas eram limpas nessa época! Eu ia gostar bastante de trabalhar aqui e dar um mergulho no fim do dia. (Davi)

Davi compartilhou com sinceridade as dificuldades enfrentadas pelos garis, bem como a falta de reconhecimento do esforço físico exigido em seu trabalho. Também falou sobre o convívio com pessoas em situação de rua, algo comum devido à localização central de seu trabalho. Ele expressou surpresa ao descobrir que muitas dessas pessoas estavam ali devido a distúrbios psicológicos ou a eventos traumáticos em suas vidas.

Durante nossa conversa, Davi mencionou as pessoas que trabalham no centro ou na zona sul, mas não têm dinheiro para pagar o transporte de volta para casa todos os dias. Muitas delas só conseguem voltar a cada quinze dias ou nos fins de semana. Ele também mencionou aqueles que vêm para o Rio de Janeiro em busca de trabalho e acabam entrando em um ciclo difícil de sair. "Como é difícil quebrar os ciclos", Davi lamentou.

Ele contou sobre o local onde registra sua presença no trabalho, na Rua República do Peru, onde existem vários centros de assistência do governo. Embora haja processos e metodologias para ajudar as pessoas em situação de vulnerabilidade, ele observou que muitas delas chegam desesperadas por comida, movidas *pela fome. "Elas só querem comer, sabe?".*

Davi compartilhou sua experiência ao assinar seu primeiro contrato com a COMLURB, empresa responsável pela limpeza urbana. Naquela ocasião, ele estava com a roupa limpa, mas já trajava o uniforme de gari. Ao pegar o metrô, as pessoas evitaram sentar-se ao seu lado. A tristeza tomou conta dele, e ele chegou em casa chorando. Ele discorreu sobre o preconceito que enfrenta por ser uma pessoa parda e por trabalhar na limpeza das ruas.

Enquanto olhávamos para os prédios distantes, Davi comentou sobre a força das antigas construções, apesar de sua idade avançada. Em seguida, ele recordou o desabamento da ciclovia construída na Avenida Niemeyer e concluiu que as obras atuais são mais frágeis.

Em seguida falou das vantagens de trabalhar no parque e como o convívio frequente no Passeio Público permitia que ele conhecesse as pessoas e suas histórias. Durante nossa conversa, uma senhora segurando a coleira de um cachorro chamou Davi pelo nome e perguntou se ele estava melhor, pois sentiu falta dele no dia anterior. Ele explicou que havia faltado porque estava doente.

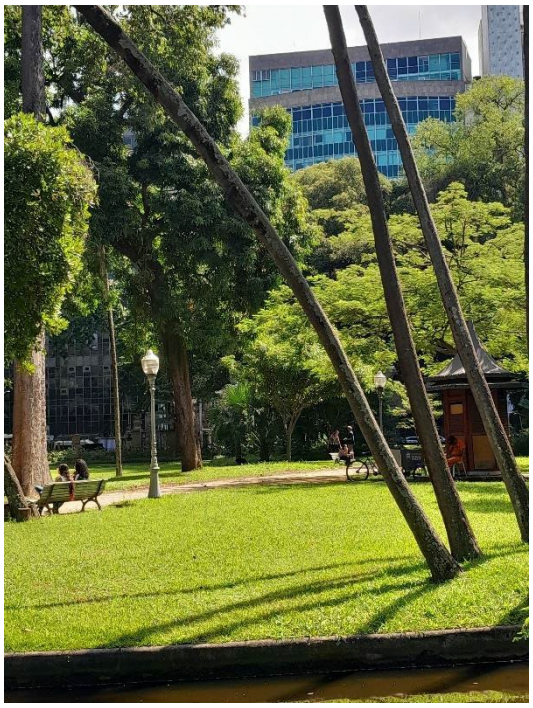


Figura 99: Foto dos jardins do Passeio Público com o coreto ao fundo.
Figura 100: Foto do Davi na sua bicicleta de trabalho.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Davi compartilhou com entusiasmo seu trabalho de recolher folhas com a bicicleta e sua especialidade em podar arbustos (Figura 99 e Figura 100). No entanto, ele não pode executar tarefas como varrição ou carregar caminhões devido ao acidente de trabalho que danificou seu ombro. Ele explicou as condições desafiadoras enfrentadas pelos profissionais da limpeza urbana, desde problemas de esforço repetitivo e tendinite para aqueles que fazem varrição, a problemas nos joelhos para aqueles que trabalham nos caminhões, além das dores lombares frequentes entre os que lidam com o descarte de resíduos.

Davi mencionou que muitos garis se aposentam, mas continuam trabalhando para complementar a renda. Durante a pandemia, eles enfrentaram um alto risco de exposição, uma

vez que seus serviços são essenciais, embora pouco reconhecidos. Davi lamentou a perda de muitos amigos durante esse período desafiador.

Ele expressou saudades de trabalhar nas ruas do centro da cidade, pois, embora fosse mais exaustivo, era também mais dinâmico e permitia que ele conhecesse diferentes pessoas. Davi se considerava uma testemunha da cidade, alguém que vê a vida acontecer em meio à sujeira e aos resíduos.

Davi destacou a importância da educação e mencionou que, mesmo sendo gari, ele continuava buscando conhecimento. Ele compartilhou que havia começado um curso de gestão ambiental, mas teve que interrompê-lo por falta de recursos financeiros. Apesar das dificuldades, ele estava determinado a proporcionar uma vida melhor para seu filho.

> "Faço todos os sacrifícios por ele. Tive que parar de estudar para pagar a escola particular. O ensino público é muito fraco! Quando eu era novo, minha mãe queria que eu tivesse um emprego estável, mas eu quero que meu filho seja livre! Tenho carteira assinada, e não posso reclamar, mas na verdade me sinto ainda sendo um escravo do trabalho. Só faço porque sou obrigado. Mas meu filho vai quebrar esse ciclo e vai ser seu próprio patrão." (Davi)

Já encerrando nossa conversa, ele me perguntou o que penso sobre o governo e antes que eu respondesse, disse: *"é que eu sou contra as cotas, sabe..."*. Disse que considerava errado alguém "receber vantagens apenas por causa da cor da pele." Ele enfatizou a importância do esforço individual para alcançar conquistas.

Fiz algumas argumentações sobre os motivos da medida compensatória e o objetivo de proporcionar oportunidades mais equitativas. Ele refletiu e concluiu: *"é então acho que na verdade as cotas são uma forma de quebrar os ciclos"*.

Figura 101: Foto do encontro com o Davi.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tudo, tudo, tudo que *nóis* tem, é nós”
Emicida, 2019

Os caminhos da pesquisa acadêmica, assim como os do Rio Carioca, são sinuosos e cheios de atravessamentos. Ao longo do tempo, eles se transformam e se modificam. Quando comecei o mestrado, estávamos vivendo um momento difícil e triste da história: a pandemia de covid-19. As aulas foram realizadas remotamente, privando-nos do contato pessoal com colegas e professores. Esse novo formato, imposto pelo isolamento, forçou nossa adaptação e a busca de outras formas de aprender.

Nas conversas semanais do grupo SEL, encontrei um espaço seguro e inspirador, um apoio essencial para o desenvolvimento deste trabalho. Descobri que existem paisagens extraordinárias no nosso cotidiano, seja pela janela de casa ou na nossa própria memória. Essas paisagens se tornaram refúgios em tempos tão delicados.

No decorrer da pesquisa, compreendi que algumas paisagens não são apenas ocultas, mas principalmente ocultadas. A decisão de lembrar ou esquecer, e como retratá-las, são escolhas que moldam o imaginário coletivo. Assim, essa pesquisa-intervenção foi uma exploração não apenas de um território, mas também uma desconstrução do eu-pesquisadora, em um constante desafio de questionar ideias e crenças preconcebidas.

O Rio Carioca é um corpo hídrico, e como corpo, guarda em si alguns vestígios de sua história. Assim como uma bailarina, que mantém em seus músculos e mente as memórias dos movimentos, o rio guarda em suas águas registros que vão além do retrato de eventos históricos, mas preserva sensações e experiências próprias. Sua memória continua a moldar lugares, e sua presença se manifesta mesmo na ausência. A investigação dos vestígios revelou que eles servem como pistas do poder das águas.

No estudo das paisagens aqui apresentados, busquei realizar uma síntese crítica, destacando a importância da valorização de múltiplas narrativas. Ao entrelaçar os "vestígios desconhecidos" com as "narrativas invisibilizadas", explorei aspectos ocultos e muitas vezes negligenciados do contexto urbano.

Assim, foram trabalhadas três escalas distintas. Em primeiro lugar, a escada da Bacia Hidrográfica, na qual foram utilizadas as ferramentas de cartografia histórica e a contextualização socioespacial. Em seguida, a escala das Unidades de Paisagem envolveu

análises morfológicas e identificação de vestígios relevantes. Por fim, a escala do cotidiano contemplou o estudo do percurso e a elaboração de uma cartografia das narrativas.

Os estudos revelam a paisagem como um resultado do processo sócio histórico de ocupação de um território. Assim, o Rio Carioca emerge como uma metáfora poderosa para a compreensão não apenas da Cidade do Rio de Janeiro, mas também do próprio Brasil. Ao percorrer a trajetória histórica da cidade, torna-se evidente a profunda relação de interdependência e transformação que se estabeleceu entre o Rio Carioca e seus habitantes ao longo dos séculos.

Desde a formação da cidade, marcada pelo massacre dos povos originários, até o estabelecimento de uma economia baseada na exploração intensiva da mão de obra escravizada, o Rio Carioca testemunhou a sedimentação de uma estrutura social profundamente desigual e excludente. As marcas dessa herança histórica são visíveis nas dinâmicas urbanas e sociais até os dias atuais.

A evolução do planejamento urbano da cidade também deixou suas marcas no curso do Rio Carioca. A lógica de aterros, desmonte de morros e desmatamentos foram alicerces de diferentes estratégias de ordenamento do espaço urbano ao longo do tempo.

Além disso, a trajetória do saneamento no Brasil também encontra eco no percurso do Rio Carioca. Privilegiando a especulação imobiliária em detrimento das necessidades básicas de infraestrutura e saneamento, a história do saneamento no país reflete-se na qualidade das águas urbanas e nas condições ambientais do rio. O encobrimento dos rios, o despejo de resíduos e a falta de tratamento adequado são desafios que persistem, comprometendo não apenas a saúde e o bem-estar dos moradores da cidade, mas também a própria sustentabilidade do ecossistema fluvial.

Nesse contexto, o Rio Carioca assume um papel emblemático como símbolo das complexidades e contradições presentes na trajetória histórica, social e ambiental da Cidade do Rio de Janeiro e do Brasil como um todo. Sua história e condição atual convidam a reflexões sobre as relações entre poder, desigualdade e exploração dos recursos naturais.

A pesquisa realizada e descrita nesta dissertação não se limitou a fornecer respostas, mas sim impulsionou perguntas e inquietações que continuarão a reverberar. Surge o reconhecimento de que natureza tem seus direitos próprios, da possibilidade de garantir águas limpas e de

construir cidades mais justas. Essas reflexões convidam a repensar nossas relações com humanos e não humanos, e abrem caminho para um futuro de possibilidades transformadoras.

Em conclusão, esta dissertação representa um convite para um repensar contínuo sobre nossas abordagens e práticas. Ela demonstra que as Paisagens Ocultas do Rio Carioca são ricas em histórias e significados, esperando para serem desvendadas. O caminho trilhado abre espaço para uma maior compreensão da complexidade dessas paisagens e para a busca de soluções mais justas.

Se o percurso da pesquisa se assemelha ao percurso do rio, ao fim dos dois, uma coincidência: na última semana de elaboração deste texto, um acontecimento incomum fez com que as águas da Baía de Guanabara se tornassem balneáveis por alguns dias, exatamente na foz do Rio Carioca. Focada em terminar o texto e desaguar na banca de avaliação, tive a oportunidade única de flutuar nas águas límpidas – e limpas – em um dos pontos mais icônicos da cidade, de frente para o Pão de Açúcar, com o Cristo Redentor ao fundo. Acompanhar o Rio Carioca até seu encontro com o mar, para então mergulhar nas águas e emergir. Reconhecer que somos um só: eu, a cidade e o rio.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **A Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

ABREU, M. DE A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.

BAUMAN, Z. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BETONI, C. **Minorias brasileiras**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/minorias-brasileiras/>. Acesso em: 5 abr. 2022.

BESSA FREIRE, J.R; MALHEIROS, MF. **Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: EdUerj, 2009.

BRASIL/MMA. **PROJETO ORLA: Manual de gestão**. Brasília: MP/SPU, 2002.

CARVALHO, N. M. Calada noite preta: ambiências noturnas e o medo do Outro. **Revista Estética e Semiótica**, v. 8, n. 2, p. 99–112, 2018.

CAVALCANTI, N. O. **A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: As muralhas, sua gente, os construtores (1710-1810)**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997.

CORRÊA, Magalhães. **O Sertão Carioca**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1948.

CORRÊA, M. **Terra Carioca. Fontes e Chafarizes**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939.

DIAS, A.P; ROSSO, T.C.A; GIORDANO, G. **A historiografia do Rio Carioca da cidade do Rio de Janeiro**. Em: ROSSO, T.C.A; GIORDANO, G. (org.). Poluição e Saneamento. Edição Especial. Rio de Janeiro: Coletânea em Saneamento Ambiental da Faculdade de Engenharia/ Uerj, v.1, p.25-52.

FORMAN, Richard T.T. ***Urban Regions: Ecology and Planning Beyond the City***. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FORMAN, Richard T.T.; GODRON, Michel. ***Landscape Ecology***. New York: John Wiley & Sons, 1986.

GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. Campinas: Papirus, 1989.

GUDYNAS, E. **Direitos da natureza: ética biocêntrica e políticas ambientais**. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2019.

HAGEDORN, F. **Aquarela Os dois irmãos na Estrada do Aqueduto do Silvestre**. Casa Geyer/Museu Imperial, 1835.

HELLER, L. **Direitos humanos à água e ao esgotamento sanitário em esferas de vida além do domicílio com ênfase em espaços públicos. WORLD HEALTH ORGANIZATION**. [s.l.] Conselho de Direitos Humanos, 2019.

HILDEBRANDT, E. **Carroça d'água**. Instituto Moreira Sales, 1846-4849.

IFRAH, G. **Declaração Universal dos Direitos da Água - *Histoire de L´Eau***.
Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-universal-dos-direitos-da-agua.html>. Acesso em: 6 out. 2020.

INEPAC. **INVENTÁRIO DOS RESERVATÓRIOS TOMBADOS PELO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**.
Disponível em: <http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/home/ireservatorio>. Acesso em: 22 ago. 2020.

ISIDORO, I. **Questões territoriais e transformações culturais - confrontações no sistema de espaços livres na APA Guapimirim/RJ e seu entorno em suas diversas escalas.** 2012. F. 251. Tese (Doutorado em Arquitetura) – UFRJ, Rio de Janeiro.

KARASH, M. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA, 1993.

LAMOUNIER, A. A. CARVALHO, T. YAMAKI, H. TÂNGARI, V. **Atmosferas de preferência e paisagens cotidianas: a cidade através de múltiplos sentidos.** Em: Anais da Conferência Internacional Ressensibilizando Cidades ambiências urbanas e sentidos. Rio de Janeiro, 2019.

LAMOUNIER, A.; YAMAKI, H. Espaços Complexos em Londrina: as "ladeiras" Espírito Santo e Alagoas. Em: **Anais do I SINPEC**. p. 01–21.

LÖWENSTERN, G. H. **Aquarela Vista da Rua da Glória e Largo da Lapa até o convento de Santo da Ajuda**. Casa Geyer/Museu Imperial, 1827-1829.

MACEDO, S. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: Quapá, 1999.

MACEDO, S. S. Litoral urbanização: ambientes e seus ecossistemas frágeis. Em: **Revista Paisagem e ambiente: ensaios**. n 12 ed. São Paulo: FAU USP, 1997. p. 151–232.

MAGALHÃES, J.; MANETTI, C.; TÂNGARI, V. Compartimentos e unidades da paisagem: método de leitura da paisagem aplicado à linha férrea. **Paisagem e Ambiente: Ensaios**, n. 31, p. 61–80, 2013.

MAGNOLI, M. **Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 1982.

MARICATO, Ermínia. **As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias**. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.

MARICATO, E. **A Coronacrise e as emergências nas cidades**. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/04/08/a-coronacrise-e-as-emergencias-nas-cidades-por-erminia-maricato/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

McHARG, Ian L. ***Design with Nature***. Nova York: Doubleday, 1969

MENDONÇA, B. O**s espaços livres e a estruturação da paisagem: uma avaliação das pracialidades no subúrbio ferroviário do rio de janeiro**. 2018. 191 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - UFRJ, Rio de Janeiro.

MICHEL, J. Podemos falar de uma política do esquecimento? p. 14–26, 2010.

MORLIN, V. T.; EUZÉBIO, S. R. M. Revista do CNMP - Água, Vida e Direitos Humanos. Em: **Direito à água: um direito humano de três dimensões**. [s.l: s.n.]. v. 110p. 59–81.

MOSTAFAVI, M.; DOHERTY, G. **Urbanismo Ecológico**. 1ª ed. [s.l.] Editora Gustavo Gili, 2004.

NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. **Lev Vygotsky cientista revolucionário.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SIQUEIRA, N. **A indisciplina que orienta. Design no espaço urbano.** 2016. f. 280. Tese (Doutorado em Arquitetura) – UNB, Brasília.

OLERJ. **População de rua de na cidade do Rio de Janeiro.** Observatório Legislativo Da Intervenção Federal Na Segurança Pública Do Rio De Janeiro, 2019. Disponível em: <http://olerj.camara.leg.br/retratos-da-intervencao/populacao-de-rua-de-na-cidade-do-rio-de-janeiro>

ONU. Relatório do Desenvolvimento Humano 2006. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**, 2006.

PAULA, B. **Favela dos Guararapes: uma narrativa de resistência e luta pela permanência.** 2020. 170 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – PUC, Rio de Janeiro.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

PROARQ. **12º COLÓQUIO de Pesquisa**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xoq8q7JceM>. Acesso em: 8 nov. 2021.

PUSTKOW, F. Carioca, em: **Vistas do Rio de Janeiro: collecção Pustkow**. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1850.

QUEIROGA, E. F. A. **A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação Comunicativa.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

RHEINGANTZ, P. A. AZEVEDO, G. BRASILEIRO, A. ALCANTARA, D. QUEIROZ, M. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROLNIK, S. **CARTOGRAFIA ou de como pensar com o corpo vibrátil**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROMERO, M. **Cartografias de experiências urbanas corpo, pensamento e cidade em movimento**. Curitiba: Appris, 2018.

RUGENDAS, J. ***Porteurs d'eau***. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1800.

SANTOS, M. **O país distorcido: o Brasil, a globalização a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SCHLEE, M. et al. **Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras – Um Debate conceitual.** Paisagem Ambiente: ensaios - n. 26, p. 225–247, 2009.

SCHLEE, M. B.; CAVALCANTI, N. O.; TAMMINGA, K. As transformações da paisagem na bacia do rio Carioca. **Paisagem e Ambiente**, n. 24, p. 267, 2007.

SILVA, R. F. DA. **O Rio antes do Rio**. Rio de Janeiro: Relicário, 2015.

SCHMIDT, H. **Aquarela Vista do Morro de Santa Teresa, olhando a cidade**. Casa Geyer/Museu Imperial, 1834.

SCHULTZ, K. **Versalhes Tropical**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

TÂNGARI, V. R. **Um outro lado do Rio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

TÂNGARI, V. R.; SCHLEE, M. B.; ANDRADE, R. DE. **Sistema de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências**. Rio de Janeiro: PROARQ-FAU/UFRJ, 2009.

TULKU, T. **A liberdade oculta da mente**. Rio de Janeiro: Dharma, 2007.